

Série

O Espiritismo na Bíblia

Evocação de Espíritos

A portrait of Allan Kardec, a French spiritist, shown from the chest up. He has a mustache and is wearing a dark coat over a white shirt and a patterned cravat. The background is a faded, sepia-toned image of a large, domed building, likely a historical site in Paris.

**“O Espiritismo é a chave
que dá o verdadeiro sentido
das passagens bíblicas mal
compreendidas.”**

(KARDEC, *Revista Espírita* 1864)

Paulo Neto

Série O Espiritismo na Bíblia

- 1 - Anjos e Demônios
- 2 - Comunicação com os Mortos
- 3 - Evocação de Espíritos
- 4 - Imortalidade da Alma
- 5 - Influência dos Espíritos
- 6 - Mediunidade
- 7 - Reencarnação
- 8 - Imposição das mãos (O passe)
- 9 - A mulher
- 10 - Qual ressurreição: da carne, na carne ou é a do Espírito?

Série O Espiritismo na Bíblia

Evocação de Espíritos

(Versão 4)

“Àquele que diz: ‘Eu creio na autoridade da Igreja e não me afasto dos seus ensinamentos, sem nada buscar além dos seus limites’, o Espiritismo responde que não se impõe a pessoa alguma e que não vem forçar nenhuma convicção.” (ALLAN KARDEC)

“O culto que estiver com a verdade absoluta nada terá que temer da luz, pois a luz faz brilhar a verdade e o demônio nada pode contra esta.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2020 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:
<https://mk0circuloabravn7kwl.kinstacdn.com/wp-content/uploads/2019/10/allan-kardec-circulo.jpg>

Revisão:
Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:
Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, 15 de abril de 2020.

Índice

Introdução.....	5
É fato inquestionável que Saul não consultou feiticeira nem bruxa coisa alguma.....	7
A comunicação com os mortos e a relação com a prática da necromancia.....	28
Será mesmo que os demônios se fazem passar por Espíritos dos mortos?.....	163
Quem são os demônios citados na Bíblia?.....	199
Conclusão.....	219
Referências bibliográficas.....	222
Dados biográficos do autor.....	226

Introdução

Apesar de continuamente estarmos perscrutando, até hoje não conseguimos distinguir qual a real razão que move algumas pessoas a tanto se preocuparem com a Doutrina Espírita. Será que temem a verdade que ela traz, libertando os fiéis das algemas que lhes impõem os líderes das religiões tradicionais?

E, especificamente, quanto aos líderes, será que o fazem é para não correr o risco de perder o seu ganha-pão? Em ***Cristianismo e Espiritismo***, Léon Denis (1846-1927) foi muito feliz ao dizer que: *“É sempre assim. Quando novos aspectos da verdade se apresentam aos homens, é sempre a desconfiança e a hostilidade que o provocam”*. (1)

Vemos nesse tipo de coisa – ataque gratuito a outras religiões – como sendo algo que o crente faz por não ver nada de bom na sua religião, assim, para valorizá-la, é preciso atacar a dos outros, numa atitude totalmente equivocada, pois o que se deve fazer é apenas mostrar o que há de bom na sua

religião, sem se preocupar com a forma de pensar dos que não lhe seguem as fileiras. É muito provável que lhes caibam a frase *“O que mais me impressiona nos fracos, é que eles precisam de humilhar os outros, para se sentirem fortes...”* (GANDHI)

Também é fácil perceber que alguns o fazem por puro orgulho, ao se considerarem melhores, mais inteligentes, mais capazes que todas as pessoas, acham que sua posição é superior em tudo o que pensam e acreditam os outros, são os conhecidos “donos da verdade”, cujo fanatismo choca a qualquer pessoa de bom senso e irrita os que não têm muita paciência.

É fato inquestionável que Saul não consultou feiticeira nem bruxa coisa alguma

Provavelmente que, de início, você, caro leitor, já deve ter estranhado o título que colocamos no presente capítulo, entretanto, ele tem a sua razão de ser. Expliquemo-nos, tomando de alguns dicionários o significado de alguns termos.

1) Houaiss:

Feiticeira: bruxa

Bruxa: mulher que tem fama de se utilizar de supostas forças sobrenaturais para causar malefícios, perscrutar o futuro e fazer sortilégios; feiticeira.

Pitonisa: na Grécia antiga, sacerdotisa do deus Apolo; na Antiguidade, mulher que possuía o dom da profecia.

Necromante: praticante da necromancia; neciomante, nigromante (ETIM gr. *nekrómantis*, eós 'adivinho que prediz o futuro evocando os mortos').

2) Aurélio:

Feiticeira: mulher que faz feitiços; bruxa,

carocha, estrige, magia, mágica.

Bruxa: mulher que faz bruxarias; feiticeira, maga, mágica;

Bruxaria: ação maléfica atribuída a bruxos ou magos; magia negra; acontecimento que, à falta de explicação, se atribui supersticiosamente a artes diabólicas ou a espíritos sobrenaturais.

Pitonisa: na Antiguidade, adivinho que previsa o futuro; mago, nigromante.

Necromante: pessoa que pratica a necromancia.

Necromancia: adivinhação pela invocação dos espíritos.

3) Dicionário Prático Barsa:

Bruxaria, Feitiçaria: Real ou suposto poder sobrenatural, conseguido pela venda da alma de uma pessoa ao demônio ou por algum outro comércio com os espíritos maus. Estritamente falando a feitiçaria é sempre praticada com más intenções; com ou sem eficácia, é um ato contra a religião e um pecado contra a justiça e a caridade. A Igreja não nega que seja possível este comércio com o demônio, mas o condena, mas isto não impediu que no século XVII se opusesse, em nome da justiça, a perseguições injustas ou fanáticas contra pessoas acusadas de feitiçaria. (2)

Feiticeiro, Encantador: Pessoa que

invoca a ajuda do demônio para fazer maravilhas. Os encantadores atribuem mais poder ao demônio do que a Deus, e desta maneira indiretamente negam a Santidade, Onipotência e Sabedoria de Deus. Assim não se permitia aos israelitas consultá-los (Lev 19,31; Dt 18,10). Por isso os feiticeiros deviam ser condenados à morte (Ex 22,18).
(³)

Percebe-se que, por detrás de tudo, a intenção dos teólogos autores do *Dicionário Prático Barsa* em se relacionar necromancia como se fosse feitiçaria ou bruxaria é para “fazer a cabeça” de seus fiéis, de forma que eles, por medo, não recorram a tais práticas e muito menos se simpatizem com os que dela se utilizam.

Mas a verdade é bem outra da que querem passar, pois o que se fazia à época, além da comunicação com os mortos propriamente dita, era também a prática da necromancia, que consistia na evocação dos mortos para fins de adivinhação. Vejamos os que encontramos como seu significado:

Dicionário Bíblico Universal:

NECROMANCIA: Meio de adivinhação interrogando um morto. **Babilônios,**

egípcios, gregos a praticavam. Heliodoro, autor grego do III ou do século IV d. C., relata uma cena semelhante àquela descrita em 1Sm (Etíope 6,14). O Deuteronômio atribui aos habitantes da Palestina “a interrogação dos espíritos ou a evocação dos mortos” (18,11). **Os israelitas também se entregaram a essas práticas,** mas logo são condenadas, particularmente por Saul (1Sm 28,3b). Mas, **forçado pela necessidade, o rei manda evocar a sombra de Samuel** (28,7-25): patético, o relato constitui uma das mais impressionantes páginas da Bíblia. **Mais tarde, Isaías atesta uma prática bastante difundida (Is 8,19):** parece que ele ouviu “uma voz como a de um fantasma que vem da terra” (29,4). Manassés favoreceu a prática da necromancia (2Rs 21,6), mas Josias a eliminou quando fez sua reforma (2Rs 23,24). Então o **Deuteronômio considera a necromancia e as outras práticas divinatórias como “abominação”** diante de Deus, e como o motivo da destruição das nações, efetuada pelo Senhor em favor de Israel (18,12). O Levítico considera a necromancia como ocasião de impureza e condena os necromantes à morte por apedrejamento (19,31; 20,27). ⁽⁴⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Dicionário Prático Vozes:

Necromancia: Ou evocação dos mortos,

é uma prática que supõe a possibilidade de entrar em contato com os mortos e de esses poderem comunicar mensagens do além, e até de aconselhar os vivos em problemas difíceis. **A prática era conhecida da Mesopotâmia, no Egito e em Canaã.** Apesar da proibição (cf. Lv 19,31 e nota), **Saul recorreu à necromancia** (cf. 1Sm 28,7-10) e foi por isso punido (1Cr 10,13). (5)

É importante registrar que nesses dois dicionários bíblicos, ambos de cunho católico, é bom lembrar, afirmam que Saul recorreu a necromancia e não a feitiçaria ou bruxaria, como querem fazer transparecer, não digo os adversários; mas os inimigos mesmo do Espiritismo.

Além disso, se confirma que o *“Deuteronômio considera a necromancia e as outras práticas divinatórias como ‘abominação’”*, o que comprovaremos um pouco mais à frente. Então, baseando-se neles, podemos dizer que a verdade é que Saul procurou foi uma necromante e não uma feiticeira ou bruxa, portanto, **mente descaradamente quem diz que Saul consultou feiticeira ou bruxa!!!**

Observa-se que não têm a menor cerimônia

em mudar o significado do termo, ferindo, com isso, o princípio de um mínimo comportamento ético aceitável.

E certo estava Orígenes de Alexandria, (185-254), célebre teólogo dos primórdios do cristianismo, considerado, inclusive, como um dos “Pais da Igreja”, quando, em **Contra Celso**, disse:

[...] mas as **pessoas dominadas pela cólera e o ódio lançam contra os que elas odeiam as injúrias que lhes passam pela cabeça**, impedidas pela paixão de formular suas acusações de maneira refletida e ordenada. (6)

E, por fim, uma última definição, agora na obra **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**:

NECROMANCIA: Essa palavra vem do grego, *nâkros*, “morto”, e *mantéia*, “adivinhação”. A expressão hebraica correspondente é *doresh 'el-hammethim*, “aquele que indaga dos mortos”. **A necromancia consiste na comunicação com os mortos, com o propósito de adivinhar**, de obter ajuda, de prever o futuro, de obter conselhos, etc. (7)

Os autores Russell Norman Champlin (1933-2018) e João Marques Bentes, não muito honrosamente, a nosso ver, colocaram coisas além do real significado do termo, pois não poderiam incluir no rol as comunicações com o propósito de obter-se ajuda e conselhos, quando isso não está relacionado a conhecimento de fatos futuros.

Confirma-se, nessas últimas citações, as dos dicionários, que necromancia, era uma prática difundida àquela época. Veremos se há comprovação histórica disso como também da comunicação com os mortos, que são assuntos interligados, os quais estudamos nesse texto.

Um fato que ficou claro para nós é que os que assim se posicionam, na verdade, não são nem ao menos originais nisso, pois Allan Kardec (1804-1869), a seu tempo, por volta da metade do século XIX, já se via às voltas com essa mórbida acusação, tanto é que isso mereceu dele os seguintes comentários em resposta a um visitante:

Médiuns e feiticeiros

V. – Desde que a mediunidade não é mais que um meio de entrar em relação com as

potências ocultas, médiuns e feiticeiros são mais ou menos a mesma coisa.

A. K. – Em todos os tempos houve médiuns naturais e inconscientes que, **pelo simples fato de produzirem fenômenos insólitos e incompreendidos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuarem com o diabo**; foi o mesmo que se deu com a maioria dos sábios que dispunham de conhecimentos acima do vulgar. **A ignorância exagerou seu poder e, muitas vezes, eles mesmos abusaram da credulidade pública, explorando-a; daí a justa reprovação que os feriu.**

Basta-nos comparar o poder atribuído aos feiticeiros com a faculdade dos verdadeiros médiuns, para conhecermos a diferença, mas a maioria dos críticos não se quer dar a esse trabalho.

Longe de fazer reviver a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretense poder sobrenatural, de suas fórmulas, engrimanços, amuletos e talismãs, e reduzindo a seu justo valor os fenômenos possíveis, sem sair das leis naturais.

A semelhança que certas pessoas pretendem estabelecer, provém do erro em que estão, julgando que os Espíritos estão às ordens dos médiuns; repugna à sua razão crer que um indivíduo qualquer possa, à vontade, fazer comparecer o Espírito de tal ou tal personagem, mais ou

menos ilustre; nisto eles estão perfeitamente com a verdade, e, **se antes de apedrejarem o Espiritismo, se tivessem dado ao trabalho de estudá-lo**, veriam que ele diz positivamente que os *Espíritos não estão sujeitos aos caprichos de ninguém, que ninguém pode, à vontade, constrangê-los a responder ao seu chamado; do que se conclui que os médiuns não são feiticeiros.* ⁽⁸⁾

Allan Kardec deixa bem claro que “*longe de fazer reviver a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila*” e, ao final conclui: “*os médiuns não são feiticeiros*”. Nada mais se precisaria acrescentar, uma vez que essas duas frases liquidam o assunto; porém vamos dar o tiro de misericórdia:

Certamente, a **distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria** é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. **Confundi-las é provar que de nenhuma se sabe patavina.** ⁽⁹⁾

Ainda é atualíssima esta sua assertiva que apenas lhe daremos uma outra roupagem, dizendo: “*se antes de apedrejarem o Espiritismo, se tivessem dado ao trabalho de estudá-lo*” é certo que dele

teriam uma outra ideia e nunca diriam que ele é feitiçaria, bruxaria e outras possíveis “rias” a mais.

Ainda sobre o mesmo assunto, na obra **O Que é o Espiritismo**, afirma categórico que:

Só a malevolência e uma rematada má-fé puderam confundir o Espiritismo com a magia e a feitiçaria, quando aquele repudia o fim, as práticas, as fórmulas e as palavras místicas destas. Alguns chegaram mesmo a comparar as reuniões espíritas às assembleias do sabbat, nas quais se espera o soar da meia-noite, para que os fantasmas apareçam. ⁽¹⁰⁾

A crítica malévola representou as comunicações espíritas como mescladas pelas práticas ridículas e supersticiosas da magia e da nigromancia; se esses homens que falam do Espiritismo, sem conhecê-lo, se dessem ao trabalho de estudá-lo, teriam poupado esses desperdícios de imaginação, que só servem para provar sua ignorância ou má-vontade. ⁽¹¹⁾

E mais ainda nos dias de hoje, quando se tem tantas obras, incluindo aí todas as de Allan Kardec, à disposição do público, inclusive, muitas das quais sem custo algum, podendo ser gratuitamente

baixadas na Internet, relacionar Espiritismo com a magia e a feitiçaria somente por *“malevolência e uma rematada má-fé”*.

Aliás, isso nos parece ser algo recorrente na história, pois Moisés foi acusado de feiticeiro pelos egípcios ⁽¹²⁾; sobre os judeus diziam que *“foram incitados a adorar os anjos do céu pelos encantamentos da magia e da feitiçaria, que fazem aparecer fantasmas aos encantadores”* ⁽¹³⁾; aos cristãos de estarem *“praticando a magia e a feitiçaria, invocam os nomes bárbaros de certos demônios”* ⁽¹⁴⁾; inclusive, chegou-se a ponto de *“espalharem contra o evangelho a calúnia que os cristãos imolavam uma criancinha, cuja carne era distribuída entre os convivas”* ⁽¹⁵⁾.

E aos que, porventura, se dizem ser *“um pesquisador do Espiritismo no Brasil”*, recomendamos um estudo profundo das obras de Allan Kardec, e, para ampliar as suas pesquisas, irem a Centros Espíritas, para terem a oportunidade de, *in loco*, verem, *“com os próprios olhos”*, o que, de fato, acontece no Espiritismo, e que não se coaduna com fraude e fraudadores, pois, apenas pela leitura, terão

um conhecimento limitado e deficiente.

Certamente, fazendo isso, iriam ver que usar os termos “mãe de santo”, “macumbeira”, etc., para designar uma médium espírita, não tem sentido algum. Tomará conhecimento que o motivo que leva *“milhões de brasileiros a buscarem uma solução para os seus problemas no Espiritismo”*, como se ouve por aí, é, exatamente, a ignorância do que realmente ele seja.

Para finalizar, vejamos, em **O Erro Espírita**, a opinião de René Guénon (1886-1951), metafísico e crítico social francês, porquanto seu testemunho é-nos muito importante:

[...] Assim, a primeira distinção que se terá que fazer está entre a magia e o “culto dos antepassados”, e é inclusive mais que uma distinção, posto que, de fato tanto como de direito, é uma separação absoluta; mas **há aí ainda outra coisa: é que a magia não é o espiritismo**, de que difere teoricamente de uma ponta a outra, e virtualmente em uma medida muito ampla. Primeiro, **devemos observar que o mago é justamente o contrário de um médium**; desempenha na produção dos fenômenos um papel essencialmente ativo, enquanto que o

médium é, por definição, um instrumento puramente passivo; sob esta relação, o mago teria mais analogia com o magnetizador, e o médium com o “sujeito” deste; mas é necessário acrescentar que o mago não opera necessariamente por meio de um “sujeito”, que isso é inclusive muito estranho, e que o domínio onde exerce sua ação é muito mais extenso e complexo que o domínio onde opera o magnetizador. Em segundo lugar, **a magia não implica que as forças que põe em jogo sejam “espíritos” ou algo análogo**, e, ali mesmo onde apresenta fenômenos comparáveis aos do espiritismo, dá-lhes uma explicação completamente diferente; por exemplo, pode-se empregar muito bem um procedimento de adivinhação qualquer sem admitir que as “almas dos mortos” intervenham para nada nas respostas obtidas. ⁽¹⁶⁾

O motivo pelo qual recorreremos a Guénon, foi porque ele era radicalmente contra o Espiritismo, conforme se pode ver, por exemplo, nessas suas falas: *“as pretensas 'revelações de além-túmulo' não são geralmente mais que um aglomerado de banalidades”* ⁽¹⁷⁾, *“o espiritismo é uma das doutrinas mais grosseiramente exotéricas que jamais tenham existido”* ⁽¹⁸⁾ e *“deve ser denunciado como perigoso para a salubridade pública”* ⁽¹⁹⁾; mas, pelo menos,

foi, neste ponto, honesto o suficiente para não relacioná-lo com magia ou feitiçaria.

Para demonstrar até onde chega a sandice de muitos, transcrevemos algo bem interessante que encontramos no livro **Arquivos Secretos da Feitiçaria e da Magia Negra**:

Ora, o direito eclesiástico estabelece as suas regras quanto aos feiticeiros, aos pactos e ao sabat. **Em 1260, o Papa Alexandre IV fixava os pontos essenciais da feitiçaria que deviam ser combatidos pelo ferro e pelo fogo.** O seu requisitório contra os feiticeiros merece ser dado a conhecer:

- Os feiticeiros renegam Deus.
- Adoram o Diabo.
- Dedicam-lhe os filhos.
- Sacrificam-lhe, pelo sangue, crianças.
- Consagram os filhos a Satanás no ventre materno.
- Põem-se ao serviço de Satanás.
- Juram pelo nome do Demônio.
- Cometem incestos.
- Matam e cozem em água a ferver as suas vítimas, para as comerem.
- Comem os enforcados.

– Fazem morrer o gado, arder as colheitas.

– São escravos do Diabo.

Gregório IX, pouco tempo antes, criara a Santa Inquisição da Fé, tribunal do Santo Ofício, a seguir aos autos-de-fé cátaros contra a heresia. **A feitiçaria, religião do Diabo, é uma heresia**, e a pior. “A Inquisição ordena que os culpados sejam condenados à morte, não vulgar, tal que possa assustar e servir de exemplo a toda a gente”. [...]

[...].

Os inquisidores identificavam os feiticeiros desta forma:

– Faculdade de conhecerem os pensamentos, mesmo não expressos ⁽²⁰⁾.

– Inteligência das línguas estrangeiras sem as terem aprendido.

– Conhecimento dos acontecimentos futuros ⁽²¹⁾.

– Conhecimento do que se passa nos lugares afastados e fora do alcance da vista ⁽²²⁾.

– Exaltação das faculdades intelectuais ⁽²³⁾.

– Forças físicas superiores ao normal.

– Levitação ⁽²⁴⁾.

A primeira reacção da Igreja, logo que a acção do Diabo sobre um crente estava

provada – ou parecia estar, o que era o mesmo –, consistia em excomungá-lo. ⁽²⁵⁾

Se é assim que veem os feiticeiros, então, por mais forte razão, não se aplica ao Espiritismo a proibição mosaica, porquanto nada disso se faz em nosso meio, a não ser na mente doentia dos fanáticos, que, infelizmente, se vê até entre os líderes das igrejas.

Ainda bem que vivemos noutros tempos; caso contrário, iríamos arder nas fogueiras da intolerância religiosa, patrocinada pela Igreja de Roma (leia-se: Inquisição).

Em ***Falsas Doutrinas - Seitas e Religiões***, o Prof. Felipe Aquino diz que ela, a Igreja Católica, por exemplo, ensina em seu catecismo que:

“A superstição é o desvio do sentimento religioso e das práticas que ele impõe. Pode afetar também o culto que prestamos ao verdadeiro Deus, por exemplo; quando atribuímos uma importância de alguma maneira mágica a certas práticas, em si mesma legítimas ou necessárias” (§2111). “A superstição é um desvio do culto que rendemos ao verdadeiro Deus. Ela mostra-se particularmente na idolatria, assim como nas

diferentes formas de adivinhação e de magia” (§2138). **Sobre a magia e o espiritismo** diz:

*“Todas as práticas de magia ou de feitiçaria com as quais a pessoa pretende domesticar os poderes ocultos para colocá-los a seu serviço e obter um poder sobrenatural sobre o próximo – mesmo que seja para proporcionar a este a saúde – são gravemente contrárias à virtude da religião. Essas práticas são ainda mais condenáveis quando acompanhadas de uma intenção de prejudicar a outrem, ou quando recorrem à intervenção dos demônios. O uso de amuletos também é repreensível. **O espiritismo implica frequentemente práticas de adivinhação ou de magia. Por isso a igreja adverte os fiéis a evitá-lo.** O recurso aos assim chamados remédios tradicionais não legitima nem a invocação dos poderes maléficos nem a exploração da credulidade alheia”.* (§2117).

“Todas as formas de adivinhação hão de ser rejeitadas: recurso a Satanás ou aos demônios, **evocação dos mortos** ou outras práticas que erroneamente se supõem 'descobrir' o futuro (Deuteronômio 18,10; Jr 29,8). A consulta aos horóscopos, a astrologia, a quiromancia, a interpretação de presságios e da sorte, os fenômenos de visão, **o recurso a médiuns escondem uma vontade de poder sobre o tempo, sobre a história e finalmente sobre os homens, ao**

mesmo tempo que um desejo de ganhar para si os poderes ocultos. Estas práticas contradizem a honra e o respeito que, unidos ao amoroso temor, devemos exclusivamente a Deus". (§2116). (26) (grifo nosso, itálico do original)

Quando lemos coisas desse tipo sempre vêm ao nosso pensamento: a quem essa liderança segue? Certamente, não é a Jesus, em quem não vimos atitudes como as que se vê aqui colocadas pelos que dizem segui-lo; mas, que, na verdade, estão longe disso.

E não pudemos deixar de lembrar-nos do filósofo Baruch Espinosa (1632-1677), que, em ***Tratado Teológico-político***, sabiamente, disse:

Inúmeras vezes fiquei espantado por ver homens que se orgulham de professar a religião cristã, ou seja, o amor, a alegria, a paz, a continência e a lealdade para com todos, combaterem-se com tal ferocidade e manifestarem cotidianamente uns para com os outros um ódio tão exacerbado que se torna mais fácil reconhecer a sua fé por estes do que por aqueles sentimentos. [...] logo o amor de propagar a divina religião se transformou em sórdida avareza e ambição; de tal maneira que o próprio templo

degenerou em teatro em que não mais se veneravam doutores da Igreja mas oradores que, em vez de quererem instruir o povo, queriam era fazer-se admirar e censurar publicamente os dissidentes, não ensinando senão coisas novas e insólitas para deixarem o vulgo maravilhado. Daí surgirem grandes contendas, invejas e ódio que nem o correr do tempo foi capaz de apagar ⁽²⁷⁾

Completa, dizendo:

Certamente que se eles tivessem uma centelha que fosse da luz divina, não andariam tão cheios de soberba idiota e aprenderiam a honrar a Deus e distinguir-se-iam dos outros pelo amor, da mesma forma que agora se distinguem pelo ódio. Nem perseguiriam com tanta animosidade os que não partilham das suas opiniões; pelo contrário, sentiriam piedade deles (se é, de fato, a salvação alheia e não a própria fortuna que os preocupa). Além disso, se realmente tivessem alguma luz divina, ela se veria pela sua doutrina. ⁽²⁸⁾

Para arrematar categórico, um pouco mais adiante:

Como, além disso, os homens são por temperamento bastante diferentes, e, como uns preferem esta, outros aquela opinião,

inspirando a uns sentimentos religiosos o que a outros só provoca o escárnio, concluo ser necessário deixar a cada um a liberdade de julgar e a possibilidade de interpretar os fundamentos da fé segundo a sua maneira de ser, e não se ajuizar da fé de ninguém a não ser pelas suas ações, conforme forem piedosas ou ímpias. Só assim poderão todos obedecer a Deus de livre e inteira vontade e dar valor apenas à justiça e à caridade. (29)

O que nos deixa muito admirado é que essas coisas, apesar de ditas séculos atrás – meados do século XVII –, são tão atuais, que mais nos parecem ser ditas agora, neste exato momento.

Além de tudo isso, que já colocamos, há mais duas coisas cruciais que fariam do Espírita um perfeito idiota se viesse a querer saber o futuro, dado aos conhecimentos que possui sobre o intercâmbio entre os dois planos da vida.

A primeira, é que o fato de *“evocar todo e qualquer Espírito não implica para este a obrigação de estar à nossa disposição, que ele pode vir em certa ocasião e não vir em noutra”* (30).

A segunda, é que os Espíritos para conhecer o futuro vai *“depende da perfeição do espírito”* (31),

além disso restará o mais importante para o caso que é a permissão de Deus para que seja revelado, porquanto, o futuro *“é oculto e somente em casos raros e excepcionais Deus permite que seja revelado”* ⁽³²⁾, que somente acontece *“quando esse conhecimento prévio deve facilitar a execução de alguma coisa, em vez de dificultá-la, obrigando o homem a agir de modo diverso do que faria, caso não tivesse esse conhecimento”* ⁽³³⁾.

Então, o que fica bem claro é que Espírita, que se preze, não se dá ao trabalho de querer saber o futuro; porém não é o que acontece com quem não é espírita, e, especialmente, com os que dele nada conhecem e, em razão disso, acham que ficamos à procura de conhecer ou desvendar o futuro.

A comunicação com os mortos e a relação com a prática da necromancia

Devemos deixar bem claro, logo de início, que o Espiritismo não precisa do apoio de passagens bíblicas para justificar as manifestações dos Espíritos, porquanto, nós as vemos como ocorrência natural, que existem desde o início da criação, por estar entre as leis estabelecidas por Deus para regular o Universo.

Alguém poderia nos perguntar por qual motivo trazemos aos nossos argumentos várias passagens bíblicas? Sim, é fato; entretanto, o motivo que nos leva a fazer isso é porque os que atacam o Espiritismo usam de determinadas passagens para nos acusar de estarmos contrariando as leis divinas; quando não as usam para “provar” que os mortos não se comunicam, mas somente os demônios. E, diante disso, sempre estamos alertando-os, dizendo: “não faça de sua Bíblia uma arma, pois a vítima pode ser você”.

Para maior consistência de nosso estudo,

tornou-se necessário buscar várias fontes para confirmar que a prática generalizada da evocação dos mortos, para fins de adivinhação, era, naquela época, uma das formas com a qual se comunicavam com os mortos e por isso mesmo que se “combatia”.

Um equívoco de interpretação, tirando-se os que agem por má-fé, é achar que na Bíblia há uma proibição indiscriminada contra a evocação dos mortos, pois nela trata-se especificamente das que tinham por objetivo o conhecimento de fatos futuros, ou seja, apenas a necromancia.

A certeza disso poder-se-á ter ao se ver as consequências para os infratores:

Levítico 19,31: *“Não se dirijam aos **necromantes**, nem consultem **adivinhos**, porque eles **tornariam vocês impuros**. Eu sou Javé, o Deus de vocês.”*

Levítico 20,6: *“Quem recorrer aos **necromantes e adivinhos**, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra esse homem e **o eliminarei do seu povo.**”*

O Levítico é um livro que contém toda uma legislação mosaica voltada às práticas religiosas dos

judeus, envolvendo, em primeiro plano, os que seriam os responsáveis por fazê-las. E aqui tanto a orientação, quanto o que dela resultar, estão, claramente, relacionadas à necromancia e à adivinhação, que era o que se procurava coibir.

Portanto, o que passar disso é por conta dos fanáticos, que só pensam em impor aos outros as suas próprias sandices. E para nós, não deixa de ser lógico que o fato de se proibir é, na pior das hipóteses, por se presumir a sua realidade.

Neste outro passo, encontramos uma abrangência maior às proibições, inclusive, é o que mais usam contra nós:

*Deuteronômio 18,9-12: “Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, nem quem **consulte os mortos**; pois todo aquele que faz tal coisa **é abominação** ao Senhor; e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança de diante de ti”. (Bíblia Shedd)*

Observar que todas as citações têm a ver com algo relacionado ao conhecimento de fatos futuros; portanto, o “consulte os mortos” também está implicitamente ligado a essa questão, caso essa tradução seja fiel ao original; e, da mesma forma, pode-se incluir os feiticeiros ou bruxos que buscavam desvendar o futuro. Tanto é verdade que, um pouco mais à frente, quando, no mesmo livro, se retorna a essas proibições, tudo foi resumido da seguinte forma:

*Deuteronômio 18,14: “Porque estas nações, que há de possuir, **ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o Senhor Deus não permitiu tal cousa”.***

Assim, fica patente que a prática de fazer prognóstico e de adivinhação é que eram o objeto das proibições, ou seja, atingiam as várias formas com as quais faziam isso; nada mais além disso.

Por outro lado, se está dito que “a ti o Senhor Deus não permitiu tal coisa”, não implicaria dizer que as outras nações faziam isso, que estava sendo proibido aos hebreus? Vejamos como Orígenes, em

Contra Celso, nos explica isso:

[...] E estabelecerei esta necessidade assim: “As nações que vais conquistar”, como está escrito na própria lei dos judeus, “ouvem oráculos e adivinhos”, ao passo que se diz a este povo: “Quanto a ti, isso não é permitido pelo Senhor teu Deus”; e prossegue: “O senhor teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti” (Dt 18,14-15). Os pagãos usavam a adivinhação por meio de augúrios, presságios, auspícios, ventríloquos, arúspices, caldeus que liam horóscopos, **coisas estas proibidas todas aos judeus; por isso os judeus, se não tivessem tido nenhuma consolação de conhecer o futuro, sob o impulso deste insaciável apetite humano de conhecer o futuro, teriam desprezado seus próprios profetas** como se neles nada houvesse de divino, e não teriam recebido dos profetas depois de Moisés, nem teriam inscrito suas palavras nas Escrituras, mas teriam procurado espontaneamente a adivinhação e os oráculos dos pagãos ou teriam tentado estabelecer entre eles algo semelhante. [...]

(³⁴)

Confirma-se, portanto, a questão do conhecimento do futuro e a necessidade de prestigiar dos profetas judeus, com os quais eles

poderiam fazer seus oráculos.

A prova de que feiticeiro e necromante e, conseqüentemente, feitiçaria e necromancia não são a mesma coisa, pode-se ver quando citam ambos os termos na proibição aos hebreus de fazerem o que as nações, que iram dominar (ou destruir?), faziam. Certamente, que, se fossem iguais e significassem a mesma coisa, não haveria necessidade de citar os dois termos; bastava um deles.

Por outro lado, uma coisa é certa: só se proíbe o que se crê acontecer; isso é questão de pura lógica. Imagine você, leitor, viajando num cruzeiro, já bem em alto-mar, lê, numa placa afixada numa boia, a frase: “É proibido estacionar ônibus e caminhão”. Só louco faria uma coisa dessa; portanto, a proibição é a maior prova bíblica que os mortos se comunicam.

Na tradução francesa de Louis-Isaac Le Maître de Sacy (1613-1684) ⁽³⁵⁾, a que Allan Kardec usou para as citações que faz em suas obras, encontramos o seguinte teor:

“Quando houverdes entrado na terra que o Senhor vosso Deus vos há de dar, guardai-vos; tomai cuidado em não imitar as abominações

*de tais povos; - e entre vós ninguém haja que pretenda purificar filho ou filha passando-os pelo fogo; que use de malefícios, sortilégios e encantamentos: que **consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade.** O Senhor abomina todas essas coisas e exterminará todos estes povos à vossa entrada, por causa dos crimes que têm cometido”.*

A frase “que consulte os que têm o Espírito de Píton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade” é bem o que estamos falando, e muito diferente dos textos bíblicos das traduções que estamos acostumados a manusear – listadas abaixo –, que dão uma ideia de que se trata de coisas separadas, quando, na realidade, não são; basta conferir o teor do passo Deuteronômio 18,10-11 da versão de Sacy com os que lemos nestas outras:

Católicas:

Ave-Maria: *“Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem quem se dê à adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, à magia, **ao***

espiritismo, à adivinhação ou à evocação dos mortos.”

Barsa: “Nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho, ou filha, fazendo-os passar pelo fogo: nem quem consulte adivinhos, ou observe sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro, ou encantador, nem quem **consulte Pítton ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade.**”

Bíblia de Jerusalém: “Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que **interrogue espíritos ou adivinhos, ou ainda que invoque os mortos;**”

Bíblia do Peregrino: “Não haja entre os teus quem queime seus filhos ou filhas, nem adivinhos, nem astrólogos, nem agoureiros, nem feiticeiros, nem encantadores, **nem espiritistas, nem adivinhos, nem necromantes.**”

Pastoral: “Não haja em teu meio alguém que queime seu filho ou filha, nem que faça presságio, pratique astrologia, adivinhação ou magia, nem que pratique encantamentos, **consulte espíritos ou adivinhos, ou também que invoque os mortos.**”

Paulinas 1957: “Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios, nem quem seja encantador, nem quem **consulte os pitões ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade.**”

Paulinas 1977: “Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios, nem quem seja encantador, nem quem **consulte aos nigromantes, ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade.**”

Paulinas 1980: “Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios, nem quem seja encantador, nem quem **consulte aos nigromantes, ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade.**”

Santuário: “Não haja ninguém no meio de ti que faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha; ou se dê à pratica de encantamento, ou se entregue a augúrios, à adivinhação ou à magia, ao feiticismo, **ao espiritismo, aos**

sortilégios ou à evocação dos mortos.”

Voze: “Não haja em teu meio quem faça passar pelo fogo o filho ou a filha, nem quem se dê à adivinhação, nem haja astrólogo nem macumbeiro nem feiticeiro; nem quem se dê à magia, **consulte médiuns, interroque espíritos ou evoque os mortos.”**

Protestantes:

Mundo Cristão: “Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; **nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos;”**.

Novo Mundo: “Não se faça achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, algum praticante de magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamentos, ou alguém que vá **consultar um médium espírita, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos.”**

SBB: “Entre ti não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador de

*encantamentos, nem quem **consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos;***”

SBTB: *“Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, em agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem quem **consulte a um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos.**”*

Tanta divergência assim, cabe-nos perguntar: qual delas é realmente a que se poderia chamar de *“a palavra de Deus”*? E a relação que se tenta fazer com o Espiritismo, às vezes, dizendo que *“a ideia está subjacente”* é por pura má-fé, visto que as práticas, aqui proibidas, nada têm a ver com as que são usadas no Espiritismo, conforme provamos.

Acreditamos que muitos, se baseando no Levítico (19,31 e 20,6) desejariam que fosse aplicada a pena de morte aos médiuns, como se a legislação mosaica (Levítico) não contrariasse a divina que estabeleceu, sem nenhuma exceção: *“Não matarás!”* (Êxodo 20,13, Deuteronômio 5,17).

Nessas traduções vemos dois pontos que,

relacionados a outras passagens bíblicas, nos causam estranheza. O primeiro é em relação à magia, que, certamente, é praticada por magos; porém são alguns deles quem primeiro (pelo menos três) reconhecem Jesus como o Messias e o visitam ainda quando Ele era recém-nascido:

Mateus 2,9-10: *“Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a estrela, os **magos** ficaram radiantes de alegria. Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e **lhe prestaram homenagem**. Depois, abriram seus cofres, e **ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra**. Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo por outro caminho.”*

Se a magia era proibida, então por que motivo três magos, que supomos ser pessoas que praticam magia, foram citados na Bíblia com destaque, quase como um fato milagroso, por terem “adivinhado” a vinda do Messias, seguindo uma estrela?

O segundo ponto trata-se da proibição de se

“observar sonhos” ou *“presságios”*, uma vez que isso era fato comum entre os israelitas; inclusive, tinham os sonhos como uma das formas de manifestação divina a eles, que consideravam como *“adivinhação lícita”* (36).

Podemos citar, por exemplo, José, filho de Jacó, que decifrou um sonho do Faraó do Egito (Gênesis 41,17-36), além disso, ele tinha uma taça de prata na qual também se servia para adivinhar (Gênesis 44,5) e Daniel, que tinha o dom de interpretar visões e sonhos (Daniel 1,17), que foi o único capaz de interpretar o sonho de Nabucodonosor, rei da Babilônia, que junto com os companheiros Ananias, Misael e Azarias, foram considerados por ele como *“dez vezes mais capazes que todos os magos e adivinhos que havia no seu reino”* (Daniel 1,20). A comparação deles com magos e adivinhos não os colocam num mesmo balaio? O sonho do rei foi interpretado por Daniel que teve uma revelação noturna do mistério (Daniel 2,29), ou seja, também sonhou com o significado do sonho do rei (fantástico!), cujo resultado lhe foi passado (Daniel 2,26-45).

Especificamente, com relação à consulta aos mortos, que separam como se fosse algo isolado, quando não o é, apenas duas coisas se proibia, caso as fizessem isoladamente: prognósticos e adivinhações.

A primeira, e, seguramente, o objetivo principal, é pelo motivo de que consideravam os Espíritos como sendo deuses, e Moisés, dentro do seu plano de incutir nos hebreus a ideia de um Deus único, não poderia deixar que houvesse concorrência com o Deus verdadeiro, isso fica claro no versículo 13, que segue aos das proibições: *“Você pertencerá inteiramente a Javé seu Deus”* (Bíblia Pastoral).

A segunda era a prática da necromancia, que consistia, conforme já o dissemos, em evocá-los para fins de adivinhação, prática que também fica muito clara pela versão de Sacy, citada logo acima.

Uma coisa que não se dá a devida atenção é que se os mortos se comunicam, somente o fazem porque Deus criou uma lei para que isso pudesse ocorrer, e porque nisso são autorizados ou, pelo menos, não são impedidos; assim, é completamente absurdo que Ele tenha criado algo que Lhe fosse

repulsivo ou detestável (Deuteronômio 18,12) – que é o que se diz –, caso alguém o praticasse.

Entretanto, os exegetas, compromissados com a verdade, sabem que, fora os Dez Mandamentos, as outras determinações no Deuteronômio não proveem de Deus, já que foram estabelecidas pelo próprio Moisés. Não temos dúvida de que, para dar sustentação à sua liderança frente ao povo judeu, ele disse terem vindo de Deus.

Isso inclusive é fácil de se constatar pois, quando Moisés, por ordem direta de Deus, guarda as leis divinas dentro da Arca da Aliança (Deuteronômio 10,5), só colocou as duas tábuas de pedra, nas quais estavam gravados os Dez Mandamentos; as outras leis, as que ele mesmo instituiu, objetivando regular as relações sociais, ele as deixou do lado de fora da Arca (Deuteronômio 31,26), justamente para obedecer as ordens de Deus, e só colocar as de lavra Divina.

Portanto, fica evidenciada a superioridade das primeiras, o decálogo, em relação às segundas, leis mosaicas, já que o próprio autor, Moisés, nem ousou guardá-las dentro da Arca, repita-se, por ter

consciência de que não provinham mesmo de Deus.

Em algumas Bíblias percebe-se que os seus tradutores têm nítido conhecimento dessa separação; vejamos:

O Decálogo, dentro da Aliança, é a única Lei que provém diretamente de Deus; tudo o mais vem de Moisés. ⁽³⁷⁾

O autor distingue as “Dez Palavras” (cf. 5,4s), escritas pelo próprio Deus sobre as tábuas de pedras (Ex 34,18; Dt 5,22), e os “estatutos e normas”, isto é, o Código Deuteronomico (cf. 12,1; 26,16). ⁽³⁸⁾

Conforme a concepção do Deuteronomio, Moisés recebeu no Horeb só as “dez palavras” (5,22). Recebeu também a ordem genérica de dar mais tarde aos israelitas uma série articulada de “mandatos e decretos”. No deserto, os israelitas se atêm aos dez mandamentos; **em Moab, Moisés promulga novos decretos**, que de algum modo especificam e comentam o Decálogo (como veremos). ⁽³⁹⁾

É uma pena que, infelizmente, não agem

conforme as conclusões a que, eles mesmos, chegaram.

Vale a pena, por oportuno, transcrever da obra **O Que é o Espiritismo** o argumento do padre e a respectiva resposta de Allan Kardec:

Padre. — Se a Igreja proíbe as comunicações com os Espíritos dos mortos, é porque elas são contrárias à religião, como sendo formalmente condenadas pelo Evangelho e por Moisés. Este último, pronunciando a pena de morte contra essas práticas, prova quanto elas são repreensíveis aos olhos de Deus.

A. K. — Peço-vos perdão, mas **essa proibição não se encontra em parte alguma do Evangelho; ela se acha somente na lei moisaica.** Trata-se de saber se a Igreja coloca a lei moisaica acima da evangélica; assim será, por certo, se ela for mais judia que cristã.

Devemos mesmo notar que, de todas as religiões, é a judaica a que faz menos oposição ao Espiritismo, contra cujas evocações ela não invocou a lei de Moisés, em que se apoiam as seitas cristãs. Se as prescrições bíblicas são o código da fé cristã, por que proíbem a leitura da Bíblia? Que diriam se se proibisse a um cidadão o estudo do código das leis do seu

país?

A proibição feita por Moisés tinha então a sua razão de ser, porque o legislador hebreu queria que o seu povo rompesse com todos os hábitos trazidos do Egito, e de entre os quais o de que tratamos era objeto de abusos.

Não se evocava então os mortos pelo respeito e afeição tributados a eles, nem com o sentimento de piedade, mas, sim, como meio de adivinhar, como objeto de tráfico vergonhoso, explorado pelo charlatanismo e pela superstição; nessas condições, Moisés teve razão de proibi-lo. Se ele pronunciou contra esse abuso uma penalidade severa, é que eram precisos meios rigorosos para conter esse povo indisciplinado; também quanto à pena de morte, era pródiga a sua legislação.

É, pois, um erro apoiar-se na severidade do castigo para provar-se o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Se a interdição da evocação aos mortos vem do próprio Deus, como a Igreja pretende, deve também ser Deus quem marcou a pena de morte contra os delinquentes. Esta pena passa a ter uma origem tão sagrada como a interdição; neste caso, por que não a conservam também? Todas as leis de Moisés são promulgadas em nome e por ordem de Deus; se creem que Deus seja o autor delas, por que não as observam ainda? Se a lei de Moisés é para a Igreja um artigo de fé sobre

um ponto, por que deixa de sê-lo sobre os outros todos? Por que recorrem a ela naquilo de que precisam, e repelem-na no que não julgam conveniente? Qual o motivo de não seguirem todas as suas prescrições, entre outras a da circuncisão, a que Jesus se sujeitou e que não aboliu?

Havia na lei moisaica duas partes: 1.^a, a lei de Deus, resumida nas tábuas do Sinai; lei que foi conservada porque é divina, e o Cristo não fez mais que desenvolvê-la; 2.^a, a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes do tempo, e que o Cristo aboliu. **Hoje as circunstâncias são outras, e a proibição de Moisés já não tem razão de ser. Além disso, se a Igreja proíbe a evocação dos Espíritos, poderá também impedir que eles venham sem ser chamados?** Não estamos vendo diariamente manifestações de todos os gêneros, entre pessoas que nunca se ocuparam com o Espiritismo e antes de ele ser divulgado não se davam tantas delas?

Outra contradição: **Se Moisés proibiu evocar os Espíritos dos mortos, é uma prova de que eles podem vir;** do contrário essa interdição seria inútil. Se, em seu tempo, podiam eles entrar em relação com os homens, ainda hoje o podem, e, se são Espíritos de mortos, não são exclusivamente demônios. Antes de tudo, devemos ser lógicos. ⁽⁴⁰⁾

Allan Kardec, novamente, comentou esse assunto, agora em **O Céu e o Inferno**, cap. XI – Da proibição de evocar os mortos, dizendo, entre outras coisas, o seguinte:

3. Se a lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste ponto, força é que o seja igualmente em todos os outros. Por que seria ela boa no tocante às evocações e má em outras de suas partes? É preciso ser conseqüente. **Desde que se reconhece que a lei moisaica não está mais de acordo com a nossa época e costumes em dados casos, a mesma razão procede para a proibição de que tratamos.**

Demais, é preciso expender os motivos que justificavam essa proibição e que hoje se anularam completamente. **O legislador hebreu queria que o seu povo abandonasse todos os costumes adquiridos no Egito, onde as evocações estavam em uso e facilitavam abusos,** como se infere destas palavras de Isaías: “O Espírito do Egito se aniquilará de si mesmo e eu precipitarei seu conselho; eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus pítons e seus mágicos.” (19:3).

Os israelitas não deviam contratar alianças com as nações estrangeiras, e sabido era que naquelas nações que iam

combater encontrariam as mesmas práticas. Moisés devia pois, por política, inspirar aos hebreus aversão a todos os costumes que pudessem ter semelhanças e pontos de contacto com o inimigo. **Para justificar essa aversão, preciso era que apresentasse tais práticas como reprovadas pelo próprio Deus**, e daí estas palavras: – “O Senhor abomina todas essas coisas e destruirá, à vossa *chegada*, as nações que cometem tais crimes.”

4. A proibição de Moisés era assaz justa, porque a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações, tal como nos augúrios e presságios explorados pelo charlatanismo e pela superstição. Essas práticas, ao que parece, também eram objeto de negócio, e Moisés, por mais que fizesse, não conseguiu desentranhá-las dos costumes populares.

As seguintes palavras do profeta justificam o asserto: – “Quando vos disserem: Consultai os mágicos e adivinhos que balbuciam encantamentos, respondi: – *Não consulta* cada povo ao seu Deus? E aos mortos se fala do que *compete aos vivos?*” (Isaías, 8:19.) “Sou eu quem aponta a falsidade dos prodígios mágicos; quem enlouquece os que se propõem adivinhar, quem transtorna o espírito dos sábios e confunde a sua ciência vã.” (44:25).

“Que esses adivinhos, que estudam o céu, contemplam os astros e contam os meses para fazer predições, dizendo revelar-vos o futuro, venham agora salvar-vos. – Eles tornaram-se como a palha, e o fogo os devorou; não poderão livrar suas almas do fogo ardente; não restarão das chamas que despedirem, nem carvões que possam aquecer, nem fogo ao qual se possam sentar. – Eis ao que ficarão reduzidas todas essas coisas das quais vos tendes ocupado com tanto afinco: os *traficantes* que convosco traficam desde a infância foram-se, cada qual para seu lado, sem que um só deles se encontre que vos tire os vossos males.” (47:13 a 15.)

Neste capítulo Isaías dirige-se aos babilônios sob a figura alegórica “*da virgem filha de Babilônia, filha de caldeus*”. (v. 1.) Diz ele que os adivinhos não impedirão a ruína da monarquia. No seguinte capítulo dirige-se diretamente aos israelitas.

“Vinde aqui vós outros, filhos de uma agoureira, raça dum homem adúltero e de uma mulher prostituída. – quem vos rides vós? Contra quem abristes a boca e mostrastes ferinas línguas? Não sois vós filhos perversos de bastarda raça – vós que procurais conforto em vossos deuses debaixo de todas as fronte, *sacrificando-lhes os tenros filhinhos* nas torrentes, sob os rochedos sobranceiros? Depositastes a vossa confiança nas pedras da torrente,

espalhastes e bebestes licores em sua honra, oferecestes sacrifícios. Depois disso como não se acender a minha indignação?” (57:3 a 6).

Estas palavras são inequívocas e **provam claramente que nesse tempo as evocações tinham pôr fim a adivinhação**, ao mesmo tempo que constituíam comércio, associadas às práticas da magia e do sortilégio, acompanhadas até de sacrifícios humanos. **Moisés tinha razão, portanto, proibindo tais coisas e afirmando que Deus as abominava.**

Essas práticas supersticiosas perpetuaram-se até à Idade Média, mas hoje a razão predomina, ao mesmo tempo que o Espiritismo veio mostrar o fim exclusivamente moral, consolador e religioso das relações de além-túmulo.

Uma vez, porém, que os espíritas *não sacrificam criancinhas nem fazem libações para honrar deuses*; uma vez que não interrogam astros, mortos e áugures para adivinhar a verdade sabiamente velada aos homens; uma vez que repudiam traficar com a faculdade de comunicar com os Espíritos; uma vez que os não move a curiosidade nem a cupidez, mas um sentimento de piedade, um desejo de instruir-se e melhorar-se, aliviando as almas sofredoras; uma vez que assim é, porque o é – **a proibição de Moisés não lhes pode ser extensiva.**

Se os que clamam injustamente contra os espíritas se aprofundassem mais no sentido das palavras bíblicas, reconheceriam que nada existe de análogo, nos princípios do Espiritismo, com o que se passava entre os hebreus. **A verdade é que o Espiritismo condena tudo que motivou a interdição de Moisés; mas os seus adversários, no afã de encontrar argumentos com que rebatem as novas ideias, nem se apercebem que tais argumentos são negativos, por serem completamente falsos.**

A lei civil contemporânea pune todos os abusos que Moisés tinha em vista reprimir.

[...].

5. Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada sobre o Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e caráter do povo. Uma dessas leis é invariável, ao passo que a outra se modifica com o tempo, e a ninguém ocorre que possamos ser governados pelos mesmos meios por que o eram os judeus no deserto e tampouco que os capitulares de Carlos Magno se moldem à França do século XIX. Quem pensaria hoje, por exemplo, em reviver este artigo da lei moisaica: “Se um boi escornar um homem ou mulher, que disso morram, seja o boi apedrejado e ninguém coma de sua carne; mas o dono do boi será julgado inocente”? (*Êxodo*, 21:28 e

seguintes.)

[...].

7. Finalmente convém saber se a Igreja coloca a lei moisaica acima da evangélica, ou por outra, se é mais judia que cristã. Convém também notar que, de todas as religiões, precisamente a judia é que faz menos oposição ao Espiritismo, porquanto não invoca a lei de Moisés contrária às relações com os mortos, como fazem as seitas cristãs.

8. Mas temos ainda outra contradição: – Se Moisés proibiu evocar os mortos, é que estes podiam vir, pois do contrário inútil fora a proibição. Ora, se os mortos podiam vir naqueles tempos, também o podem hoje; e se são Espíritos de mortos os que vêm, não são exclusivamente demônios. Demais, Moisés de modo algum fala nesses últimos.

É duplo, portanto, o motivo pelo qual não se pode aceitar logicamente a autoridade de Moisés na espécie, a saber: – primeiro, porque a sua lei não rege o Cristianismo; e, segundo, porque é imprópria aos costumes da nossa época. Mas, suponhamos que essa lei tem a plenitude da autoridade por alguns outorgada, e ainda assim ela não poderá, como vimos, aplicar-se ao Espiritismo. **É verdade que a proibição de Moisés abrange a interrogação dos mortos, porém de modo secundário, como**

acessória às práticas da feitiçaria.

O próprio vocábulo *interrogação*, junto aos de adivinho e agoureiro, prova que entre os hebreus as evocações eram um meio de adivinhar; entretanto, os espíritas só evocam mortos para receber sábios conselhos e obter alívio em favor dos que sofrem, nunca para conseguir revelações ilícitas. **Certo, se os hebreus usassem das comunicações como fazem os espíritas, longe de as proibir, Moisés acoroçoá-las-ia, porque o seu povo só teria que lucrar.**

9. É certo que alguns críticos jucundos ou mal-intencionados têm descrito as reuniões espíritas como assembleias de nigromantes ou feiticeiros, e os médiuns como astrólogos e ciganos, isto porque talvez quaisquer charlatães tenham afeiçoado tais nomes às suas práticas, que o Espiritismo não pode, aliás, aprovar.

Em compensação, há também muita gente que faz justiça e testemunha o caráter essencialmente moral e grave das reuniões sérias. Além disso, a Doutrina, em livros ao alcance de todo o mundo, protesta bem alto contra os abusos, para que a calúnia recaia sobre quem merece.

[...].

14. Todas as razões alegadas para condenar as relações com os Espíritos não resistem a um exame sério. Pelo ardor com que se combate nesse sentido é fácil

deduzir o grande interesse ligado ao assunto. Daí a insistência. Em vendo esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, dir-se-ia que *delas se atemorizam*.

O verdadeiro motivo poderia bem ser o receio de que os Espíritos muito esclarecidos viessem instruir os homens sobre pontos que se pretende obscurecer, dando-lhes conhecimento, ao mesmo tempo, da certeza de um outro mundo, *a par das verdadeiras condições para nele serem felizes ou desgraçados*. A razão deve ser a mesma por que se diz à criança: – “Não vá lá, que há lobisomens.” Ao homem dizem: – “Não chameis os Espíritos: – São o diabo.” – Não importa, porém: – impedem os homens de os evocar, mas não poderão impedi-los de vir aos homens para levantar a lâmpada de sob o alqueire.

O culto que estiver com a verdade absoluta nada terá que temer da luz, pois a luz faz brilhar a verdade e o demônio nada pode contra esta. ⁽⁴¹⁾

Qualquer pessoa de bom senso concordará com essas considerações de Allan Kardec; apenas os dogmáticos não verão nelas nenhuma lógica. Inclusive, vale a pena ressaltar este argumento: “*Se a lei de Moisés deve ser tão rigorosamente observada neste ponto, força é que o seja*

igualmente em todos os outros". Concordamos plenamente, e aí, logo abaixo, alguns bons exemplos de determinações mosaicas, que ninguém cumpre mais, por serem completamente inaplicáveis nos dias atuais:

Deuteronômio 21,15-16: "**Se um homem tiver duas mulheres**, uma a quem ama e outra a quem aborrece, e uma e outra lhe derem filhos, e o primogênito for da aborrecida, no dia em que fizer herdar a seus filhos aquilo que possuir, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da aborrecida, que é o primogênito."

Deuteronômio 21,18-21: "**Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde**, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe, e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, e lhes dirão: Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é dissoluto e beberrão. Então todos os homens da sua cidade o **apedrejarão, até que morra**; assim eliminarás o mal do meio de ti: todo o Israel ouvirá e temerá."

Deuteronômio 22,10: "**Não lavrarás com junta de boi e jumento.**"

Deuteronômio 22,23-24: "Se **houver moça**

virgem, desposada, e um homem a achar na cidade e **se deitar com ela**, então trareis ambos à porta daquela cidade, e **os apedrejareis**, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porque humilhou a mulher do seu próximo; assim eliminarás o mal do meio de ti.”

Deuteronômio 23,1: “Aquele a quem **forem trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor.**”

Deuteronômio 23,2: “**Nenhum bastardo entrará na assembleia do Senhor**; nem ainda a sua décima geração entrará nela.”

Deuteronômio 24,1: “**Quando um homem se casa com uma mulher e consuma o matrimônio, se depois ele não gostar mais dela**, por ter visto nela alguma coisa inconveniente, **escreva para ela um documento de divórcio** e o entregue a ela, deixando-a sair de casa em liberdade.”

Deuteronômio 25,5: “**Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer**, sem filhos, então a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; **seu cunhado a tomará e a receberá por mulher**, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado.”

Deuteronômio 25,11-12: **“Quando brigarem dois homens, um contra o outro, e a mulher de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão: não a olharás com piedade.”**

São completamente incoerentes os que afirmam ser a Bíblia a palavra de Deus; se fosse, realmente, não poderiam deixar de cumprir o que consta nela, já que, há de se convir, as leis de Deus são imutáveis, servindo para todos os tempos e povos.

Porém, o mais grave disso tudo é que encontramos, em algumas traduções bíblicas, em lugar do vocábulo necromante (Deuteronômio 18,11), as seguintes palavras: Espiritismo, espiritistas, médium espírita, conforme se vê naquelas que listamos um pouco mais acima. Ora, não há o que contestar de que tais termos são neologismos criados por Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. Isso ocorreu em abril de 1857, quando ele publica a obra *O Livro dos Espíritos*; portanto, esses termos não poderiam constar de nenhum texto bíblico, a não ser, é claro, por

deliberada adulteração, com o objetivo precípuo de atingir aquilo que os outros acreditam. E aí fica reforçada a nossa suspeita de que, se considerassem a Bíblia como sendo realmente “*a palavra de Deus*”, não teriam coragem de adulterá-la.

Quanto mais antigo um texto, mais fácil fica comprovar as adulterações. Temos, por exemplo, a obra apologética intitulada *Contra Celso* (cerca de 248), na qual Orígenes, refutando a obra *O discurso verdadeiro* de Celso, um filósofo pagão, menciona várias passagens bíblicas, entre as quais esta do Levítico (⁴²):

“Não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos, pois eles vos contaminariam.” (Levítico 19,31)

Observar que o teor desse passo de Levítico se lia necromante e não feiticeira. E mais estranho é que as “modernas” traduções contêm palavras que não existiam em nenhuma das línguas nas quais a Bíblia foi escrita: hebraico, aramaico e grego, conforme já mencionado. Vejamos como essa passagem consta nas versões bíblicas:

Bíblias Católicas:

Ave-Maria: “Não vos dirijais aos **espíritas** nem adivinhos: não os consulteis, [...].”

Barsa: “Não vos dirijais aos **mágicos**, nem consulteis os adivinhos, [...].”

De Jerusalém: “Não vos voltareis para os **necromantes** nem consultareis os adivinhos [...].”

Pastoral: “Não se dirijam aos **necromantes**, nem consultem adivinhos, [...].”

Paulinas (Ed. 1957, 1977 e 1980): “Não vos dirijais aos **magos** nem interrogueis os adivinhos, [...].”

Vozes: “Não recorrais aos **médiuns**, nem consulteis os espíritos [...].”

Do Peregrino: “Não consulteis **necromantes** nem adivinhos [...].”

Santuário: “Não recorrais às **evocações** e aos sortilégios; [...].”

Bíblias Protestantes

Mundo Cristão: “Não vos voltareis para os **necromantes**, nem para os adivinhos; [...].”

Tradução do Novo Mundo: “Não vos vireis para **médiuns espíritas** e não consulteis

prognosticadores profissionais de eventos, [...].”

Soc. Bíblica do Brasil: “*Não vos virareis para os **adivinhos** e encantadores; [...].”*

Soc. Bíblica Trinitariana do Brasil: “*Não vos virareis para os **adivinhadores** e encantadores, [...].”*

Shedd: “*Não vos voltareis para os **necromantes**, nem para os adivinhos; [...],”*

Aqui encontramos, também, o uso das palavras médiuns e espíritas, que, certamente, aparecem para justificar as que constam de Deuteronômio 18,10-11, que transcrevemos um pouco acima. Das quinze Bíblias listadas, somente cinco (um terço) mantém no texto a palavra necromante conforme o encontramos em Orígenes. A continuar assim, não demora muito para que não apareça mais em nenhuma Bíblia.

Por outro lado, quando não se escoram ou adulteram os seus textos, tentam, com suas explicações, deturpar as coisas. Vejamos o que consta, por exemplo, na **Bíblia Shedd**:

Lv 19.31: *Necromantes.* Pessoas que se comunicam com os mortos, ou seja, médiuns, 20.6. Aqui há uma forte condenação das práticas espíritas existentes no dia de hoje. A Bíblia condena taxativamente a invocação dos mortos ⁽⁴³⁾;

Lv 20.6: cf v 27; 19,26. Consultar médiuns, numa tentativa de se comunicar com os espíritos dos mortos, era um pecado que acarretava a penalidade da morte, tanto para o médium como para aquele que o consultava. Estes versículos também são uma condenação ao espiritismo dos nossos dias. ⁽⁴⁴⁾;

D 18.9-14: Magia, feitiçaria e consulta aos mortos (cf Is 8.19) foram proibidas. Os poderes sobrenaturais de origem satânica, muitas vezes, se manifestam nessas práticas. A seita religiosa do espiritismo é incompatível com o cristianismo bíblico ⁽⁴⁵⁾.

1Sm 28.3: *Samuel era morto.* (ver 25,1) A mediunidade é pecado gravíssimo, condenado pela Bíblia de ponta a ponta, e é castigada com a pena máxima, pena de morte (Lv 20.27; Dt 18.10-12; At 16.18; Ap 21.8). [...]. ⁽⁴⁶⁾.

Vê-se aqui, novamente, a má-fé de se relacionar Espiritismo com necromancia, quando, é público e notório, que essa prática não faz parte dos

princípios Espíritas, uma vez que não evocamos os mortos para consultá-los sobre coisas que acontecerão no futuro.

Além disso, ainda usam de “terrorismo religioso”, dizendo que isso é coisa de satanás ou demônio, concluindo que é um pecado, que tem a pena de morte como consequência. É bem possível que estamos diante do que disse Jean-Jacques Rousseau: *“As injúrias são as razões dos que não têm razão.”*

É oportuno fazermos duas ressalvas; primeira, é certo que necromante é um médium; porém é uma especificidade e não generalidade; portanto, não caberia como correspondente ao termo necromante; a segunda é que a mediunidade não é pecado gravíssimo, como se afirma, pois ela é uma faculdade humana que todos nós possuímos, variando apenas quanto a seu grau ou, diriam os espiritualistas, à sensibilidade de cada um de nós.

O que se observa é que a relação dos israelitas com os necromantes e adivinhos era meio intempestiva. Veja-se, por exemplo, que Saul, primeiro rei de Israel (1030-1010 a.C.,

aproximadamente) os expulsou do país (1 Samuel 28,3); entretanto, Manassés, 14º rei de Judá (687-641 a.C.), volta atrás e pratica a adivinhação e magia, estabelecendo necromantes e adivinhos (2Rs 21,6); pouco tempo depois, vem Josias, 16º rei de Judá (640-409 a.C.) que, por sua vez, também eliminou os necromantes e os adivinhos (2Rs 23,24) banindo-os da região.

E é bom que se diga: não há uma só liderança do povo hebreu que, historicamente, tenha expulsado feiticeiras, o que achamos muito sintomático, somente provando o que estamos dizendo sobre fazer as pessoas crerem numa coisa que é bem outra.

Acreditamos que essa relação poderia ter vindo dos egípcios, pois Isaías adverte:

Isaías 19,3: *“A inteligência dos egípcios se desfará no peito, e eu aniquilarei a sua política. **Eles irão consultar os ídolos, pedir conselho aos magos, aos que invocam os mortos e adivinhos.**”*

Temos aqui a confirmação de que os egípcios invocavam os mortos, e como os hebreus ficaram

quatrocentos e trinta anos, nas terras deles (Êxodo 12,40), inclusive parte desse período como escravos, não é de todo improvável que tenham absorvido tais práticas nesta época.

Podemos até confirmar isso como prática egípcia, citando o artigo “Os mistérios do Egito segundo o Espiritismo” do escritor e editor Paulo Henrique Figueiredo, publicado na revista **Universo Espírita**. Narra-se que o sumo sacerdote de Amon, a serviço do faraó Mentuhotep II, evocou um Espírito que lhe perturbava, com o intuito de conseguir um túmulo novo para seu corpo. ⁽⁴⁷⁾

Há uma passagem na qual vemos como tendo enormes possibilidades de se falar da consulta aos mortos, para fins nobres de instrução e não para se conhecer o futuro.

“Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. Os nossos antepassados, no entanto, vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles.” (Jó 8,8-10)

Se a nossa linha de raciocínio estiver correta, então temos aqui uma orientação para se consultar os mortos. Como??? Simples. Sabemos que, naquele tempo, não havia muita coisa escrita, se bem que pouco adiantaria, visto ser o analfabetismo algo bem generalizado.

Assim, acreditamos que a única forma de se consultar as gerações passadas (está no plural), para meditar sobre as palavras tiradas da experiência deles, seria consultando diretamente a seus Espíritos, ou seja, pura comunicação com os mortos. Se for isso, esse passo demonstra que nem sempre a consulta aos mortos se relacionava com adivinhação de fatos futuros.

O livro Eclesiástico servirá para se confirmar a comunicação com os mortos como algo real, quando faz referência à manifestação de Samuel a Saul, profetizando-lhe o fim. Essa aparição é, sistematicamente, negada pelos fanáticos (geralmente, são evangélicos), que não querem algo parecido nas páginas da Bíblia, pois se tiver, serão obrigados a se capitularem diante dos fatos e reformarem seus dogmas.

Recorreremos a ele, pois seu autor “*era um escriba originário de Jerusalém*” (48) e um “*judeu piedoso, leitor assíduo das escrituras*” (49), fazemos isso também por esses outros dois motivos: 1º) serve de atestado canônico para os católicos, e 2º) por ser comprovadamente histórico aos protestantes, que mesmo não o tendo em sua Bíblia, são constrangidos, pela coerência e lógica, a aceitá-lo sob esse aspecto. Vejamos o que os tradutores da ***Bíblia de Jerusalém*** falam na introdução deste livro bíblico:

Este livro foi transmitido nas bíblias grega, latina e siríaca, mas não figura no cânon hebraico. Entretanto, ele foi composto em hebraico; Jerônimo diz tê-lo conhecido em sua língua original e alguns rabinos, até o século IV, o citaram: o Talmude conserva seu testemunho. Aproximadamente dois terços desse texto hebraico, perdido há séculos, foram reencontrados, desde 1896, em seis manuscritos medievais fragmentários, provenientes de uma antiga sinagoga do Cairo. Mais recentemente, alguns fragmentos saíram das grutas de Qumrã e, em 1964, foi descoberta em Massada uma cópia igualmente fragmentária (39,27-44,17) numa escritura do início do século I a. C. As variantes de um testemunho para outro e em

relação às traduções grega, latina e siríaca indicam que o livro muito cedo conheceu diversas recensões.

No início do século II a.C.; Jesus Ben Sira, mestre de sabedoria em Jerusalém – ver as subscrições de 50,27 e 51,30 – reuniu em um livro o melhor de seu ensinamento, ver Prólogo 7-14. Seu neto, que chegou ao Egito muito provavelmente em 132 a.C., empreendeu a tradução em grego da obra de seu avô, ver Prólogo 27s. Esta tradução continua sendo o melhor testemunho do livro de Ben Sira; ela foi transmitida pelos três principais manuscritos, o Vaticano, o Sinaítico e o Alexandrino, que formam o que se chama de “texto recebido”.

Entretanto, o livro conheceu, provavelmente desde o século I a.C., uma revisão e a inserção de numerosas adições. Esta segunda edição, com efeito, deixou marcas nos fragmentos hebraicos reencontrados e na versão siríaca Peshitta, mas ela é sobretudo transmitida, em muitos manuscritos gregos, que são designados aqui pela sigla Gr li, e na antiga versão latina que passou na Vulgata.

A Igreja recebeu e conservou as duas edições do livro de Ben Sira: os Padres gregos citam tanto uma como a outra, os Padres latinos utilizam normalmente o texto longo. A Igreja reconhece este livro como canônico, sem precisar sua língua e sem excluir a segunda edição.

[...].

O autor se chama em hebraico Ben Sira e, em grego o Sirácida, segundo a forma grega Sirac. Nascido provavelmente no meio do século III a.C.; ele viu Jerusalém passar da dominação dos Lágidas à dos Selêucidas em 198 a.C.: conheceu o sumo sacerdote Simão, o Justo (50,1-20) que morreu após 200 a.C.

[...].

Ben Sira é o último testemunho canônico da sabedoria bíblica na Terra santa. É o representante por excelência dos hassidim, esses “piedosos” do judaísmo (cf. 1Mc 2,42+), que logo defenderão sua fé na perseguição de Antíoco IV Epífanes e que manterão em Israel ilhotas fiéis em que germinará a pregação de Cristo. ⁽⁵⁰⁾

Vê-se, portanto, que o autor é alguém que conhecia os costumes do seu povo; certamente, tinha autoridade para falar das várias virtudes e feitos de Samuel, e para, ao final, peremptoriamente, afirmar que Samuel:

“Mesmo depois de sua morte, ele profetizou, predizendo ao rei o seu fim. Mesmo do sepulcro, ele levantou a voz, numa profecia, para apagar a injustiça do povo”.
(Eclesiástico 46,20 ⁵¹)

Vejam os o texto pela versão da Bíblia Sagrada Edição Barsa, tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo (52):

“E depois disto dormiu Samuel o sono da morte, e apareceu ao rei, e lhe predisse o fim da sua vida, e saindo da terra, levantou a sua voz, profetizando o golpe, que estava para se descarregar sobre a impiedade da nação” (Eclesiástico 46,23).

Aqui, nesse passo, se está falando da manifestação do Espírito Samuel ao rei Saul, através da necromante de Endor, confirmando, portanto, a narrativa constante de 1 Samuel 28,3-25 como verdadeira. Um pouco mais a frente iremos transcrevê-la, visando sua análise. Isso é fácil aos católicos perceberem; entretanto os evangélicos nada sabem, pois o *Eclesiástico* não faz parte do conjunto de livros da Bíblia deles. Entretanto, como já dissemos, apelamos para seu valor histórico para justificar a esses últimos como fato incontestado.

Para corroborar a realidade da manifestação, podemos ainda nos apoiar, por exemplo, no que os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* dizem, em relação a 1 Samuel 28,12, esclarecendo que:

A mulher conhece o relacionamento que Samuel teve com Saul. Se, para seu grande assombro, **o profeta defunto se manifesta**, é porque o consulente é o rei de Israel. ⁽⁵³⁾

A passagem, no primeiro livro de Samuel (1 Samuel 28,3-25), que relata que, depois de morto, ele apareceu a Saul é a que os detratores contestam dizendo não ser uma realidade e mudam de uma consulta “*a uma necromante*”, extrapolando o texto, dizendo que foi “*a uma feiticeira ou bruxa*”.

Para comprovar mais uma vez a sua realidade e não “*uma ação forjada por Satanás*”, vamos recorrer ao historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.), que, em ***História dos Hebreus***, narrou essa história de Samuel da seguinte forma:

Capítulo 15

Saul, vendo-se abandonado por Deus na guerra contra os filisteus, consulta por meio de uma médium a sombra de Samuel que lhe prediz que ele perderia a batalha e seria morto com seus filhos. Aquis, um dos reis dos filisteus, leva com ele Davi para o combate, mas os outros príncipes o obrigam a reenviá-lo a Ziclague. Ele constata que os

amalequitas a tinham saqueado e incendiado. Persegue-os e os dizima. Saul perde a batalha. Jônatas e dois outros de seus filhos são mortos, e ele, muito ferido. Ele obriga um escudeiro a matá-lo. Bela ação dos habitantes de Jabes de Gileade para ter os corpos desses príncipes.

253. Saul, tendo sabido que os filisteus tinham avançado até Suném, marchou contra eles, com seu exército e acampou em frente do deles, perto do monte de Gilboa, mas, quando viu que eles eram incomparavelmente mais fortes, sentiu sua coragem diminuir e **rogou aos profetas que consultassem a Deus para saber qual seria o resultado dessa guerra**. Deus não lhe respondeu, e esse silêncio duplicou-lhe o temor: julgou-se abandonado por Ele: seu ânimo abateu-se e **ele resolveu nessa dificuldade, recorrer à magia; mas tinha expulsado do país todos os magos e adivinhos e toda espécie de gente que costuma predizer o futuro**; assim, não sabendo onde buscá-los, mandou que se indagasse **onde se poderia encontrar algum daqueles que fazem voltar as almas dos mortos para interrogá-las e saber coisas futuras**. Um dos seus, disse-lhe que havia uma mulher na cidade de En-Dor a qual poderia satisfazer-lhe os desejos. Imediatamente, sem falar com quem quer que fosse, disfarçado e acompanhado por duas pessoas somente, **foi procurar aquela mulher, rogando-lhe que lhe predissesse o**

que estava para lhe acontecer e fizesse voltar, para esse fim a alma de um morto, que ele lhe ia nomear. Ela respondeu que não podia fazê-lo porque **o rei tinha absolutamente proibido, por um édito, que se servissem dessa espécie de predição** e que lhe rogava que, jamais tendo-lhe feito mal, não lhe armasse uma cilada, para fazê-la cair numa falta que lhe custaria a vida. Saul prometeu-lhe e jurou-lhe, que acontecesse o que acontecesse, ele não o faria e que ela não corria risco algum. Esse juramento tranquilizou-a e ele **pediu que fizesse vir a alma de Samuel**. Como **ela não sabia quem era Samuel**, obedeceu sem dificuldade, mas **quando sua presença se fez notar**, não sei o que de divino ela notou nele, que a surpreendeu e perturbou. **Voltou-se para Saul e disse-lhe: “Não sois vós o rei Saul?” (Ela o soubera pela visão)**. Ele respondeu-lhe que era, e ordenou-lhe que lhe dissesse a causa daquela grande perturbação, em que a via. Ela **respondeu que via aproximar-se um homem, que parecia todo divino**. “Que idade tem ele?”, disse Saul, “e como está vestido?” “Ele parece”, respondeu ela, “um velho mui venerável e está revestido de um hábito sacerdotal”. **Então Saul não duvidou de que era mesmo Samuel*** e prostrou-se diante dele até o chão. **A sombra perguntou-lhe por que o havia obrigado a voltar do outro mundo**. “A necessidade me obrigou a isso”, disse ele, “porque tendo sido

atacado por um exército muito poderoso, eu me encontro abandonado, sem o auxílio de Deus, que não quer, nem por seus profetas, nem por outro modo informar-me sobre o que está para acontecer. Assim, só me resta recorrer a vós, que sempre me testemunhastes tanto afeto.”

Samuel, que sabia que o tempo da morte de Saul havia chegado, disse-lhe: “Sei que de fato Deus vos abandonou **é em vão desejais que vos diga o que vos deve suceder**; mas visto que o quereis, **sabei que Davi reinará; que ele terminará felizmente esta guerra e que por castigo de não terdes executado as ordens que eu vos havia dado, da parte de Deus, depois de ter vencido os amalequitas**, vosso exército amanhã será desbaratado e vós perdereis a coroa, **a vida e vossos filhos** nessa batalha.” Estas palavras gelaram o coração de Saul e ele desmaiou, quer pelo excesso da dor, quer porque há dois dias não se alimentava. A mulher rogou-lhe que tomasse algum alimento, para restaurar suas forças e poder voltar ao exército. Ele recusou-o; ela insistiu ainda, dizendo que não lhe pedia outra recompensa, por ter arriscado sua vida para fazer o que ele desejava, que sabia que não corria perigo pois era o mesmo rei que lhe dava aquela ordem. Por fim, Saul não podendo resistir às suas súplicas insistentes, disse-lhe que comeria alguma coisa. Logo ela matou um vitelo, que era tudo o que possuía, preparou-o e serviu-lhe a ele e aos seus;

Saul voltou naquela mesma noite para o seu exército. **Eu não poderia a este propósito admirar assaz a bondade dessa mulher,** que nunca antes tendo visto o rei, em vez de se ressentir porque ele a havia reduzido a tão grande pobreza, **proibindo-a de exercer a arte que era seu meio de vida,** teve tanta compaixão da sua infelicidade, que não só contentou de consolá-lo, mas deu-lhe tudo o que possuía, sem pretender recompensa alguma e sem nada esperar dele, **sabendo que ele morreria no dia seguinte.** Nisso ela é tanto mais louvável, quanto os homens são naturalmente levados a fazer o bem somente àqueles dos quais podem também recebê-lo, **e assim ela nos dá um belo exemplo de como ajudar, sem interesse, aos que têm necessidade de nosso auxílio pois que é uma generosidade tão agradável a Deus, que nada mais do que ela pode levá-lo a nos tratar favoravelmente.** Julgo dever acrescentar outra reflexão que poderá ser útil a todos e particularmente aos reis, aos príncipes, aos grandes, aos magistrados, às outras pessoas constituídas em dignidade e a todos os que em qualquer condição estejam, têm a alma grande e nobre, a fim de inflamá-los de tal modo ao amor da virtude que não haja penas nem tribulações, que eles não aceitem, nem perigos que eles não desprezem e até mesmo a morte, para conquistar uma reputação imortal, dando sua vida pelo bem da pátria. Nós vemos o que Saul fez, pois, ainda que Samuel o tivesse

avisado de que ele seria morto com seus filhos na batalha, ele preferiu perder a vida do que fazer uma ação indigna de um rei, para conservá-la, abandonando seu exército, o que seria como entregá-lo nas mãos dos inimigos. **Assim, não hesitou em se expor com seus filhos a uma morte certa**, mas julgou que seria melhor e muito mais feliz, terminar gloriosamente seus dias, com estes, combatendo pela salvação da pátria e merecendo viver perenemente na memória da posteridade, do que sobreviver à sua infelicidade, não ter mais uma posição e ser ainda tido em pouco na opinião de todos. Não poderia, pois, deixar de considerar esse soberano, neste ponto, como muito justo, muito sensato e muito generoso. E, se algum outro fez antes dele ou fizer no futuro a mesma coisa, não haverá elogios de que não seja digno. Pois ainda que aqueles que fazem a guerra na esperança de obter a vitória, merecem que os historiadores elogiem suas ações e seus feitos grandiosos, parece-me que somente devem ser tidos como provectos na coragem os que, à imitação de Saul, preferem de tal modo sua honra à própria vida, que desprezam perigos certos e inevitáveis. Nada é mais comum do que empreender aquilo cujo desfecho é duvidoso e de que, se houver sorte favorável, se podem auferir grandes vantagens. Mas nada poder prometer senão coisas funestas, estar mesmo certo de que se perderá a vida no combate e ir com coragem intrépida

afrontar a morte, é o que se pode dizer o cúmulo da generosidade e da coragem. Foi isso que admiravelmente fez Saul; foi o exemplo que ele deu a todos os que desejam eternizar sua memória pela glória de suas ações, mas principalmente aos reis, aos quais a nobreza da própria condição, não somente não permite abandonar o cuidado de seus súditos, mas os torna mesmo dignos de censura se tiverem por eles apenas um a medíocre afeição. **Poderia eu falar ainda muito mais, em louvor de Saul**, mas, para não ser demasiado longo é-me necessário retomar o fio do meu discurso.

[...].

255. *1 Samuel 31*. Travou-se, entretanto, a batalha entre os filisteus e os israelitas; foi encarniçada de parte a parte. Mas, por fim, a vantagem pendeu para os filisteus, e Saul e seus filhos, que estavam empenhados no combate, não tendo mais esperança de obter a vitória, só pensaram em morrer gloriosamente. Praticaram atos de bravura, tão extraordinários que atraíram sobre si todas as forças dos inimigos e depois de terem matado um grande número deles, esmagados pela multidão, acabaram perecendo. Jônatas, Abinadabe e Malquisua, seus dois irmãos, caíram ali mesmo e sua morte fez os israelitas perder totalmente o ânimo; estes fugiram logo depois e os filisteus fizeram grande matança. Saul retirou-se em boa ordem, com o que pôde

salvar. Os inimigos mandaram um grande número de arqueiros em sua perseguição, bem como besteiros, que os mataram quase todos a golpes de dardos e de flechas; Saul mesmo, depois de ter feito o possível, foi tão crivado de golpes que querendo morrer, não lhe restavam, porém, mais forças para se matar. Ele ordenou então ao seu escudeiro que lhe atravessasse o corpo com sua espada, para impedir que ele caísse vivo em poder dos inimigos: vendo, que não se resolvia a fazê-lo, colocou a ponta da espada sobre o estômago e se lançou sobre ela. Quando o escudeiro de Saul viu seu senhor morto, matou-se também e todos os soldados de sua guarda foram mortos, perto do monte de Gilboa.

Os israelitas que habitavam no vale, além do Jordão, tendo sabido da derrota, da morte de Saul e de seus filhos, retiraram-se para lugares fortificados e abandonaram as cidades que possuíam na planície, de que os filisteus se haviam apoderado.

256. No dia seguinte, depois desse grande combate, os vencedores, despojando os mortos, **reconheceram o corpo de Saul e de seus filhos, Cortaram-lhe a cabeça**, e depois de terem anunciado sua morte por todo o país e consagrado suas almas no templo de Astarote, seu falso deus, **penduraram seus corpos em forcas**, perto da cidade de Bete-Seã que hoje se chama Scitópolis. Os habitantes de Jabes-Gileade

demonstraram nessa ocasião a grandeza de sua coragem; pela indignação que sentiram por ver que não somente se privavam tão grandes príncipes da honra da sepultura, mas ainda os tratavam ignominiosamente, os mais corajosos dentre eles, foram de noite apoderar-se daqueles corpos à vista dos inimigos e os levaram sem que eles se atrevessem a protestar. Toda a cidade prestou-lhes homenagem, organizando-lhes um honroso sepultamento; passaram-se dias de lamentações, com suas mulheres e crianças, em luto público, num jejum tão rigoroso que não quiseram nem beber nem comer durante todo esse tempo, tanto estavam sentidos e penetrados de dor, pela perda de seu rei e de seus príncipes.

Eis como, segundo a profecia de Samuel, o rei Saul terminou sua vida, por ter desobedecido às ordens de Deus, com relação aos amalequitas, tendo feito morrer o grão-sacrificador Aimeleque, com toda a sua casa sacerdotal e reduzido a cinzas a cidade destinada por Deus para sua estada. Reinou dezoito anos durante a vida desse profeta e vinte e dois anos, depois de sua morte. ⁽⁵⁴⁾

Primeiramente, gostaríamos de perguntar se podemos considerar o episódio da consulta a Samuel como *“uma suposta sessão espírita”*, segundo os detratores, ou *“uma autêntica sessão espírita”*, para os espíritas? Certamente que não! Pelo menos por

quatro motivos, que são:

1º) numa sessão espírita a primeira coisa que se faz é pedir a Deus permissão, ao qual também se pede assistência através dos Espíritos superiores (anjos);

2º) elas não são feitas para buscar conhecer fatos futuros, pois se isso for necessário à nossa evolução, de uma forma ou de outra, a informação virá a nós, por qualquer meio e de qualquer jeito;

3º) não é quanto à essência das consultas, ou seja, não consultamos os mortos para saber o que acontecerá com os nossos desafetos ou com os que “guerreiam” contra nós;

4º) no Espiritismo, as reuniões se compõem de um grupo de pessoas sérias com objetivos nobres, visando, especialmente, ajudar ao próximo, quer esteja encarnado ou desencarnado; não fazemos reunião de “um espírita só”. É vero!

Iremos agora, por oportuno, comentar vários trechos desse relato de Josefo, visando elucidar algumas coisas, que julgamos muito importantes.

Porém, antes disso, ressaltaremos algo que,

apesar de sua importância, ainda não vimos ninguém atentar para ele, conquanto seja fundamental para o entendimento do texto acima. Analisemos duas passagens bíblicas às quais está ligado:

1ª) 1 Samuel 15,35: *“Samuel não viu mais Saul até o dia da sua morte”* ou em outra versão: *“Enquanto viveu, Samuel nunca mais viu Saul”* (55).

O autor bíblico, certamente, está dizendo que Saul não viu mais Samuel, enquanto esse viveu, após ter degolado Agag em Guilgal; porém depois de morto sim, uma vez que mais à frente relatará justamente o encontro dos dois personagens.

A bem da verdade, houve um “cochilo” do autor, pois, pelo menos uma vez, passados 8 anos (56), Saul ainda viu Samuel antes de sua morte, conforme relatado em 1 Samuel 19,22-24.

2ª) Na versão bíblica do episódio (1 Samuel 38,3-25), cujo título os tradutores da Bíblia de Jerusalém impropriamente colocaram como **“Saul e a feiticeira de Endor”** (não podiam perder a chance de fazer a ligação), o autor bíblico inicia o

seu relato da seguinte forma:

“Samuel tinha morrido, e todo o Israel o tinha lamentado, e o sepultaram em Ramá, sua cidade. Saul havia expulsado da terra os necromantes e adivinhos.” (1 Samuel 28,3).

Essas duas coisas citadas por ele, bem no início, é para chamar a atenção do leitor sobre o que relatará na sequência; começa dizendo que Samuel havia morrido, fato que é informado num passo bem anterior (1 Samuel 25,1), portanto a sua intenção é dizer algo assim: “Olha, leitor, o Samuel que falaremos mais abaixo já morreu, lembre-se disso”.

E ao dizer que Saul havia expulsado os necromantes, está, de certa forma, reforçando a informação dada, pois se buscaria o contato com um morto através de uma necromante. E ressaltamos que expulsou “necromantes” e não feiticeiras.

Agora sim, vamos comentar alguns trechos da transcrição acima do livro ***História dos Hebreus***, tradução de Pe. Vicente Pedroso:

a) “consulta por meio de uma médium a sombra de Samuel”:

Certamente, que aqui o tradutor pecou contra a honestidade, pois o termo *médium* não existia na época em que foi escrito o texto por Josefo. O que de fato deveria ter sido mencionado é: *“consulta por meio de uma necromante”*, tanto é verdade que, mais a frente, lemos que Saul havia expulsado *“toda a espécie de gente que costuma predizer o futuro”* e que ele queria saber de seus servos *“onde se poderia encontrar algum daqueles que fazem voltar as almas dos mortos para interrogá-las e saber coisas futuras”*. Observa-se que, em ambos os trechos, fala-se de previsão de futuro, o que não cabe aplicar isso a nós, os espíritas, que não os evocamos, de forma alguma, com esse objetivo.

Além disso usa o termo *“sombra”* para referir-se a Samuel, quando, possivelmente, Josefo teria dito *“Espírito”* ou *“alma”*, e não sombra.

Corroborando isso, podemos citar que no site Christian Classics Ethereal Library ⁽⁵⁷⁾, a versão em inglês da obra de Josefo, aí disponível, já diz *“desejou que uma mulher necromante fizesse subir a alma de Samuel”* ⁽⁵⁸⁾.

Disparate total acontece na Bíblia Sagrada

edição da SBTB que traduz como *“uma mulher que tenha o espírito de feiticeira”*.

Não temos dúvida de que a colocação da palavra “médium” aqui, como também nas traduções bíblicas Shedd, Mundo Cristão e NTLH, é algo intencional, visando que os leitores façam uma imediata ligação com o Espiritismo, pois, por pura ignorância, quando se fala em médium, invariavelmente pensam tratar-se de Doutrina Espírita. A Tradução do Novo Mundo vai um pouco mais longe se referindo a *“uma mulher que seja dona da mediunidade espírita”*.

O que alguns tradutores fingem saber é que médium todos nós, seres humanos, somos; o que varia é o grau de sensibilidade que cada um de nós tem, já o dissemos. A mediunidade é uma faculdade humana; portanto, pouco importa se a pessoa tem ou não religião, ela está presente. Vejamos a definição de Allan Kardec:

MÉDIUM (do lat. Médium, meio, intermediário): pessoas acessíveis à influência dos Espíritos, e mais ou menos dotadas da faculdade de receber e transmitir

suas comunicações. Para os Espíritos, o médium é um intermediário; é um agente ou um instrumento mais ou menos cômodo, segundo a natureza ou o grau da faculdade mediúnica. Esta faculdade depende de uma disposição orgânica especial, suscetível de desenvolvimento. Distinguem-se diversas variedades de médiuns, segundo sua aptidão particular para tal ou tal modo de transmissão, ou tal gênero de comunicação.
(⁵⁹)

A quem ele atribuía a faculdade de ser médium? Leiamos:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos, é, por isso mesmo, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. [...]. (⁶⁰)

Vê-se, portanto, que o Codificador não faz nenhuma restrição, pois não atribui a mediunidade somente aos Espíritos; porém, como uma faculdade humana da qual todos possuem alguns rudimentos.

O que é mais interessante disso é que os dois

personagens envolvidos na história da necromante, Samuel e Saul, também eram médiuns!!! Fato que se poderá verificar em:

1 Samuel 9,1-27: *“Entre os benjaminitas, havia um homem chamado Cis, filho de Abiel, filho de Seror, filho de Becorat, filho de Afia. Era um benjaminita muito importante. Esse homem tinha um filho chamado Saul, jovem de boa aparência. Era um israelita imponente: os outros lhe chegavam apenas até os ombros. As jumentas de Cis, pai de Saul, tinham se extraviado. Cis disse ao filho Saul: 'Chame um dos empregados e vá procurar as jumentas'. Eles cruzaram a região montanhosa de Efraim, atravessaram o território de Salisa, mas não as encontraram. Atravessaram a região de Salim, e nada. Atravessaram a região de Benjamim, e nem aí encontraram as jumentas. Quando chegaram ao território de Suf, Saul disse ao empregado que o acompanhava: 'Vamos voltar, senão o meu pai vai ficar mais preocupado conosco do que com as jumentas'. O empregado, porém, sugeriu: 'Olhe. Na cidade vizinha há **um homem de Deus** que é muito famoso. Tudo o que ele diz, acontece de fato. Vamos até lá. **Quem sabe ele nos possa orientar sobre o caminho que devemos seguir**'. Saul disse ao empregado: 'Podemos ir. Mas o que vamos oferecer a esse*

homem? Já não temos pão na sacola. **Não temos nada para oferecer a esse homem de Deus.** Será que sobrou alguma coisa?' O empregado respondeu: '**Tenho aqui uma pequena moeda de prata.** Vou oferecê-la ao homem de Deus, e ele nos dará uma orientação'. **(Em Israel, antigamente, quando alguém ia consultar a Deus, costumava dizer: 'Vamos ao vidente'. Porque, em lugar de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente').** Saul replicou: 'Ótimo, vamos lá'. E foram à cidade onde morava o homem de Deus. [...] Saul chegou perto de **Samuel**, no meio da porta, e lhe perguntou: 'O senhor pode me dizer onde é a casa do vidente?' **Samuel respondeu: 'Eu sou o vidente.** Suba na minha frente até o lugar alto. Hoje você comerá comigo, e amanhã de manhã você irá embora. **Vou resolver a questão que o preocupa. Não se preocupe com as jumentas que você perdeu há três dias. Elas já foram encontradas.** Aliás, de quem é toda a riqueza de Israel? Não é, por acaso, sua e da família do seu pai?'"

Hoje sabemos que a vidência é uma das particularidades da mediunidade, pela qual um médium consegue enxergar tanto o plano espiritual como os seus habitantes. Então, a conclusão óbvia é

que sendo Samuel um vidente, necessariamente ele era um médium. E, dada a ignorância sobre o fenômeno, o tinham como “um homem de Deus... que tudo o que diz acontece”.

Aliás, parece-me ser uma característica dos hebreus que seus líderes tivessem, à sua disposição, um vidente, o seu “médium oficial”, conforme se pode ver nos seguintes passos:

1 Crônicas 21,9: “Então Javé disse a **Gad, o vidente** de Davi:”.

1 Crônicas 25,5: “Eram todos filhos de **Emã, o vidente do rei**, a quem ele transmitia a palavra de Deus.”

2 Crônicas 9,29: “O resto da história de Salomão, do começo ao fim, está escrito na história do profeta Natã, nas profecias de Aías de Silo e na visão que **Ido, o vidente**, teve sobre Jeroboão, [...]”

2 Crônicas 29,30: “Em seguida, o rei Ezequias e os chefes ordenaram aos levitas que louvassem Javé com as palavras de Davi e do **vidente Asaf**. E eles o fizeram de coração alegre. Depois, se ajoelharam e se prostraram.”

2 Crônicas 12,15: “A história de Roboão, do

*começo ao fim, está escrita na história do profeta Semeías e do **vidente Ado** [...].”*

*2 Crônicas 16,7: “Nessa ocasião, o **vidente Hanani** procurou Asa, rei de Judá, e lhe disse: [...].”*

*2 Crônicas 19,2: “O **vidente Jeú**, filho de Hanani, foi ao seu encontro e disse: [...].”*

*2 Crônicas 36,15: “[...] Asaf, nem Emã, nem Iditun, nem o **vidente do rei**, nem os porteiros tiveram que deixar as suas funções, pois seus irmãos levitas prepararam tudo para eles”.*

*Amós 7,12: “Então Amasias disse a **Amós: 'Vidente, vá embora daqui. Retire-se para a terra de Judá. Vá ganhar a sua vida fazendo lá suas profecias'.**”*

A mediunidade de vidência não é uma daquelas que seria raridade, por isso, é comum encontrarmos, nas Casas Espíritas, médiuns videntes, que, em alguns casos e quando há necessidade, confirma a presença de determinado Espírito.

Além desses, podemos ainda encontrar os médiuns audientes, que ouvem os Espíritos; portanto, não se pode dizer que “ninguém ouve nem

vê” os Espíritos que se utilizam dos médiuns de psicografia. Um bom exemplo de um médium que tinha, além de outras, todas essas mediunidades juntas é o nosso saudoso Chico Xavier (1910-2002).

Oportuno separar vidência com o que acontece ao se presenciar um fenômeno de materialização. Na aparição de Samuel a Saul, este não o viu, porque não era médium vidente, que é o caso da mulher médium. Quando Moisés e Elias apareceram a Jesus os discípulos Pedro, Tiago e João, que o acompanhavam, os viram, porque o fenômeno aqui foi o de uma materialização. Esses dois casos são, portanto, diferentes na espécie; não se deve confundi-los como sendo a mesma coisa, o que é comum aos dois é que ambos são fenômenos mediúnicos.

Voltando ao vidente Samuel, vejamos duas coisas importantes, no exercício que fazia de sua mediunidade: primeira, é que recebia pagamento pelo uso de sua faculdade mediúnica, razão de terem ficado preocupados em não ter nada para pagá-lo, tranquilizando-se, quando o servo que acompanhava Saul encontrou uma pequena moeda de prata,

deixando evidente que Samuel comercializava a sua atividade como médium; a segunda relaciona-se ao objetivo pelo qual foram procurá-lo; queriam saber dele onde se encontravam as jumentas pertencentes ao pai de Saul, que haviam se perdido; ele afirma que elas seriam encontradas; dessa forma Samuel demonstra que usava a sua mediunidade para as coisas fúteis da vida. Isso, sim, é o que teria sido proibido por Moisés! Ambas as situações não fazem coro nas pessoas que realmente praticam o Espiritismo.

Vejamos agora o personagem Saul, na qualidade de médium:

1 Samuel 16,14-23: *“O espírito de Javé afastou-se de Saul, e ele **começou a ficar agitado por um espírito mau**, enviado por Javé. Então os servos de Saul lhe disseram: **'Você está sendo agitado por um espírito mau enviado por Deus. Dê uma ordem, e nós, seus servos, vamos procurar alguém que saiba tocar harpa; desse modo, quando o espírito mau enviado por Deus o atormentar, alguém tocará para você, e você se sentirá melhor'**. Então Saul ordenou: **'Procurem alguém que saiba tocar bem e o tragam para mim'**. Um dos servos disse:*

*'Conheço um filho do belemita Jessé [...]'. Então Saul enviou mensageiros a Jessé com esta ordem: 'Mande-me o seu filho Davi, [...]'. [...] Davi chegou ao palácio e se apresentou a Saul; o rei ficou muito bem impressionado com ele, e o tornou seu escudeiro. E Saul mandou dizer a Jessé: 'Davi ficará a meu serviço, porque eu gosto dele'. **Todas as vezes que o espírito de Deus atacava Saul, Davi pegava a harpa e tocava. Então Saul se acalmava, sentia-se melhor, e o espírito mau o deixava.**'*

As atitudes de Saul o tornaram presa de um Espírito obsessivo, que se afastava temporariamente, quando Davi tocava harpa. Passava então, o filho de Cis, por um processo de obsessão, que é “o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas” ⁽⁶¹⁾. Entre suas modalidades encontramos a subjugação “é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado” ⁽⁶²⁾, que é, ao que tudo indica, o caso de Saul, registrado em dois momentos:

1 Samuel 18,10-12: *“No dia seguinte, um espírito mau provindo de Deus tomou conta de Saul, que começou a delirar dentro de casa. Como de costume, Davi estava tocando harpa*

e Saul **tinha a lança na mão. Saul atirou a lança, dizendo: 'Vou cravar Davi na parede'**. Davi, porém, **conseguiu escapar duas vezes**. Saul tinha medo de Davi, porque Javé tinha abandonado Saul e agora estava com Davi.”

1 Samuel 19,8-10: “A guerra começou de novo e Davi saiu para lutar contra os filisteus. Estes foram derrotados e fugiram. Ora, **um espírito mau, vindo da parte de Javé, se apoderou de Saul**, quando estava sentado em casa, com a lança na mão, enquanto Davi tocava harpa. **Saul tentou cravar Davi na parede**, mas Davi se desviou e a lança fincou na parede. Então Davi se salvou fugindo. [...].”

O sentimento de inveja de Saul era um, dentre outros possíveis fatores, que fazia os Espíritos bons se afastarem dele, que, em razão disso, ficava à mercê dos Espíritos maus, que o assediavam sem dó.

Não raro, encontramos argumentos denegrindo a pessoa de Saul, dizendo que foi tomado por ódio, inveja e ciúmes, ou que o egoísmo, a cobiça, o ciúme e a desobediência endurecem o seu coração, e diante de tantos “predicados”, Deus não poderia respondê-lo; pena que não se lembram de Jesus que disse: “As pessoas que têm saúde não precisam de

médico” (Mateus 9,12) e “não vim chamar os justos e sim pecadores” (Mateus 9,13).

Não satisfeitos acusam-no até de assassino, fazendo vistas grossas ao profeta Samuel que mandou trazer Agag, o rei dos amalecitas, e, friamente, o degolou ali mesmo, diante do povo (1 Samuel 15,32-33), convicto de que isso era agradável a Deus ao cumprir Suas ordens.

Já vimos até se dizer que Saul *“nunca descera tanto”*, pelo motivo dele ter se disfarçado para ir à casa da necromante, sem levar em conta de que ele, como rei de Israel, expulsou, do país, os necromantes; portanto, não poderia se encontrar com ela *“vestido de rei”*, pois, certamente, ela não o atenderia e fatalmente diria que não mais era necromante, por proibição do próprio Rei; porém usando de roupas comuns, ou seja, *“disfarçando-se”* de gente do povo ela o fazia. E, mais uma vez, vemos ao que leva o dogmatismo.

b) “rogou aos profetas que consultassem a Deus para saber qual seria o resultado dessa guerra”

Como consultavam a Deus? Vejamos que, pela

versão da *Bíblia de Jerusalém*, se afirma que: “*Saul consultou a lahweh, mas lahweh não lhe respondeu, nem por sonho, nem pela sorte, nem pelos profetas*” (1 Samuel 28,6), portanto, temos aí três maneiras pelas quais consultavam a Deus: por sonho, pela sorte e pelos profetas. Chamamos a sua atenção, caro leitor, para as consultas pela sorte, pois talvez ninguém o tenha explicado como elas aconteciam; muitos por quererem esconder o que se encontra por detrás do processo, outros por pura ignorância mesmo.

Confessamos que até há pouco tempo nem tínhamos a mínima ideia sobre elas; mas resolvemos pesquisar e encontramos algo inusitado. Segundo apuramos, para os hebreus “**A sorte indica a vontade de Deus** (14,38-42, Js 7,13-18; AT 1,24-26; Pr 16,33).” (63).

Quando nos acontece algo inesperado, geralmente, dizemos que foi por pura sorte; não é mesmo? Pois bem, esse “pela sorte” do texto bíblico é coisa semelhante, conforme poder-se-á ver nas explicações que se seguem.

Primeiramente, devemos informar que nas

Bíblia Ave-Maria, Mundo Cristão, Shedd, SBB, SBTB e Novo Mundo, em vez de “pela sorte” encontramos “pelo urim”. Esse termo – urim – está sempre ligado a “tumim”. O significado, conforme o **Dicionário Bíblico Universal**, para os dois termos, é:

Urim e Tumim

Palavras de sentido incerto: **designam uma técnica divinatória que consiste em tirar a sorte várias vezes, usando duas pedrinhas** ou bastõezinhos ou algum objeto semelhante. Um dos objetos trazia a primeira letra do alfabeto, o alef, inicial de urim, e o outro, a última letra, o tau (cf. Ez 9,4), inicial de tumim? Pode-se imaginar isso. O modo como funcionava aparece em 1Sm 14,41-42, corrigido segundo o grego: “Saul disse: 'Se a culpa está em mim... o senhor... faça dar *urim*; se a culpa está em Israel, que dê *tumim*!' Saul... foi designado. Saul disse: '**Lançai a sorte sobre mim e meu filho Jônatas!**', e a sorte caiu em Jônatas”. Trata-se portanto de uma resposta por sim ou não, que vai progredindo por precisões sucessivas (cf. 1 Sm 23,9-12). A operação poderia durar muito tempo (1Sm 14,18-19, corrigido segundo o grego). Acontecia às vezes que o oráculo se recusava a responder (1Sm 14,37; 28,6). Sem dúvida, quando não saía nada ou quando os dois resultados saíam ao mesmo tempo. **A manipulação das sortes era**

confiada ao sacerdote Eleazar (Nm 27,21) **ou à tribo de Levi** (Dt 33,8). Depois do reinado de Davi só se encontra uma menção (Esd 2,63 = Ne 7,65). ⁽⁶⁴⁾

Pelo **Dicionário Bíblico (On-line)**, temos:

Urim e Tumim

Luzes e perfeições. Como há muita dúvida com respeito a estes nomes, será bom examinar as referências das Escrituras sobre o assunto: 'Também porás no peitoral do juízo o Urim e o Tumim, para que estejam sobre o coração de Arão, quando entrar perante o Senhor' (Êx 28.30 – cf. Lv 8.8). Há, aqui, uma alusão a pequenos objetos, em conexão com a interpretação da vontade de Deus por meio do sumo sacerdote, estando essas coisas encerradas numa dobra do peitoral. Parece que se trata de pedras, usadas como sortes, ou talvez de uma única pedra com duas faces sobre as quais estivessem gravadas os termos Urim e Tumim. Na 'Bênção de Moisés' (Dt 33.8) o privilégio de possuir o 'Tumim e o Urim' é recebido da tribo de Levi. **Em outras passagens há expressas referências a Urim e a Tumim como meios de adivinhação.** Na divina designação de Josué, para sucessor de Moisés, se lê: 'Apresentar-se-á perante Eleazar, o sacerdote, o qual por ele consultará, segundo o juízo do Urim, perante o Senhor' (Nm

27:21). o que levou Saul a consultar a feiticeira de En-Dor foi o seguinte: quando Saul consultou o Senhor, o Senhor 'não lhe respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas' (1 Sm 28.6). Nos dias de Esdras e Neemias o método tinha caído em desuso – e por isso Zorobabel adiou a sua decisão com respeito ao direito de certas famílias ao sacerdócio, 'até que se levantasse um sacerdote com Urim e Tumim' (Ed 2.63 – Ne 7.65). Pode dizer-se, com alguma probabilidade, que o mesmo método de adivinhação deve ter sido empregado em alguns casos em que o Urim e o Tumim não são expressamente mencionados (*veja g. Js 7.14 a 18 – Jz 20.28 – 1 Sm 10.20 a 24 – 2 Sm 2.1 – 5.19, 23). **Eram, desse modo, o Urim e o Tumim o meio de apelar pela sorte para a vontade ou conhecimento de Deus**, nos casos que envolviam duas alternativas, sendo isso naturalmente uma prerrogativa dos sacerdotes. ⁽⁶⁵⁾

Portanto, essas duas pedras – urim e tumim –, eram usadas como meio de adivinhação; só que, para eles, quem, supostamente, respondia às consultas, era o Deus de Israel. Os sacerdotes são os que tinham o encargo de fazer essas consultas; foi isso que encontramos no ***Dicionário Bíblico Universal***:

O sacerdote e o oráculo divino

Dar oráculo é a função principal do sacerdote; em Dt 33,8-10 esta função é citada pela primeira vez. Moisés desempenha esta tarefa (Ex 18,15-19).

Os sacerdotes utilizavam os meios técnicos apropriados: o efod, o urim e o tumim. Com o passar do tempo estes meios parecem suspeitos (Os 3,4): a consulta através dos profetas adquire mais importância do que a do sacerdote. ⁽⁶⁶⁾

Então, temos que, todas as vezes em que se encontrar na Bíblia referência a alguém realizando um oráculo, significa, que, na verdade, esse alguém estava manejando os dados urim e tumim, num processo divinatório, que, para eles, os hebreus, representava a vontade de Deus. E é bom lembrar que: *“Em Israel, antigamente, quando alguém ia consultar a Deus, costumava dizer: 'Vamos ao vidente'. Porque, em lugar de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente'”.* (1 Samuel 9,9), relacionando, portanto, o “dom” do profeta à mediunidade.

Vejamos, para corroborar tudo isso que já foi dito, algumas passagens nas quais encontraremos

explicações dos tradutores bíblicos sobre o significado de urim e tumim.

Em Êxodo 28,6 é dito sobre uma parte da vestimenta do sacerdote chamada “efod”, cuja explicação encontramos nas ***Bíblia Sagrada Vozes*** e ***Bíblia de Jerusalém***, respectivamente:

O *efod* aqui é um elemento das vestes sacerdotais, ligado ao “peitoral do juízo” (28,15s), onde estão as **sortes sagradas: *urim e tumim***. Originariamente era uma faixa de pano que cobria os flancos da divindade (cf. Is 30,22; Jz 8,27; 17,5) ou os do ministro do culto. **Era usado para consultar a Deus e dar respostas oraculares** (1Sm 2,18.28; 14,18s.41; 23,9s; 2Sm 6,14). ⁽⁶⁷⁾

O hebraico bíblico aplica o termo *efod* (etimologia incerta) a três realidades: 1º) o **efod instrumento de adivinhação, que servia para consultar a lahweh** (cf. 1Sm 2,28+); 2º) o *efod-bad*, “tanga de linho” usada pelos ministros do culto (cf. 1Sm 2,18++); 3º) o *efod* do sumo sacerdote, espécie de colete preso por cinto e suspensórios. A esse colete está preso o “peitoral do julgamento” (vv. 15s), **o qual contém as, sortes sagradas, *Urim e Tumim*** (v. 30; Lv 8,7-8; 1Sm 14,41+). O *efod* do sumo sacerdote é assim posto em relação com o *efod* da adivinhação, do mesmo modo que o seu nome lembra a

antiga vestimenta dos sacerdotes. Mas essas aproximações são artificiais: essa descrição da vestimenta do sumo sacerdote vale apenas para a época pós-exílica, e **o uso do efod divinatório com as sortes sagradas**, não é mais documento depois de Davi. (cf. Ainda Jz 8,27+). ⁽⁶⁸⁾

Assim, temos que o efod é um instrumento de adivinhação (ou divinatório) e continha as pedras ou sortes sagradas, urim e tumim, com as quais faziam suas consultas a Deus. Ora, isso é bem interessante porque a adivinhação foi, segundo os próprios textos bíblicos, proibida. Vê-se, portanto, não haver muita coerência nesse ponto.

Outra parte da vestimenta sacerdotal é citada em Êxodo 28,15, sobre a qual, na **Bíblia Sagrada Vozes**, dizem:

O *peitoral* era um pedaço de pano dobrado de modo a formar uma espécie de bolso para conter **os dados (sortes) sagrados, urim e tumim** (28,30). É chamado “do juízo” **porque por meio dos dados sagrados o sacerdote dava a sentença ou julgamento divino** (28,31). ⁽⁶⁹⁾

No passo Êxodo 28,30, mencionado em “nota”

a 28,15, recomenda-se que “No peitoral do juízo porás o urim e tumim”, a respeito do qual, na **Bíblia Sagrada Vozes**, explicam:

Urim e tumim eram o nome de duas pedras, em forma de dado, cada uma de cor diferente, que **serviam para dar a resposta convencionalizada por um “sim” ou um “não”**, de acordo com a pergunta feita (1Sm 14,41; 23,10-12). Estes “dados” eram manejados pelos sacerdotes ou levitas (Nm 27,21; 23,10-12). ⁽⁷⁰⁾

Esse “peitoral do juízo” também era chamado de “peitoral do julgamento”, para o qual também encontramos esta explicação na **Bíblia Sagrada Vozes**:

O *peitoral do julgamento* (Ex 28,4s.30; Lv 8,8) era uma espécie de bolsa onde se guardavam os *reveladores da verdade (urim e tumim)*, espécie de **dados coloridos**, pelos quais o sacerdote dava as **respostas oraculares aos fiéis, em nome de Deus.** ⁽⁷¹⁾

Certamente que você, leitor, já deve estar percebendo que as consultas a Deus eram feitas nos moldes de um autêntico “cara ou coroa”, pois, na

verdade, o processo não passava disso mesmo. E se, como dizem, “*a adivinhação é prática ocultista para conhecer o futuro*”, exatamente era para que se usavam essas duas pedras, ou seja, conhecer o futuro, o que torna “*antibíblico*” tal procedimento, portanto, dizer que “*o método de Deus é a profecia e não a adivinhação*”, prova falta de conhecimento do assunto de que se fala. Está aí, pois a razão pela qual não se fala dessas duas pedras, vistas como sortes sagradas.

E, para confirmar tudo isso, apresentamos o passo:

Números 27,21: “*Então Josué se apresentará ao sacerdote Eleazar, que **consultará Javé por ele, tirando a sorte por meio dos urim**. Toda a comunidade, tanto Josué como os filhos de Israel, agirá conforme o oráculo.*”

Aqui se tem a prova de que o urim e tumim eram usados para se fazer as consultas. O que se acaba de ler foi quanto a uma das formas que faziam as consultas a Deus, vamos agora, ver alguns dos motivos que os levavam a essas consultas; para isso transcreveremos algumas passagens da Bíblia:

Juízes 1,1-2: “Depois que Josué morreu, os israelitas **consultaram a Javé: 'Quem de nós irá na frente para combater os cananeus?'** Javé respondeu: 'Judá irá na frente, porque eu entreguei a terra nas mãos dele'.”

A explicação que, na **Bíblia Sagrada Vozes**, deram para o “consultaram ao Senhor” (conforme outras versões bíblicas), confirma o uso das sortes sagradas:

A consulta se fazia em geral em santuários. Fazia-se uma pergunta (cf, Jz 18,5; 20,18-23) e **para obter a resposta (sim ou não), lançavam-se as sortes** contidas no efod (cf. 1Sm 23,6-12; Jz 8,27).
(⁷²)

Queriam obter de Deus uma indicação sobre quem, na guerra contra os cananeus, substituiria Josué, que havia morrido; motivo tão fútil, o que faz com que os “citadores de Bíblia” nem falem nisso.

E para dissipar as possíveis dúvidas do processo utilizado, veja o que, após ser escolhido, Judá disse a seu irmão Simeão: “Venha comigo para a região que me coube por sorteio” (Juízes 1,3).

A expressão “por sorteio” é a prova do uso das pedras das sortes para “adivinhar” a vontade de Deus, sob pena de se ter que dizer que o destino do povo eleito era decidido na base do “cara ou coroa”.

Juízes 18,5: *Eles lhe pediram: “**Consulta a Deus: Queremos saber se a viagem que estamos empreendendo será bem sucedida.**”*

Os homens da tribo de Dã estavam procurando um território para morar, cinco dos seus valentes foram mandados para explorar a terra; ao encontrarem um jovem levita, que Micas havia feito sacerdote, lhe pediram o que consta nesse texto. Mais uma vez a consulta a Deus, se não por motivo fútil, pelo menos essencialmente material, querendo saber coisas do futuro.

Juízes 20,18-23: *“Foram a Betel e **consultaram a Deus: ‘Quem de nós irá em primeiro lugar para guerrear contra os benjaminitas?’** Javé respondeu: ‘Judá’. Os israelitas madrugaram, acamparam diante de Gabaá, e saíram para combater Benjamim, colocando-se em ordem de batalha diante de Gabaá. Mas os benjaminitas saíram de Gabaá e nesse dia massacraram vinte e dois mil*

israelitas. Os israelitas voltaram a Betel para chorar até a tarde diante de Javé. **Depois consultaram Javé, perguntando: 'Devemos lutar de novo contra nosso irmão Benjamim?'** Javé respondeu: 'Marchem contra ele'."

Uma consulta para saber quem guerreararia contra os benjaminitas; mais um assunto mundano e ligado ao conhecimento de coisas do futuro.

1 Samuel 10,21-22: "Convocou então a tribo de Benjamim por clãs, e o clã de Metri **foi sorteado**. E Saul, filho de Cis, foi apontado **no sorteio**. Procuraram Saul, mas não o encontraram. **Consultaram, então, a Javé: 'Saul está aqui?'** Javé respondeu: '**Ele está escondido entre as bagagens**'."

No processo de escolha do primeiro rei de Israel, as pedras urim e tumim foram usadas, sorteando-se sucessivamente até a "escolha" recair em Saul. E, ato seguinte, como não sabiam onde Saul se encontrava, apelaram, novamente para o processo de consulta, que, não sabemos como, conseguiu apontar o lugar. A não ser que entre eles houvesse um médium audiente, para ouvir o que Deus disse.

O manipulador dos dados foi Samuel, que disse de Saul: *“Estão vendo quem Javé escolheu? Não há, entre todo o povo, ninguém igual a ele”* (v. 22). Pena que a escolha foi malfeita, e quanto mais se depõe contra a pessoa dele, mais se reforça isso, porquanto, Saul, tempos depois, desobedecerá à ordem divina de “riscar do mapa” os amalecitas. Com isso, Saul atraiu para si a ira de Deus, que resolve então lhe tirar o reino para entregar a um outro, no caso, a Davi.

1 Samuel 14,35-37: *“E Saul construiu um altar para Javé, e foi esse o primeiro altar que ele construiu para Javé. Depois disse: 'Vamos descer, durante a noite, para perseguir os filisteus, e os saquearemos até o amanhecer; não vamos deixar nenhum sobrevivente'. Os da tropa responderam: 'Faça o que achar melhor'. O sacerdote propôs: 'Vamos aproximar-nos para consultar a Deus'. E **Saul consultou a Deus: 'Devo descer para perseguir os filisteus? Tu os entregarás em poder de Israel?' Nesse dia, porém, não houve resposta.”***

Até para uma guerra contra os filisteus Deus foi consultado, usando-se dos dois instrumentos de

adivinhação; porém, nada obteve em resposta. E, ao que tudo indica, Saul já estava com os dias contados, pois foi, completamente, derrotado pelos filisteus no episódio; ele e seus três filhos morrem. O passo 1 Samuel 28,3-25, cuja versão de Josefo estamos analisando, trata dos antecedentes desse dia.

Com a morte de Saul, a realeza foi para as “mãos” de Davi, que teve a incumbência de marchar novamente contra os filisteus; porém, antes disso, vejamos o que ele faz:

1 Crônicas 14,10: ***“Davi consultou a Deus, perguntando: 'Devo atacar os filisteus? E tu os farás cair em minhas mãos?' E o Senhor lhe respondeu: 'Vai! Eu os farei cair em tuas mãos'.”***

Aqui o processo de consulta foi o mesmo, apesar de não estar explícito no texto; porém podemos tomar como sendo a forma usual, que é a que estamos levantando aqui.

Vimos a seguinte explicação dos tradutores da ***Bíblia Sagrada Vozes*** para “*Davi consultou a Deus*”, que, certamente, reflete a realidade da época:

Tanto Saul como Davi, **quando durante uma guerra tinham que tomar uma decisão difícil**, não se fiavam na sua capacidade pessoal, nem apenas no conselho de seus assessores, mas **consultavam a Deus**, em nome do qual lutavam. **A consulta à divindade era realizada por intermédio dum sacerdote**, que os acompanhava para essa finalidade (cf. 1Sm 14,9; 23,9; 30,7). Não consta ao certo, de que maneira o sacerdote obtinha a manifestação de Deus, **mas tudo indica que para isso eram manejados uma espécie de dados (*urim e tumim*)**. Mais tarde essa função passou dos sacerdotes aos profetas. (cf. 2Rs 22). ⁽⁷³⁾

Confirma-se, portanto, tudo o que já foi dito anteriormente. E apontamos mais um registro de uma outra consulta realizada por Davi:

1 Samuel 23, 2: *"Davi consultou a Javé: 'Posso ir atacar os filisteus?' Javé respondeu: 'Pode ir. Você os derrotará e libertará Ceila'."*

Voltando à questão da comunicação com os mortos, podemos ver que, pelos registros bíblicos, isso era de fato comum entre os hebreus. Há um passo no qual o profeta Isaías espera que fizessem tais consultas; vejamo-lo:

Isaías 8,16-20: *“Feche esse atestado e lacre essa instrução junto aos meus discípulos. Eu confio em Javé, que esconde a sua face à casa de Jacó, e nele espero. Agora, eu e os filhos que Javé me deu, somos para Israel sinais e presságios de Javé dos exércitos, que mora no monte Sião. Quando disserem a vocês: **‘Consultem os espíritos e adivinhos**, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve consultar **seus deuses** e consultar os mortos em favor dos vivos?’, comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles.”*

As interpretações dadas a esse passo são completamente distorcidas; apenas sustentam dogmas estabelecidos. Tomam-na como se fosse uma condenação da comunicação com os mortos, quando, na verdade, esse passo não tem nada disso. Isaías está prevendo que dirão sobre a consulta aos mortos; porém não devem aceitar se não estiverem de acordo com o atestado que havia lacrado, ou seja, se o resultado dessas consultas não fosse igual ao que tinha feito não haveria aurora para eles. Portanto, não é a mesma coisa de *“não haver aurora para eles”*, se consultassem os mortos.

Informa-nos o Centro Bíblico Católico, que traduziu a versão da Bíblia dos monges de Maredsous (Bélgica), que para a expressão “*Seus deuses*”, deve-se entender como sendo os Espíritos dos antepassados (74). Aplicando, ao texto, isso que dizem, leríamos, o questionamento do versículo 19, dessa forma:

*“por acaso, um povo não deve consultar seus **antepassados**, consultar os mortos em favor dos vivos?”*

Teríamos exatamente a confirmação de que Isaías esperava que dissessem isso, por ser comum, ou seja, que deveriam fazer tais consultas. E, ao ler a questão de consultar seus antepassados, recordamos da passagem de Jó, aqui mencionada, sobre consultar a gerações passadas (os mortos), para apreenderem da experiência deles, o que nos pareceu ser a mesma coisa.

Por outro lado, a correlação de “*seus deuses*” com “*seus antepassados*”, vem, novamente, confirmar que tinham os Espíritos como deuses.

Quanto ao “*consultem os espíritos e adivinhos*” (Isaías 8,19), da versão Bíblia Pastoral, vejamos

como isso consta em outras Bíblias:

- os **espíritos dos mortos**, os adivinhos: Ave-Maria.
- os **pitões**, e os adivinhos: Barsa.
- os **espíritos** e os adivinhos: de Jerusalém, do Peregrino, Pastoral e Santuário.
- os **necromantes** e os adivinhos: Mundo Cristão, Shedd e Vozes.
- os **médiuns espíritas** ou aos que têm espírito de predição: Novo Mundo.
- os **magos** e os adivinhos: Paulinas ed. 1957, 1977 e 1980.
- os que têm **espíritos familiares** e os adivinhos: SBB e SBTB.

Será que todos esses significados correspondem ao que consta no texto original? Acreditamos que não, visto já termos provado as interpretações de conveniência, fora a questão das adulterações dos textos, tidos como sagrados, quando usam termos que não existem no hebraico,

aramaico e nem em grego, como é o caso, por exemplo, de médiuns e espíritas. Aliás, se, de fato, os julgassem sagrados não teriam a coragem de adulterá-los; não é mesmo?

c) “ele resolveu nessa dificuldade, recorrer à magia”:

Nesse item, temos um problema de tradução do texto de Josefo. Enquanto a publicação da CPAD, com tradução de Vicente Pedroso, consta “*recorrer à magia*”; no texto em inglês que consta do site Christian Classics Ethereal Library ⁽⁷⁵⁾, se tem necromante; portanto, é quase certo que, mais uma vez, estamos diante das traduções de conveniência, pois a editora citada é de cunho protestante.

d) “mas tinha expulsado do país todos os magos e adivinhos e toda espécie de gente que costuma predizer o futuro”:

Situação idêntica ao item anterior, em cujo site citado agora, se lê “necromantes e adivinhos”, e não magos e adivinhos, como na tradução de *História dos Hebreus*, publicação CPAD. E é importante ressaltar que, com relação às consultas, a preocupação, conforme já o dissemos anteriormente,

por inúmeras vezes, era quanto aos que tinham por objetivo prever o futuro.

Algo bem interessante encontramos no site *Christian Classics Ethereal Library*, no qual este trecho tem o seguinte teor: “*tinha expulsado do país os adivinhos, e os necromantes, e todos quantos exerciam artes semelhantes, **excetuando-se os profetas***”.

Ora, para nós a exclusão dos profetas era pelo motivo deles fazerem exatamente o que se estava querendo eliminar do meio dos hebreus, ou seja, adivinhação visando conhecer o futuro, conforme o que consta em Deuteronômio 18,9-14.

Aqui temos algo singular: os profetas podiam, outras pessoas não. Tanto isso é verdade que, antes de ir procurar a necromante, Saul, tentou conhecer o futuro com um profeta, e como não obteve resposta, aí, sim, é que foi procurar a necromante de Endor.

e) “onde se poderia encontrar algum daqueles que fazem voltar as almas dos mortos para interrogá-las e saber coisas futuras”:

Revela-se aqui a intenção pela qual Saul foi

buscar a necromante; queria consultá-la a respeito de um evento futuro; no caso, sobre o que lhe aconteceria na guerra contra os filisteus. E aí se vê que era crença da época que as “almas dos mortos” voltam e, em virtude disso, elas podem ser interrogadas.

f) “o rei tinha absolutamente proibido, por um édito, que se servissem dessa espécie de predição”:

Então, fica, mais uma vez, claro que o proibido era tudo quanto levasse a “*essa espécie de predição*”, ou seja, conhecimento de fatos futuros.

g) “ele [Saul] pediu que fizesse vir a alma de Samuel”:

Será que o rei de Israel, estava tendo um comportamento idiota (desculpe-nos a expressão), pedindo para vir a alma de Samuel? Ou é por que, pela experiência e costume do povo hebreu, se tinha como certa a possibilidade de um morto voltar e se conversar com ele? Tudo nos leva a crer nessa hipótese, que acaba sendo confirmada quando se proíbe consultá-los, uma vez que, não há lógica alguma em se proibir algo que não pode acontecer,

já o dissemos.

h) “como ela não sabia quem era Samuel, obedeceu sem dificuldade”:

Esse ponto relatado por Josefo é interessante, porque sempre se argumenta que a mulher conhecia os envolvidos na história, ou seja, tanto Samuel quanto Saul.

i) “mas quando sua presença se fez notar, não sei o que de divino ela notou nele, que a surpreendeu e perturbou”:

Aqui, portanto, temos o registro da presença de Samuel; sua alma volta do Hades atendendo ao pedido do rei Saul. Sobre o local que citamos, a versão inglesa afirma que a mulher “chamou-o para fora do Hades”. Com certeza, foi isso que ocorreu, pois, para o povo hebreu, até um certo momento de sua história, todos os mortos iam para o sheol, que, em grego, corresponde ao Hades, que era, nada mais nada menos, que a sepultura comum. Portanto, para que um morto voltasse, haveria, segundo a concepção da época, de subir, conforme o narrado no texto bíblico.

j) Voltou-se para Saul e disse-lhe: “Não

sois vós o rei Saul?” (Ela o soubera pela visão):

Por aqui fica claro que a mulher só reconheceu o rei Saul porque isso ela ficou sabendo pela visão, ou seja, “*porque Samuel a havia informado quem ele era*”, conforme o que consta na versão inglesa no site *Christian Classics Ethereal Library*.

k) “Respondeu que via aproximar-se um homem, que parecia todo divino”:

Mas que coisa interessantíssima! Josefo atestando que o homem que se aproximava parecia todo divino. Será que aqui os dogmáticos teriam razão quando dizem que: “*O próprio satanás se disfarça em anjo de luz.*” (2 Coríntios 11,14)? Poderia até ser, caso João não tivesse dito: “*Quem pratica o mal, tem ódio da luz, e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam desmascaradas.*” (João 3,20)

E por falar em anjo de luz, vejamos, em **O Que é o Espiritismo**, a resposta de Allan Kardec ao padre, que lhe questionava sobre isso:

Padre. – O Evangelho ensina que o anjo das trevas, ou Satã, se transforma em anjo

de luz para seduzir os homens.

A. K. – **Satã, segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do Mal,** como Saturno era outrora a do Tempo. A Igreja apega-se à letra dessa figura alegórica; é uma questão de opinião que eu não discutirei.

Admitamos, por um instante, que Satã seja um ser real; a Igreja, à força de exagerar seu poder, tendo em vista intimidar, chega a um resultado totalmente contrário, isto é, à destruição, não somente do medo, mas também da crença em tal personagem, segundo o provérbio: Quem muito quer provar, nada prova. **Ela o representa como eminentemente fino, sagaz e ardiloso, mas, na questão do Espiritismo, fá-lo desempenhar o papel de louco ou de tolo.**

Uma vez que seu fim é alimentar de vítimas o inferno e arrebatam almas do poder de Deus, compreende-se que se dirija àqueles que estão no bem para induzi-los ao mal, e, para tal fim, se veja obrigado a transformar-se, segundo belíssima alegoria, em anjo de luz, isto é, que ele hipocritamente simule a virtude; mas, que deixe escapar aqueles que já estavam em suas redes, é o que não se pode compreender.

Os que não admitem Deus nem a alma, que desprezam a prece e vivem mergulhados no vício, são dele, quanto é possível ser-se;

nada mais lhe resta fazer para sepultá-los no lamaçal; ora, excitá-los a voltar a Deus, a orar, a submeter-se à vontade do Criador, animá-los a renunciar ao mal, mostrando-lhes a felicidade dos escolhidos e a triste sorte que aguarda os maus, seria ato de um simplório, mais estúpido que o de dar liberdade a aves que estejam numa gaiola, com o pensamento de apanhá-las de novo.

Há, pois, na doutrina da comunicação exclusiva dos demônios uma contradição que fere todo homem sensato; nunca se persuadirá alguém que os Espíritos que reconduzem a Deus aqueles que o renegavam, ao bem os que praticavam o mal; que consolam os aflitos, dão força e coragem aos fracos; que, pela sublimidade de seus ensinamentos, elevam a alma acima da vida material, sejam auxiliares de Satã, e que, por este motivo, se deva interdizer-nos qualquer relação com o mundo invisível. ⁽⁷⁶⁾

Por outro lado, se satanás tem tanto poder assim, quanto querem lhe dar, como saberemos que não é ele que também se disfarça em Espírito Santo? Aquele mesmo que nas igrejas tradicionais creem aparecer e influenciar a seus fiéis. E por que não é dito que foi ele que se fez passar por Moisés e Elias, no episódio do Tabor, onde Jesus conversa com os dois profetas?

I) Saul não duvidou de que era mesmo Samuel e prostrou-se diante dele até o chão:

E ainda apelam, dizendo que quem se manifestou foi o diabo ou um pseudo-Samuel, quando, além de Josefo, o texto bíblico afirma: “*Então Saul viu que era Samuel*”. (1 Samuel 28,14).

Na versão inglesa temos: “*ela disse que ele já era um homem velho, e de um personagem glorioso, e tinha um manto sacerdotal. Então o rei descobriu por estes sinais que era Samuel*”, portanto, aqui temos o motivo pelo qual Saul reconheceu Samuel.

Um detalhe importante, que não pode passar despercebido, é que a atitude de Saul em prostrar-se até o chão, diante do Espírito Samuel, comprova que, realmente, tinham os Espíritos como deuses, porquanto, esse tipo de coisa se fazia aos que eles tinham como uma divindade.

O versículo 13, no qual a mulher descreve o ser que está vendo, ele é citado como “*um deus*” em dez bíblias; “*deuses*”, em três bíblias e “*um espírito*”, em três bíblias. Algumas notas explicativas são

interessantes para o nosso estudo:

Em hebr. Um “elohim”, um ser sobre-humano (cf. Gn 3,5; Sl 8,6). Só aqui aplicado aos mortos. ⁽⁷⁷⁾.

Vi deuses: i.e. um espírito. ⁽⁷⁸⁾

Um deus que sobe da terra: a palavra hebraica para significar Deus, também designa os seres supra-humanos e, como neste caso, o espírito dos mortos. Havia a convicção de que os espíritos dos mortos estavam encerrados no *sheol*, e este se situaria algures por baixo da terra. ⁽⁷⁹⁾

Um deus. Uma figura sobre-humana ou um espírito (o de Samuel). ⁽⁸⁰⁾

Em **O Livro dos Espíritos**, também encontramos algo sobre esse assunto:

668. Por se terem *produzido em todos os tempos e serem conhecidos desde as primeiras idades do mundo, os fenômenos espíritas não terão contribuído para a difusão da crença na pluralidade dos deuses?*

“Sem dúvida. Como os homens chamavam **deus a tudo o que era sobre-humano, para eles os Espíritos pareciam deuses**. É por isso que quando um homem

se distinguia dos demais, pelas suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto que o povo não compreendia, faziam dele um deus e lhe rendiam culto após a morte”

Entre os Antigos, a palavra deus tinha uma acepção muito ampla. Não significava, como hoje, uma personificação do Senhor da Natureza. Era uma qualificação genérica, que **se dava a todo ser colocado acima das condições da Humanidade.** Ora, tendo **as manifestações espíritas lhes revelado a existência de seres incorpóreos que agiram como forças da Natureza, eles os chamavam de deuses, como nós os chamamos Espíritos.** Simples questão de palavras, com a diferença de que, em sua ignorância, mantida intencionalmente por aqueles que nisso tinham interesse, eles construíram templos e altares muito lucrativos, ao passo que hoje os consideramos simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas e despojadas de seus envoltórios terrenos. Se estudarmos atentamente os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos sem dificuldade todos os atributos dos nossos Espíritos, em todos os graus da escala espírita, seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que desempenham nas coisas da Terra. ⁽⁸¹⁾

Vê-se que Allan Kardec apenas confirma o que

constam das notas explicativas transcritas das Bíblias, que consultarmos para o presente estudo.

Na obra ***História dos Hebreus***, publicação da Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD, encontramos a seguinte nota desta Editora sobre o relato de Flávio Josefo da manifestação de Samuel a Saul:

“Então Saul não duvidou de que era mesmo Samuel”. É possível que Flávio Josefo, para fazer essa asserção tenha-se baseado em algum targum – paráfrases do Antigo Testamento usadas pelos rabinos judeus –, no entanto, esse entendimento **não pode ser aceito porque contraria o ensino da Bíblia a respeito do assunto.**

Sobre isso, transcrevemos o seguinte do livro “Saul e a Feiticeira”, de L. M. Ortiz, editado pela CPAD:

“Assim Samuel subiu, mas, apenas na fala da pitonisa. Até o fim ela teria de fazer o seu jogo, para evitar que Saul desconfiasse.

“Se a bruxa houvesse acreditado que o aparecido [a sombra, como diz Josefo] era realmente Samuel, ela é que teria tido medo, pois o profeta era intransigente no que concernia às feiticeiras.

“*Que é que vês?*” – perguntou Saul.

(Notemos que ele não via nada. A feiticeira é que via ou dizia ver.) – *Vejo deuses que sobem da terra*: deuses (espíritos). Note-se que eram muitos. O **pedido foi que viesse um, e vieram muitos**, Se, por uma exceção, Deus tivesse deixado sair o espírito de Samuel, permitiria que saíssem muitos?

“Saul perguntou à feiticeira como era a figura do espírito. Ela respondeu: *Vem subindo um homem ancião, e está envolto numa capa*. É lógico que sabendo ser Saul o seu consulente, a pitonisa deduziu querer ele falar a Samuel e, assim, **descreveu-lhe a popular figura de Samuel (que ela muito bem conhecia)**. Apesar de sabermos que **os demônios assumem a forma de seres humanos que morreram**, não se pode afirmar se a pitonisa via realmente uma figura que parecia Samuel ou se apenas dizia que via para contentar Saul. Saul entendeu, então, que era Samuel, mas Saul nada viu. Ele se firmava no que dizia a pitonisa!

“Acreditar que foi realmente o espírito de Samuel que apareceu seria crer no absurdo, isto é, seria acreditar que Deus se tenha negado a responder a Saul por meios bíblicos: sonho, **Urim**, profecia, para responder-lhe por meio de uma feiticeira. Deus não pode violar a sua própria Palavra. Se Deus não lhe respondeu por estes meios legítimos e bíblicos, muito menos, poderia responder por um meio abominável e condenável pelo próprio Deus tantas vezes

nas Escrituras. Se não respondeu a Saul, através do Espírito Santo, como poderia responder-lhe através do Diabo?” (82)

Não há como não admirar o contorcionismo argumentativo que fazem para fugir da realidade da comunicação com os mortos; veja, caro leitor, o que nos apresenta a CPAD a respeito da fala de Josefo sobre o reconhecimento do Espírito Samuel feita por Saul: “não pode ser aceito porque contraria o ensino da Bíblia respeito do assunto”. Mas o que ocorre é exatamente o contrário, tem que ser aceito porque a Bíblia afirma que:

1º) Que Saul foi à necromante para falar com Samuel (v. 11);

2º) Que a necromante viu aparecer Samuel (v. 12); o que é confirmado em todas as traduções bíblicas que utilizamos, quinze ao todo, sendo que na Novo Mundo consta o nome de Samuel entre aspas.

3º) Que o texto bíblico afirma categoricamente que Samuel conversou com Saul, chegando até a ficar apavorado com as palavras dele (v. 15, 16 e 20); novamente, isso é encontrado em todas as Bíblias; apenas a Novo Mundo insiste em colocar

aspas no nome de Samuel.

4º) Samuel confirma a Saul o que já lhe havia dito – por sua própria boca ou por seu intermédio (v. 17) –, dependendo da versão bíblica; exatamente, porque naquele momento ele usava a boca da médium e falava por intermédio dela.

Portanto, a aparição de Samuel é atestada pela própria Bíblia, se não se usar de dogmatismo para interpretá-la, tentando, por exemplo, explicar que os versículos citados “são na verdade a tradução do que a mulher falou a Saul”. O máximo que se poderia dizer é que a consulta aos mortos contraria a Bíblia; isso se estiver vendo pela ótica dos ortodoxos.

Quanto ao socorro a L. M. Ortiz, há que se comentar sobre:

1º) *“Samuel subiu, mas, apenas na fala da pitonisa”*.

Então, devemos jogar o texto bíblico fora, pois, conforme provado logo acima, é fato que Samuel apareceu e conversou com o rei Saul, que foi à procura da necromante, exatamente, para falar com ele.

2º) *“Se a bruxa houvesse acreditado que o aparecido era realmente Samuel, ela é que teria tido medo”*.

Entretanto, isso contraria o que o historiador Josefo disse, uma vez que está claro que a necromante não conhecia Samuel, portanto, não havia razão para ela ter medo dele, ao contrário, teve medo de Saul, porque com a aparição de Samuel ela “caiu em si” e conseguiu ligar que, quem estava ali, diante dela, disfarçado de gente comum, era o próprio rei que havia banido os necromantes e adivinhos, conforme relatado no texto bíblico (v. 12).

3º) A necromante, e não feiticeira, via a Samuel porque ela era vidente, o que não era o caso de Saul. Aliás, tem horas que pensamos que a Bíblia em mãos erradas pode ser um perigo, especialmente nas de fanáticos. Eles poderiam, até mesmo pedir a pena de morte às feiticeiras, imitando os carrascos da Inquisição, usando o passo: *“A feiticeira não deixarás viver”* (Êxodo 22,18).

4º) A explicação dada para o *“Vejo deuses que sobem da terra”*, afirmando que “deuses” se refere a Espíritos, por isso concluindo que são vários e, em

razão disso, não ocorreu a aparição de Samuel, porque Deus poderia ter deixado o Espírito de Samuel; mas não permitiria muitos. Gozado é que sempre nos dizem que as razões de Deus para fazer alguma coisa é algo insondável ao homem; no entanto, aqui o autor já sabe que permitira um Espírito se manifestar; mas não daria permissão para muitos. Pena é que não disse qual foi a revelação que tomou como sua base para afirmar isso.

Entretanto, podemos dizer que nas leis de Deus não há exceção alguma, basta ver o que ocorre à nossa volta para se ter certeza disso; assim, se ele permite um Espírito, por razão de justiça e lógica deverá permitir vários, milhares ou mesmo todos eles. Certamente, que, ao criar a lei que permite o intercâmbio com o mundo espiritual, não fez disso uma exceção; porém, uma regra geral para todos os casos que se podem enquadrar nela.

Quanto à questão do uso do termo “*deuses*”, seria proveitoso para todos nós buscar como o teor do versículo 13 consta em outras traduções bíblicas:

1) “**um espírito**”: Pastoral, do Peregrino e Vozes;

2) “**deuses**”: Barsa, SBTB e SBB;

3) “**um deus**”: Novo Mundo, Paulinas 1977, Paulinas 1957, Santuário, Paulinas 1980, Ave-Maria, Shedd, de Jerusalém e Mundo Cristão.

Portanto, vemos que a maioria das traduções, mais especificamente 80% delas, confirma que apareceu “um deus” ou “um espírito”, apenas três, em quinze, usam “deuses”. Mas estaria o termo realmente sendo usado para significar vários Espíritos? É o que questionamos.

Além disso, querer alegar que foram vários Espíritos, é fazer vistas grossas ao que consta no versículo 14:

1) “*um ancião/um velho*”: Barsa, Santuário, do Peregrino, Ave-Maria, Shedd, Mundo Cristão, de Jerusalém e Pastoral.

2) “*um homem idoso/ancião/velho*”: Paulinas 1977, Paulinas 1957, Paulinas 1980, Novo Mundo, SBTB, SBB e Vozes.

Então, vemos que é unanimidade nas traduções que foi apenas um ser quem apareceu, e não vários, como quer fazer crer o articulista citado.

Na Bíblia Sagrada Barsa, explicam-nos: “*Vi deuses: i. e. Um espírito*” ⁽⁸³⁾, exatamente uma das que colocou deuses.

Vejamos essas outras informações:

1Sm 28,13: Em hebr. Um 'elohim', um ser sobre-humano (cf. Gn 3,5; Sl 8,6). Só que aqui aplicado aos mortos. ⁽⁸⁴⁾

Elohim. Um dos nomes que usavam os hebreus do Antigo Testamento, para designar Deus. Este nome traz consigo a ideia de grande majestade, e poder. ⁽⁸⁵⁾

1Sm 28,13: *Um Deus que sobe da terra*: a palavra hebraica para significar Deus, também designa os seres supra-humanos e, como neste caso, o espírito dos mortos. Havia a convicção de que os mortos estavam encerrados no *sheol*, e este se situaria por baixo da terra. ⁽⁸⁶⁾

“um deus”. Hebr.: *'Elo-hím*, pl., evidentemente para denotar excelência e aplicado a uma pessoa, embora o verbo “subir”, no hebr., esteja no pl., porque a mulher viu apenas a forma de um homem idoso subir. ⁽⁸⁷⁾

Um deus. Uma figura sobre-humana ou um espírito (o de Samuel). ⁽⁸⁸⁾

**“O [verdadeiro] Deus” Hebr.:
*ha' Elo-him***

O título *'Elo-him*, quando precedido pelo artigo definido *ha*, forma a expressão *ha' Elo-hím*. Esta expressão ocorre 376 vezes no M. Em 368 lugares refere-se ao verdadeiro Deus, Jeová, e em 8 lugares refere-se a outros deuses.

[...].

A *Tradução da Novo Mundo* verte *ha' Elo-hím* por “o [verdadeiro] Deus” em todos menos três dos 368 lugares onde se refere a Jeová (veja Is 4:8, 9; 6:20). [...]. ⁽⁸⁹⁾

ELOHIM

É o plural de *tüoen* (aproximado do árabe *llah*), que é uma ampliação de *fi*. Esse plural, comumente acompanhado de um verbo no singular, significa a majestade ou a plenitude. Designa um determinado deus: Camos (Jz 11,24), Baal-Zebul ou Baal-Zebub (2Rs 1,2), ou o Deus de Israel, progressivamente descoberto como Deus único (Gn 5,22; 9,27). A palavra podia ou não ser usada com o artigo naquele tempo.

Acompanhado de um verbo no plural, Elohim significa diversos deuses (Ex 18,11). Sob a forma habitual *bené-eiohim*, “filhos dos deuses”, designa a comitiva do deus EL, “pai dos deuses”; Israel utilizou esta representação politeísta oferecida pelos povos da redondeza (Jó 1,6: SI 82,1.6). Em

1Sm 28,13, *elohim* designa o espectro de Samuel. evocado pela pitonisa de Endor, para Saul. ⁽⁹⁰⁾

Então, em hebraico lemos “elo-him”, que, apesar de estar no plural, foi traduzido como Deus.

Por outro lado, não raro encontrarmos pessoas argumentando que se “sobem” é porque são os demônios, pois se não fosse desceria, porquanto os anjos celestes vivem no céu.

Pena é que não se dão conta do ridículo da afirmativa, pois deveriam saber que àquela época era crença comum que todos os mortos iriam para o xeol (sheol), que se localizava por debaixo da terra, conforme já o falamos e poder-se-á ver nas seguintes explicações:

Ele sobe do Xeol, a morada subterrânea dos mortos (cf. Nm 16,33). No Xeol, **morada comum de todos os mortos, bons ou maus** (cf. Nm 16,33+). ⁽⁹¹⁾

Embora se tenham apresentado diversas derivações da palavra hebraica she'óhl, parece que ela deriva do verbo hebraico [?????] (sha-ál), que significa “pedir” ou “solicitar”. Isto indicaria que o Seol é o lugar

(não uma condição) **que pede ou exige todos sem distinção, ao acolher os mortos da humanidade.** (veja Gen 37:35 n e Is 7:11 n.) Encontra-se no solo da terra e sempre é associado com os mortos, e refere-se claramente à sepultura comum da humanidade, ao domínio da sepultura, ou à região terrestre (não marítima) dos mortos. [...].

[...] Hades é o equivalente do Seol, e aplica-se à **sepultura comum da humanidade** (em contraste com a palavra grega *tá-fos*, uma sepultura individual). A palavra latina correspondente a Hades é *in.fér.nus* (às vezes *ín.fe.rus*). Ela significa “o que jaz por baixo; a região inferior”, e se aplica bem ao domínio da sepultura. Ela é assim uma apta aproximação dos termos grego e hebraico.

Nas escrituras inspiradas, as palavras “Seol” e “Hades” são associadas com a morte e os mortos, não com a vida e os vivos (Re 20;13) [...]. ⁽⁹²⁾

Sepultura. Heb., *Sheol*. Esta palavra é usada 65 vezes no A.T. Frequentemente significa a sepultura onde o corpo é colocado após a morte (cf. Nm 16;30,33, Sl. 16,10). Pode também referir-se ao **lugar dos espíritos dos mortos, tanto dos justos (como aqui) quanto dos ímpios** (cf. Pv 9;18). ⁽⁹³⁾

Nm 16,33. *Sepulcro*. Em hebraico sheol. Esta palavra designa as profundezas da terra onde **descem os mortos bons ou maus** para uma vida de letargia. A doutrina da retribuição de além-túmulo e a da ressurreição, preparada pela esperança dos salmistas (Sl 16,10s; 49,16), não aparecerão claramente senão no fim do A.T. ⁽⁹⁴⁾

Sl 6,6: *Habitação dos mortos*: expressão frequente que traduz o vocábulo hebraico *Cheol*. Os antigos hebreus não tinham, da vida futura, uma ideia tão clara como nós. Para eles, a alma separada do corpo permanecia num lugar obscuro, de tristeza e esquecimento, **em que o destino dos bons era confundido com o dos maus**. Donde a necessidade de uma retribuição terrestre para os atos humanos. ⁽⁹⁵⁾

Portanto, diante dessa crença, um morto voltando só poderia subir, razão pela qual o texto bíblico afirma “vejo deuses que sobem da terra”.

De igual modo deve ser vista a fala de Samuel a Saul: “*Por que você me chamou, perturbando o meu descanso?*” (1 Samuel 28,15), uma vez que acreditavam que todos os mortos iam dormir (2 Samuel 7,12; 1Rs 1,21) ou descansar (Gênesis 47,30; Deuteronômio 31,16; Eclesiástico 22,10; 30,17) com

os seus antepassados.

5º) “É lógico que sabendo ser Saul o seu consulente, a pitonisa deduziu querer ele falar a Samuel”.

Ao dizer isso desconsidera o texto bíblico que diz taxativamente que a Saul foi procurar a necromante para consultar-se com Samuel, e, foi quem ele pediu a ela para evocar (v. 11). Assim, ela sabia de antemão que era Samuel quem ia se apresentar, para atender ao pedido dos que lhe evocaram.

6º) afirma que a necromante descreveu a figura de Samuel porque ela muito bem o conhecia, contrário ao que Josefo afirmou, conforme já dissemos um pouco atrás.

7º) *“Apesar de sabermos que os demônios assumem a forma de seres humanos que morreram”.*

Pena é que não citou a fonte bíblica de sua afirmação; aliás, até hoje ninguém conseguiu essa proeza, exatamente, porque ela não existe; é apenas produto do dogmatismo religioso para fugir de uma

realidade que não querem que seja verdadeira, de jeito nenhum. Podemos também desafiar que nos apresente prova bíblica de que *“através de médiuns falam os demônios ainda hoje, imitando a voz das pessoas falecidas”* ⁽⁹⁶⁾, uma vez que fazem gosto em usar a Bíblia para nos combater.

8º) *“não se pode afirmar se a pitonisa via realmente uma figura que parecia Samuel ou apenas dizia que via para contentar Saul”*.

Sim, claro! Basta não dar valor ao que está narrado no texto bíblico (v. 12, 15, 16 e 20); aí, é fácil caminhar por tortuosas conjecturas...

9º) *“acreditar que foi realmente o espírito de Samuel que apareceu seria crer no absurdo”*.

Eita!... Então jogue sua Bíblia fora, pois foi ela, *“a palavra de Deus”* que afirmou isso. Crer mesmo num absurdo é crer que Deus tenha realmente proibido a comunicação com os mortos, se isso não pudesse acontecer.

10º) *“seria acreditar que Deus se tenha negado a responder a Saul, por meios bíblicos: sonho, urim, profecia”*.

Entretanto, o texto afirma exatamente isso, que Deus negou por esses métodos de adivinhação; foi por isso que Saul recorreu a necromancia. E, certamente, aqui temos uma pessoa que nem sabe o que é urim, para justificar consultas a Deus por esse processo.

11º) *“Deus não pode violar sua própria Palavra”*.

Claro! É por isso que existe a comunicação com os mortos, já que, certamente, foi uma lei que ele criou *“por sua própria palavra”*.

12º) *“muito menos poderia responder por um meio abominável e condenável pelo próprio Deus tantas vezes nas Escrituras”*.

Aqui temos mais um absurdo: Deus cria uma lei para que o intercâmbio, entre os vivos e os mortos, aconteça; entretanto, isso é abominável a Ele. Haja coerência! Ou seria faltar capacidade para uma análise lógica? Já ouvimos milhares de vezes que a condenação divina se encontra *“tantas vezes nas Escrituras”*, quando o *“tantas vezes”* não passa de meia-dúzia, mesmo assim é algo atribuído a Ele pelos dogmáticos; já nós, espíritas, temos plena

convicção de que é coisa de Moisés.

13º) *“como poderia responder-lhe através do diabo?”*.

Ficou nos devendo a prova de que foi o diabo que se manifestou, sem contrariar o texto bíblico que afirma ter sido Samuel. Falam... falam; mas não provam nada! Aliás, temos aqui algumas informações interessantes:

De acordo com a maioria dos exegetas, Samuel apareceu realmente, não, porém, por força das palavras da necromante (a qual ficou aterrorizada), mas por obra de Deus, que quis anunciar por boca de Samuel o grande castigo. ⁽⁹⁷⁾

[...] permitiu Deus que aparecesse a alma de Samuel para anunciar a Saul os castigos que lhe enviaria (Eclo 46,23). ⁽⁹⁸⁾

O narrador, embora não aprove o proceder de Saul e da mulher (v. 15), acredita que Samuel de fato apareceu e falou com Saul: isto Deus podia permitir. Logo, não é preciso pensar em manobra fraudulenta da mulher ou em intervenção diabólica. Toda a cena pinta

ao vivo o abandono e desespero de Saul que está prestes a alcançar o ponto mais baixo da rejeição de Deus (15,23-30.35; 16,1; 31). ⁽⁹⁹⁾

Seria bom lembrarmos o texto de Eclo 46,20, no qual se afirma isso e se usando do chavão evangélico, diremos: *“A palavra de Deus afirma que Samuel mesmo depois de morto profetizou!”*. Portanto, mesmo depois de morto Deus *“não deixou nenhuma de todas as suas palavras cair em terra”* (1 Samuel 3,19) E ponto final!!!

Justificam alguns dizendo que Samuel, por ter sido um profeta de Deus, sempre fiel às suas ordens, não poderia desobedecê-lo após a morte, fazendo-se aparecer a Saul. Pode ser...

Porém, se esquecem de que não há nenhuma proibição dos “mortos” virem atender a evocação dos “vivos”; até onde sabemos o que existe é exatamente o contrário, ou seja, dos “vivos” evocarem os “mortos”.

E, de mais a mais, como *“o telefone toca de lá para cá”*, podemos ficar até dias evocando um Espírito, que virá somente quando for permitido.

Uma vez tendo a permissão virá mesmo sem que o evoquemos; a vontade do homem não obstará sua vinda. Reafirmamos que essa proibição não é divina, pois, caso fosse, estaria entre os Dez Mandamentos, e, conforme já o dissemos, Moisés a teria colocado dentro da Arca da Aliança.

Continuam os argumentos: “*se Samuel não iria aparecer, então quem apareceu se fazendo passar por ele foi o diabo*”. Contrapomos a isso usando a opinião do Cardeal Alexis Henri Marie Lépiciier (1863-1936), ferrenho adversário do Espiritismo, que em ***O Mundo Invisível - Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Moderno Espiritismo*** disse:

[...] Se, portanto, **os maus espíritos representassem, de facto, a alma de qualquer morto, isso poder-se-ia apenas dar com as almas dos condenados**, que compartilham da miséria do Demônio, em cuja companhia vivem para sempre.

[...].

Os demônios, repetimos mais uma vez, não podem de forma alguma representar as almas dos justos que se encontram no Céu nem as daqueles que estão ainda sofrendo no Purgatório. Não se pode admitir que tais almas estejam dispostas a

confiar os seus pensamentos a espíritos malignos, nem que se sirvam deles como intermediários para se comunicarem com os mortais. **Deus, também, que é Santidade em pessoa, não permitiria**, e muito menos ordenaria que aqueles que são os seus amigos espirituais fossem representados pelos seus blasfemos inimigos. ⁽¹⁰⁰⁾

Apenas acrescentaríamos ao “representar” as almas também a questão de “se fazer passar”, deixando ambas as possibilidades.

Não resistimos à “tentação” de acrescentar: considerando que o diabo é o pai da mentira (João 8,44), que verdade não pode dele sair, é fácil para nós, diante disso, verificarmos se foi realmente Samuel quem se manifestou ou não, basta ver se o que ele disse a Saul é verdade e conferir se as profecias ditas por ele se cumpriram...

Vejamos essas palavras de Samuel a Saul:

“Javé fez com você o que já lhe foi anunciado por mim: tirou de você a realeza e a entregou para Davi. Porque você não obedeceu a Javé e não executou o ardor da ira dele contra Amalec.” (1 Samuel 28,17-18)

Destaquemos do passo: “o que já lhe foi

anunciado por mim”; a questão é: Samuel já havia anunciado a Saul que ele perderia a realeza? Sim! Quando ainda vivo, Samuel disse textualmente ao rei: *“Javé arranca hoje de você o reinado sobre Israel e o entrega a outro mais digno do que você”* (1 Samuel 15,28).

O motivo foi exatamente o alegado na narrativa acima, ou seja, porque Saul não havia cumprido a ordem de total extermínio dos amalecitas, deixando viver Agag, rei de Amalec e o gado gordo (1 Samuel 15,18-23).

E quanto à profecia? Deixemos de lado as várias afirmações que vimos, e vejamo-la para análise:

“E Javé vai entregar aos filisteus tanto você, como seu povo Israel. Amanhã mesmo, você e seus filhos estarão comigo, e o acampamento de Israel também: Javé o entregará nas mãos dos filisteus.” (1 Samuel 28,19)

Vamos dividi-la em duas partes:

1ª) *“vai entregar aos filisteus tanto você, como seu povo Israel. [...] e o acampamento de Israel”*

Na guerra contra os filisteus Saul e todo o seu exército, portanto, Israel inteiro foi derrotado pelo exército inimigo, então, podemos dizer que foram entregues “*nas mãos dos filisteus*”, conforme anunciado na profecia.

2ª) “*amanhã mesmo, você e seus filhos estarão comigo*”

Será que “*o amanhã*” significa o dia seguinte, ou um dia no futuro? Eis o primeiro problema que surge. Acompanhando-se a sequência natural dos textos pode-se mesmo pensar que o fato não aconteceu no dia seguinte; inclusive, já vimos pessoas dizendo que isso aconteceu cinco e até dezoito dias depois; entretanto, há que ajustá-los à ordem dos acontecimentos: 1 Samuel 28.2 continua em 29.1, indo até 30.31; 1 Samuel 28,4-25 continua em 31.1, conforme podemos confirmar na **Bíblia Sagrada Vozes**, onde explicam em notas de rodapé:

1ª) 28.2. A resposta é ambígua; o relato continua no c. 29. ⁽¹⁰¹⁾

2ª) 29.1. O c. 29 é a continuação de 28.2.

(¹⁰²)

3^a) 30.1. O c. 30 forma a continuação do c. 29, sendo também uma espécie de relato paralelo a 27,8-12. (¹⁰³)

4^a) 31.1. Depois do parênteses de 1 Samuel 29-30 aqui continua o texto de 28,4s. (¹⁰⁴)

O passo 1 Samuel 31,1 é o que relata a morte de Saul e seus filhos, que se coloca na sequência imediata à profecia de Samuel narrada no capítulo 28; portanto, cumpriu-se também esta outra parte da profecia, pois Saul e filhos morreram em consequência da batalha e foram para o “*estarão comigo*”, ou seja, “*na morte*” (¹⁰⁵) ou “*no reino dos mortos*” (¹⁰⁶), quer dizer, para junto de Samuel.

Lembremos apenas que, para os hebreus, depois da morte todos iam para um mesmo lugar, se se quiser tomar a expressão em outro sentido. Assim, podemos aceitar que “*Esta verdadeira 'batalha de Waterloo' de Saul e seus filhos **cumpriu a profecia de Samuel** (28,19).*” (¹⁰⁷)

Além disso, pode-se ainda confirmar, pelo relato de Josefo, que a necromante ajudou a Saul,

mesmo “**sabendo que ele morreria no dia seguinte.**” (108)

Porém, há dois pontos que precisam de um maior esclarecimento:

1º) foi dito que os filhos de Saul morreriam e não morreram todos eles. Teria, nesse ponto, falhado a profecia?

Sim, realmente, alguns dos filhos de Saul não morreram na batalha; mas na profecia também não foi dito expressamente que “todos” os filhos de Saul morreriam; entretanto, não precisa ser nenhum gênio para entender que o autor estava falando daqueles que se envolveriam na guerra e, nesse particular, todos os que lá estavam morreram. Mesmo assim, se tomarmos da própria Bíblia, encontramos a afirmação de que “*Dessa forma, morreram Saul e seus três filhos: **a família inteira***” (1 Crônicas 10,6), confirmando totalmente a profecia.

Por que se afirmou que morreu a família inteira de Saul? Simples, porque de sua esposa Aquinoam, ele teve, segundo 1 Samuel 14,49, além das filhas Merob e Micol, os filhos Jônatas, Jesui (Isbaal ou

Isboset) e Melquisua, enquanto, que em 1 Samuel 31,2, são citados: Jônatas, Abinadab e Melquisua. Abstraindo-se da divergência de um dos nomes, a quantidade é a mesma. Por ser ela a “mulher oficial” de Saul estes são os que formavam a sua família, aqueles que morreram junto com o pai.

Porém, Saul teve outros dois filhos - Armoni e Meribaal (ou Mefiboset) -, cuja mãe era uma concubina do rei (2 Samuel 3,7), chamada Resfa, filha de Aías; assim, por serem filhos “da filial”, certamente, o autor bíblico, por costume social, não os considerou como da família, fora o fato de que não há registro que eles também combateram contra os filisteus, junto com o pai.

2º) Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus, ele suicidou-se;

Aqui se trata de entendimento do texto, onde se diz apenas que seria entregue nas mãos, ou seja, que seria derrotado; não que os filisteus o matariam. Não obstante, o suicídio de Saul se deu exatamente porque, vencido pelo inimigo, não queria cair vivo nas mãos dele, preferindo suicidar-se; é o que consta em 1 Samuel 31,4, sobre o seu trágico fim.

Por outro lado, ficamos sem poder precisar quem foi realmente o responsável pela morte de Saul, pois temos três possíveis “culpados disso”: a) o próprio Saul, que se atirou contra sua espada (1 Samuel 31,4); b) um amalecita, que o matou, a seu pedido (2 Samuel 1,6-10); c) O Senhor, por sua infidelidade, o matou (1 Crônicas 10,14). Será que alguém poderá nos elucidar essa questão?

Tomando-se apenas dos textos bíblicos, poderíamos até incluir mais uma outra opção, a de que os filisteus teriam enforcado a ele e Jônatas (2 Samuel 21,12); no entanto, isso fica esclarecido em Josefo, que afirmou que apenas penduraram os corpos de Saul e de seus filhos na forca (¹⁰⁹), certamente visando humilhá-los, uma vez que consideravam como um maldito de Deus quem fosse suspenso numa árvore (Deuteronômio 21,23).

m) “A sombra perguntou-lhe por que o havia obrigado a voltar do outro mundo”:

Na versão inglesa lemos: *“E quando a alma de Samuel perguntou por que ele o tinha perturbado e trazido de volta”*. Novamente o tradutor Pe. Vicente usa o termo *“sombra”* em vez de *“alma”*. O que não

vemos senão com uma nítida intenção de não caracterizar a comunicação com um morto. E aqui os que dizem ser o demônio quem se comunicou, podem mudar de argumento, porquanto, esse não vale mais.

Um ponto interessante aqui é porque motivo Samuel não disse a Saul: *“Não sei porque me consultas se Deus proibiu consultar os mortos”*, considerando que se ele era *“um homem de Deus”* (1 Samuel 9,6-19), se quando vivo era, não poderia deixar de ser depois de morto, pois até nesta condição Samuel profetizou (Eclesiástico 46,20).

Sobre o “*havia obrigado*”, vejamos o que, em ***O Livro dos Médiuns***, Allan Kardec falou sobre o tema:

8ª O Espírito evocado vem espontaneamente, ou constringido?

“Obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo. Todavia, a palavra constringido não se ajusta ao caso, porquanto o Espírito julga da utilidade de vir, ou deixar de vir. Ainda aí exerce o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre que chamado com um fim útil; não se nega a responder, senão a pessoas pouco sérias e

que tratam destas coisas por divertimento.”

9ª Pode o Espírito evocado negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido?

“Perfeitamente; onde estaria o seu livre-arbítrio, se assim não fosse? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? Vós mesmos vos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir, por um Espírito superior.”

10ª Haverá, para o evocador, meio de constranger um Espírito a vir, a seu mau grado?

“Nenhum, desde que o Espírito lhe seja igual, ou superior, em moralidade. Digo – em *moralidade* e não em inteligência, porque, então, nenhuma autoridade tem o evocador sobre ele. Se lhe é inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para bem do Espírito, porque, nesse caso, outros Espíritos o secundarão.”⁽¹¹⁰⁾

Portanto, nada acontece sem a permissão de Deus, os que pensam que os médiuns têm esse poder, não se deram ao trabalho de estudar sobre o assunto, seja por preguiça, seja por má vontade.

n) “Eu não poderia a este propósito

admirar assaz a bondade dessa mulher”:

Enquanto quase todo mundo cita com certo ar de desprezo ou até mesmo amaldiçoa a necromante, Josefo chega a elogiá-la.

o) “arte que lhe era o meio de vida”:

Infelizmente, é isso o que ocorre muito; alguns médiuns fascinados pelo dinheiro fazem de sua mediunidade um meio de vida, esquecendo-se do *“dai de graça o que de graça recebeste”* (Mateus 10,8).

p) “Eis como, segundo a profecia de Samuel, o rei Saul terminou sua vida”:

Neste ponto, Josefo confirma que Samuel profetizou a morte de Saul, exatamente como foi dito em Eclesiástico, conforme já o dissemos. E dessa forma torna válida a aparição de Samuel a Saul, por meio da necromante de Endor.

Algumas pessoas afirmam que, entre as causas da morte de Saul, estava a de ter consultado os mortos, baseando-se em:

1 Crônicas 10,13-14: **“Saul morreu por ter sido infiel a Javé: não seguiu a ordem de**

Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos, em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé.

Pedimos que não se zanguem conosco, pois afirmamos que o autor de Crônicas é um grande mentiroso. Como?! É que o motivo “consultar uma mulher que invoca os mortos”, não é verdadeiro, porque o motivo real foi porque Saul não cumpriu integralmente as ordens divinas em relação aos amalecitas, que determinava:

1 Samuel 15,1-3: *“Samuel disse a Saul: 'Javé me enviou para ungir você como rei sobre seu povo Israel. Agora, pois, escute as palavras de Javé: 'Assim diz Javé dos exércitos: Vou pedir contas a Amalec pelo que ele fez contra Israel, cortando-lhe o caminho, quando Israel subia do Egito. **Agora, vá, ataque, e condene ao extermínio tudo o que pertence a Amalec. Não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos**'.*”

Estamos diante do “faça o que eu digo; mas não faça o que eu faço”, pois o “*Não matarás!*” (Êxodo 20,13; Deuteronômio 5,17) deixou de

prevalecer. É completamente absurdo atribuir essa insanidade de “*não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos*” à divindade, a quem se atribui, conseqüentemente, a execução de algo movido pelo sentimento de vingança, próprio de seres imperfeitos.

Nos dias de hoje, barbaridades desse tipo, sem dúvida, seriam tratadas como crimes de guerra, levando os que deles participaram ao Tribunal Penal Internacional (TPI) ou Corte Penal Internacional (CPI), que julga, entre outros, os crimes de guerra e os contra a humanidade.

Só que Saul cometeu “*o erro decisivo*” por não levar integralmente a cabo essas ordens e manteve vivo a Agag e ainda parte do gado gordo (1 Samuel 15,9). “*Diante da gravidade desse pecado*” Deus foi atiçado em Sua ira divina, que, por esse motivo, arrependeu-se de ter feito Saul rei de Israel, e, como castigo, promete passar o reino dele a outro (1 Samuel 15,28) e os filisteus foram o instrumento divino para isso. E aí começa a história relatada por Josefo, quando Saul, diante dos filisteus quer saber o que lhe acontecerá na guerra. Ao que o profeta vindo

do túmulo lhe avisa que Deus entregaria a ele e Israel aos filisteus, como havia lhe falado por sua boca ou seu intermédio, conforme já mencionamos mais atrás.

Aqui, depois dessa análise do texto de Josefo, poderíamos fazer duas perguntas:

1ª) Os mortos se comunicam?

Sim, eles se comunicam, pois, se não se comunicassem, não haveria nenhuma razão de se proibir consultá-los.

2ª) Que provas podemos apresentar, além dessa da proibição?

Podemos apresentar três casos: 1º) a aparição de Samuel a Saul; 2º) a manifestação de Moisés e Elias a Jesus, embora tentem negar que Elias tenha morrido, mesmo considerando que é conflitante com o *“a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus”* (1 Coríntios 15,50), e 3º) as várias aparições de Jesus após sua morte.

E vamos mais longe; diremos que até os vivos também se comunicam. Eita!, dirá você, caro leitor. Mas é a pura verdade. Leia, para confirmar: *“Durante*

a noite, Paulo teve uma visão: na sua frente estava de pé um macedônio que lhe suplicava: 'Venha à Macedônia e ajude-nos!'" (Atos 16,9). Esse macedônio era uma pessoa viva, certo? Então, Paulo presenciou a manifestação do Espírito de uma pessoa viva, que lhe suplicou ajuda.

Podemos encontrar também o profeta Eliseu indo, em Espírito, “espiar” um de seus servos; acompanhe a narrativa, na qual ele recusa um presente de Naamã, que lhe ofertava por tê-lo curado da lepra; com sua recusa, Naamã diz que poderia dar o presente a seu servo chamado Giezi, no que não foi permitido por Eliseu; quando Naamã voltava para casa, segue o relato:

2 Reis 5,21-27: “Então Giezi saiu correndo para alcançar Naamã. Quando Naamã viu que Giezi ia correndo atrás dele, desceu do carro, foi ao seu encontro, e perguntou: 'Está tudo bem?' Giezi respondeu: 'Tudo bem. Só que meu senhor mandou dizer-lhe: 'Agora mesmo acabam de chegar, da região montanhosa de Efraim, dois jovens irmãos profetas. Por favor, dê para eles trinta e cinco quilos de prata e duas roupas de festa' '. Naamã respondeu: 'Aceite setenta quilos'. Insistiu para que Giezi

aceitasse. Depois Naamã colocou setenta quilos de prata e as roupas de festa em duas sacolas, e entregou a dois servos seus. Estes foram na frente de Giezi, levando as sacolas. Chegando a Ofel, Giezi pegou os presentes, guardou-os em casa, despediu os homens, e eles foram embora. Depois Giezi foi ao encontro do seu senhor, e Eliseu lhe perguntou: 'Onde é que você foi, Giezi?' Ele respondeu: 'O seu servo não foi a lugar nenhum'. Mas Eliseu retrucou: '**Você pensa que o meu espírito não estava presente quando alguém desceu do carro e foi encontrar você?** Agora que você recebeu o dinheiro, com ele você pode comprar roupas, plantações de azeitonas, vinhas, ovelhas, bois, servos e servas. Mas a lepra de Naamã passará para você e seus descendentes para sempre'. E Giezi saiu da presença de Eliseu, branco como a neve, por causa da lepra."

Eliseu ao dizer que "meu espírito não estava presente quando alguém desceu do carro e foi encontrar você?", demonstra que flagrou o Giezi recebendo os presentes de Naamã. A diferença com o relato de Paulo, em relação ao fenômeno, é que Giezi não viu Eliseu em Espírito; talvez por lhe faltar faculdade para isso, ou porque não lhe foi permitido ver, ou, ainda, faltou condições ambientais para sua

aparição.

Há uma outra passagem bem interessante, que dela podemos extrair algo sobre a comunicação com os mortos; é uma narrativa de Lucas:

“Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e dava banquete todos os dias. E um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, que estava caído à porta do rico. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico. E ainda vinham os cachorros lamber-lhe as feridas. Aconteceu que o pobre morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico, e foi enterrado. No inferno, em meio aos tormentos, o rico levantou os olhos, e viu de longe Abraão, com Lázaro a seu lado. Então o rico gritou: 'Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta'. Mas Abraão respondeu: 'Lembre-se, filho: você recebeu seus bens durante a vida, enquanto Lázaro recebeu males. Agora, porém, ele encontra consolo aqui, e você é atormentado. Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, nunca poderia passar daqui para junto de vocês, nem os daí poderiam atravessar até nós'. O rico insistiu: 'Pai, eu te suplico, manda Lázaro à casa de

meu pai, porque eu tenho cinco irmãos. Manda preveni-los, para que não acabem também eles vindo para este lugar de tormento'. Mas Abraão respondeu: 'Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem!' O rico insistiu: 'Não, pai Abraão! Se um dos mortos for até eles, eles vão se converter'. Mas Abraão lhe disse: 'Se eles não escutam a Moisés e aos profetas, mesmo que um dos mortos ressuscite, eles não ficarão convencidos'." (Lucas 16,19-31)

Uma das conclusões que chegamos é que, se o rico pediu a Abraão para mandar Lázaro avisar a seus irmãos, é porque naquela época se acreditava na comunicação com os mortos. Essa possibilidade poder-se-á ver também na resposta de Abraão, que não contestou isso, apenas disse que seria muito difícil que dessem ouvidos aos mortos, uma vez que não deram ouvidos nem aos vivos, aqueles que falavam em nome de Deus.

Não podemos deixar de registrar que é exatamente isso que está ocorrendo, em nossos dias, ou seja, os mortos estão voltando para dar conselhos aos vivos e eles, ou, pelo menos, a maioria deles, não dão ouvidos aos que se “*levantam da tumba*” para ajudar os que estão na retaguarda.

Devido a explicações equivocadas não podemos deixar de falar que o “há um grande abismo entre nós” está relacionado ao plano espiritual, onde o progresso de cada Espírito os coloca em lugares diferentes, e não, como se vê às vezes, um abismo entre o plano espiritual e o físico, como sendo o motivo pelo qual os “mortos” não podem se comunicar com os “vivos”.

Em nossa pesquisa deparamos com um texto que nos leva à conclusão que até o século II, pelo menos, essa era uma prática corriqueira. Tem o título de **O Pastor** e foi escrito por volta de 142 a 155 E.C., tendo como autor Hermas, mencionado por Paulo (Romanos 16,14), provavelmente um discípulo dele; leiamos como ele orienta para se distinguir os bons dos maus Espíritos, conforme relatado por Léon Denis, em **Cristianismo e Espiritismo**:

O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de toda malícia e de todo vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque **o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite.**

Quando, pois, um homem que tem um espírito de Deus vem à assembleia dos fiéis, desde que se fez a prece, o espírito toma lugar nesse homem, que fala na assembleia como Deus o quer.

Reconhece-se, ao contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem força, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É importuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim. ⁽¹¹¹⁾

Vale a pena ressaltar a afirmativa de que “*o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o permite*”, pois é exatamente o que se diz no Espiritismo, uma vez que os Espíritos só se manifestam mesmo com a devida permissão de Deus.

Realmente, quem estudou ou conhece os fenômenos de manifestação dos Espíritos sabe que muitos deles ocorreram sem que ninguém os tivessem evocado; eles, simplesmente, por livre e espontânea vontade, e, obviamente, com a permissão de Deus, se manifestaram. E disso colocamos: que não há nenhuma lei que os proíbe de virem ter com os vivos.

Para exemplificar, podemos citar os fenômenos de Hydesville, com as irmãs Fox às voltas com os “raps” e o da gravação de vozes com Frederich Jürgenson, como provas de que não é preciso evocar os Espíritos, uma vez que, nos dois casos, eles se manifestaram espontaneamente.

Em meados do século XIX, no pequeno povoado de Hydesville, nos EUA, temos a família Fox sendo testemunha dos fenômenos espíritas. Essa localidade era um pequeno povoado típico do Estado de New York e, quando da ocorrência desses fenômenos, contava com um pequeno número de casas de madeira, do tipo mais simples; numa delas passou a habitar, a partir de 11 de dezembro de 1847, a família de John D. Fox, de religião metodista.

Pouco tempo depois que mudaram, os seus moradores, os Fox, passaram a ouvir arranhões, ruídos e pancadas, vibradas em todos os pontos e móveis da casa, cujas causas não conseguiram descobrir.

Na noite de 31 de março de 1848, a jovem Kate, filha mais nova, resolve desafiar o “barulho”, dando certa quantidade de palmas, no que foi

correspondida com pancadas. Iniciou-se, dessa forma, o diálogo com o causador dos fenômenos, que se dizia um Espírito de um caixeiro-viajante assassinado pelos antigos moradores da casa, cujo nome era Charles B. Rosma.

Da mesma forma que essa manifestação espontânea, o russo Friedrich Jürgenson se viu às voltas com a comunicação dos Espíritos por meio de gravador. Este tipo de manifestação se chama de Transcomunicação Instrumental, que são produzidas em aparelhos eletrônicos: rádio, TV, computador, gravadores, etc.

O fato ocorreu em 12 de junho de 1959, às 14:00 h, quando estava em sua residência de campo em Molnbo, perto de Estocolmo, Suécia, gravando o cantar dos pássaros. Vejamos esse relato em ***Linha Direta do Além:***

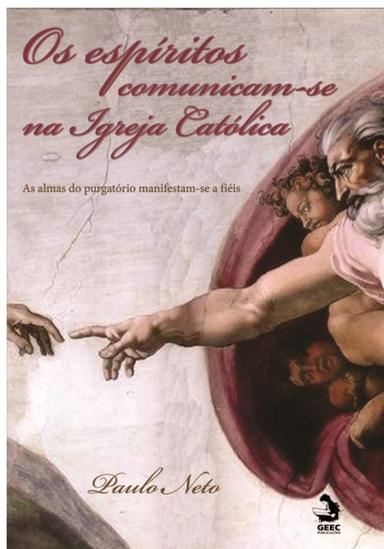
[...] encontrando-se nas cercanias de Estocolmo, onde fazia gravações dos cantos dos pássaros para um novo filme, ficou surpreso ao encontrar, na fita de seu gravador, em meio ao trinar das aves, um solo de trompete que terminava em fanfarra.

Ele pensou, inicialmente, que lhe

houvessem vendido, como nova, uma fita mal apagada. Ou que seu aparelho podia, excepcionalmente, captar ondas de rádio. Nova tentativa, nova surpresa: uma voz, em norueguês, aconselhava-o a gravar o som dos pássaros noturnos na Noruega. Ele acredita ter ouvido até o som de um alcaravão.

Um mês mais tarde, quando preparava um programa de rádio sobre a grande Anastásia, as vozes falaram-lhe da Rússia, e chamaram-no por seu nome. As vozes manifestaram-se em alemão, em italiano, e, no meio delas, acreditou ter reconhecido a voz de sua mãe, falecida quatro anos antes. ⁽¹¹²⁾

Fica, então, provado que os Espíritos se manifestam porque querem e há permissão divina para isso. Mais casos poderão ser vistos no nosso livro **Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica**, onde relatamos vários deles acontecidos no seio



dessa Igreja.

Considerando que, ao estabelecer a relação do Espiritismo com feitiçaria, é para nos colocar como envolvidos com os demônios; inclusive, já citamos um artigo no qual se fala que quem se manifestou não foi Samuel; mas o diabo. Assim, acreditamos ser necessário abrir um tópico específico para algumas considerações sobre isso.

Será mesmo que os demônios se fazem passar por Espíritos dos mortos?

Não tanto para os católicos; mas para a grande maioria dos evangélicos, nas reuniões espíritas somente se manifestam os demônios, que se fazem passar por Espíritos dos mortos, que estão sendo evocados. A questão é apenas “falam”, porém, sem ao menos apresentarem a base bíblica para o que dizem. Isso merece algumas considerações.

Em todas as nossas reuniões seguimos as orientações de Allan Kardec, especialmente estas:

[...] **Contudo, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus.** Poder-se-á fazê-la nos termos seguintes, ou outros equivalentes: ***Rogo a Deus todo-poderoso que permita venha um bom Espírito comunicar-se comigo e fazer-me escrever; peço também ao meu anjo de guarda se digne de me assistir e de afastar os maus Espíritos.*** Formulada a súplica, é esperar que um Espírito se manifeste, fazendo escrever alguma coisa. [...].

Quando queira chamar determinados

Espíritos, é essencial que o médium comece por se dirigir somente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter motivo para acudir ao apelo, como parentes, ou amigos. **Neste caso, a evocação pode ser formulada assim: *Em nome de Deus todo-poderoso peço que tal Espírito se comunique comigo*, ou então: *Peço a Deus todo-poderoso permita que tal Espírito se comunique comigo***; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento. [...]. ⁽¹¹³⁾

Mais à frente Allan Kardec reforça, dizendo: *“Quando dizemos que se faça a evocação em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja tomada a sério e não levianamente”* ⁽¹¹⁴⁾.

E considerando que Jesus disse *“E tudo o que pedirdes com fé, em oração, vós o recebereis”* (Mateus 21,22), não vemos nenhum motivo dele enviar os demônios ao invés do Espírito de um amigo ou parente desencarnado; estaria Ele ludibriando-nos? Preferimos acreditar que não.

Por outro lado, não seria atitude injusta a da divindade se somente permitisse virem a nós os demônios, para atazanar nossas vidas, se também existem os Seus anjos (Espíritos puros) que

poderiam, ao contrário, vir nos ajudar? Alguém poderia nos explicar por qual lógica Deus deixa os demônios e não deixa os anjos virem, quando evocamos os “mortos”? Nesse caso, Ele estaria de “marcação” com os espíritas, pois os católicos invocam os seus santos e santas (estão mortos!), e até mesmo as almas do purgatório, quando estas nada podem fazer por nós, por serem elas que precisam de ajuda; e ninguém diz que são os demônios que os atendem. Falta coerência nisso tudo.

Ainda resta ser explicado como os anjos decaídos (os que viraram demônios) agem aqui na Terra diante do teor desses dois passos:

2 Pedro 2,4: *“De fato, Deus não poupou os anjos que haviam pecado, **mas lançou-os nos tenebrosos abismos do inferno, onde estão guardados**, à espera do dia do julgamento.”*

Judas 1,6: *“Quero lembrar-lhes também que os anjos que não conservaram a sua dignidade, mas abandonaram a própria moradia, o Senhor **os mantém presos eternamente nas trevas**, para o julgamento do grande Dia.”*

Se os “anjos decaídos” estão presos eternamente nas trevas, ou seja, nos “tenebrosos abismos do inferno”, como conseguiram sair de lá?

Desde o ano de 1987, tempo em que abraçamos a Doutrina Espírita, nunca vimos os Espíritos darem maus conselhos; ao contrário, sempre estão nos incitando a seguir essas máximas: perdoar e amar ao próximo, fazer o bem sem ostentação, enfim, tudo quanto Jesus nos ensinou.

Aliás, é bom deixar bem claro, seguimos incondicionalmente a Ele, embora muitos digam o contrário. Quem sabe se os demônios não estão sendo convertidos ao bem, pelo contato com os espíritas?

Vimos, desses supostos demônios, centenas de orações belíssimas, como esta, por exemplo, ditada pelo Espírito Emmanuel, através de Chico Xavier, inserida na obra ***À Luz da Oração***:

ORAÇÃO NOSSA

Senhor, ensina-nos:

a orar sem esquecer o trabalho;

a dar sem olhar a quem;

a servir sem perguntar até quando;
a sofrer sem magoar seja a quem for;
a progredir sem perder a simplicidade;
a semear o bem sem pensar nos resultados;
a desculpar sem condições;
a marchar para frente sem contar os obstáculos;
a ver sem malícia;
a escutar sem corromper os assuntos;
a falar sem ferir;
a compreender o próximo sem exigir entendimento;
a respeitar os semelhantes, sem reclamar consideração;
a dar o melhor de nós, além da execução do próprio dever, sem cobrar taxa de reconhecimento.

Senhor, fortalece em nós a paciência para com as dificuldades dos outros, assim como precisamos da paciência dos outros para com as nossas próprias dificuldades.

Ajuda-nos para que a ninguém façamos aquilo que não desejamos para nós. Auxilia-nos, sobretudo, a reconhecer que a nossa felicidade mais alta será invariavelmente, aquela de cumprir-te os desígnios onde e como queiras, hoje, agora e sempre. ⁽¹¹⁵⁾

Não podemos deixar de também citar uma das

mais belas preces que conhecemos. Encontra-se no livro ***Irradiações da Vida Espiritual: Ciência e Moral da Filosofia Espírita***, ditada pelo Espírito Cáritas, através da médium Mme. W. Krill, na data de 25 de dezembro de 1873, em Bordéus, França:

Prece de Cáritas

Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade, dai força àquele que passa pela provação, dai a luz àquele que procura a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus! Dai ao viajor a estrela-guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai! Dai ao culpado o arrependimento, ao Espírito a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor! Que a Vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes.

Piedade, Senhor, para aqueles que vos não conhecem, esperança para aqueles que sofrem.

Que a Vossa bondade permita aos Espíritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé.

Deus! Um raio, uma faísca do vosso amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se

acalmarão.

Um só coração, um só pensamento subirá até Vós como um grito de reconhecimento e amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, oh! Bondade... oh! Beleza... oh! Perfeição, e queremos de alguma sorte alcançar a Vossa misericórdia.

Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Imagem. ⁽¹¹⁶⁾

Aí nos lembramos de Jesus, que disse algo mais ou menos assim: *“Se o demônio está dividido contra si mesmo. Como, então, o seu reino poderá sobreviver?”* (Mateus 12,26). E se até Ele foi acusado de ter parte com o demônio, então, imagine nós outros diante dos fariseus modernos...

É fato, e não se poderia negar, que, excepcionalmente, aparece um ou outro querendo nos desviar do caminho do bem; mas prontamente os identificamos, e, muitas das vezes, são eles que acabam mudando de comportamento, após ouvir os

nossos conselhos, embora isso pareça ironia. E, de mais a mais, esta assertiva do Espírito Erasto, ainda vale: “*Somente lobos caem em armadilha de lobos*”⁽¹¹⁷⁾.

Assim, deve ficar bem claro que não somos tão idiotas a ponto de considerar indiscriminadamente todos “*os desencarnados como mensageiros de Deus*”, como já vimos se afirmando por aí. Isso demonstra o que sempre acontece: fala-se mal do Espiritismo, no intuito de denegri-lo, até mesmo os que não lhe conhecem em profundidade necessária para lhe identificar todos os pontos importantes.

Allan Kardec também não deixou de tecer seus comentários, quando, em **O Livro dos Médiuns**, trata dos Sistemas; vejamos o item que se aplica ao caso:

46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco. – Entramos aqui numa outra ordem de ideias. Comprovada a intervenção de uma inteligência estranha, tratava-se de saber de que natureza era essa inteligência. Sem dúvida que o meio mais simples consistia em lhe perguntar isso. Algumas pessoas, contudo, entenderam que esse processo não oferecia garantias bastantes e

assentaram de ver em todas as manifestações, unicamente, uma obra diabólica. **Segundo essas pessoas, só o diabo, ou os demônios, podem comunicar-se.** Conquanto fraco eco encontre hoje este sistema, é inegável que gozou, por algum tempo, de certo crédito, devido mesmo ao caráter dos que tentaram fazer que ele prevalecesse. Faremos, entretanto, notar que os partidários do sistema demoníaco não devem ser classificados entre os adversários do Espiritismo: ao contrário. **Sejam demônios ou anjos, os seres que se comunicam são sempre seres incorpóreos. Ora, admitir a manifestação dos demônios é admitir a possibilidade da comunicação do mundo visível com o mundo invisível, ou, pelo menos, com uma parte deste último.**

Compreende-se que a crença na comunicação exclusiva dos demônios, por muito irracional que seja, não houvesse parecido impossível, quando se consideravam os Espíritos como seres criados fora da humanidade. Mas, desde que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos que hão vivido, ela perdeu todo o seu prestígio e pode-se dizer que toda a verossimilhança, porquanto, admitida, o que se seguiria é que todas essas almas eram demônios, embora fossem as de um pai, de um filho, ou de um amigo e que nós mesmos, morrendo, nos tornaríamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora

para muita gente. Bem difícil será persuadir a uma mãe de que o filho querido, que ela perdeu e que lhe vem dar, depois da morte, provas de sua afeição e de sua identidade, é um suposto satanás. **Sem dúvida, entre os Espíritos, há os muito maus e que não valem mais do que os chamados demônios, por uma razão bem simples: a de que há homens muito maus que, pelo fato de morrerem, não se tornam bons.** A questão está em saber se só eles podem comunicar-se conosco. Aos que assim pensem, dirigimos as seguintes perguntas:

1º Há ou não Espíritos bons e maus?

2º Deus é ou não mais poderoso do que os maus Espíritos, ou do que os demônios, se assim lhes quiserdes chamar?

3º Afirmar que só os maus se comunicam é dizer que os bons não o podem fazer. Sendo assim, uma de duas: ou isto se dá pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se contra a Sua vontade, é que os maus Espíritos podem mais do que Ele; se, por vontade Sua, por que, em Sua bondade, não permitiria Ele que os bons fizessem o mesmo, para contrabalançar a influência dos outros?

4º Que provas podeis apresentar da impossibilidade em que estão os bons Espíritos de se comunicarem?

5º Quando se vos opõe a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o

demônio usa de todas as máscaras para melhor seduzir. Sabemos, com efeito, haver Espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um verniz de sabedoria; mas, admitis que a ignorância pode falsificar o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar vestígio que denuncie a fraude?

6º Se só o demônio se comunica, sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que nos submetamos à vontade de Deus, que suportemos sem queixas as tribulações da vida, que não ambicionemos as honras, nem as riquezas, que pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo, numa palavra: que façamos tudo o que é preciso para lhe destruir o império, dele, demônio? Se tais conselhos o demônio é quem os dá, forçoso será convir em que, por muito manhoso que seja, bastante inábil é ele, fornecendo armas contra si mesmo.

7º Pois que os Espíritos se comunicam, é que Deus o permite. Em presença das boas e das más comunicações, não será mais lógico admitir-se que umas Deus as permite para nos experimentar e as outras para nos aconselhar ao bem?

8º Que direis de um pai que deixasse o filho à mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos, e que o afastasse de si; que o privasse do contacto com as pessoas que o pudessem desviar do mal? Ser-nos-á lícito

supor que Deus procede como um bom pai não procederia, e que, sendo ele a bondade por excelência, faça menos do que faria um homem?

9º A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos, em aparições, visões, comunicações orais, etc. Essa crença não está em contradição com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?

Acreditamos que algumas pessoas hajam professado de boa-fé essa teoria; mas, também cremos que muitas a adotaram unicamente com o fito de fazer que outras fugissem de ocupar-se com tais coisas, pelo temor das comunicações más, a cujo recebimento todos estão sujeitos. **Dizendo que só o diabo se manifesta, quiseram aterrorizar, quase como se faz com uma criança a quem se diz: não toques nisto, porque queima.** A intenção pode ter sido louvável; porém, o objetivo falhou, porquanto a só proibição basta para excitar a curiosidade e bem poucos são aqueles a quem o medo do diabo tolhe a iniciativa. Todos querem vê-lo, quando mais não seja para saber como é feito e muito espantados ficam por não o acharem tão feio como o imaginavam.

E não se poderia achar também outro motivo para essa teoria exclusiva do diabo? **Gente há, para quem todos os que não lhe são do mesmo parecer estão em erro.** Ora,

os que pretendem que todas as comunicações provêm do demônio não serão a isso induzidos pelo receio de que os Espíritos não estejam de acordo com eles sobre todos os pontos, mais ainda sobre os que se referem aos interesses deste mundo, do que sobre os que concernem aos do outro? Não podendo negar os fatos, entenderam de apresentá-los sob forma apavorante. Esse meio, entretanto, não produziu melhor resultado do que os outros. Onde o temor do ridículo se mostre impotente, forçoso é se deixem passar as coisas.

O muçulmano, que ouvisse um Espírito falar contra certas leis do Alcorão, certamente acreditaria tratar-se de um mau Espírito. O mesmo se daria com um judeu, pelo que toca a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, de um ouvimos que o Espírito que se comunica não podia deixar de ser o *diabo*, porque se permitira a liberdade de pensar de modo diverso do dele, acerca do poder temporal, se bem que, em suma, o Espírito não houvesse pregado senão a caridade, a tolerância, o amor do próximo e a abnegação das coisas deste mundo, preceitos todos ensinados pelo Cristo.

Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens e não sendo estes perfeitos, o que se segue é que há Espíritos igualmente imperfeitos, cujos caracteres se refletem nas suas

comunicações. É fato incontestável haver, entre eles, maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais preciso se faz que estejamos em guarda. Mas, porque se encontram no mundo homens perversos, é isto motivo para nos afastarmos de toda a sociedade? Deus nos outorgou a razão e o discernimento para apreciarmos, assim os Espíritos, como os homens. O melhor meio de se obviar aos inconvenientes da prática do Espiritismo não consiste em proibi-la, mas em fazê-lo compreendido. Um receio imaginário apenas por um instante impressiona e não atinge a todos. A realidade claramente demonstrada, todos a compreendem. ⁽¹¹⁸⁾

Essas considerações de Allan Kardec são irretorquíveis, portanto, nada a comentar. Apenas pedimos-lhe, caro leitor, maior atenção naquilo que grifamos.

Em **O Céu e o Inferno**, cap. X, Allan Kardec aborda a questão da intervenção dos demônios nas modernas manifestações:

1. Os modernos fenômenos do Espiritismo têm atraído a atenção sobre fatos análogos de todos os tempos, e nunca a História foi tão compulsada neste sentido como ultimamente. Pela semelhança dos efeitos, inferiu-se a

unidade da causa. **Como sempre acontece relativamente a fatos extraordinários que o senso comum desconhece, o vulgo viu nos fenômenos espíritas uma causa sobrenatural, e a superstição completou o erro ajuntando-lhes absurdas credences.** Provém daí uma multidão de lendas que, pela maior parte, são um amálgama de poucas verdades e muitas mentiras.

2. As doutrinas sobre o demônio, prevalecendo por tanto tempo, haviam de tal maneira exagerado o seu poder, que fizeram, por assim dizer, esquecer Deus; por toda parte surgia o dedo de Satanás, bastando para tanto que o fato observado ultrapassasse os limites do poder humano. **Até as coisas melhores, as descobertas mais úteis, sobretudo as que podiam abalar a ignorância e alargar o círculo das ideias – foram tidas muita vez por obras diabólicas.** Os fenômenos espíritas de nossos dias, mais generalizados e mais bem observados à luz da razão e com o auxílio da Ciência, confirmaram, é certo, a intervenção de inteligências ocultas, porém agindo dentro de leis naturais e revelando por sua ação uma nova força e leis até então desconhecidas.

A questão reduz-se, portanto, a saber de que ordem são essas inteligências.

Enquanto se não possuía do mundo espiritual noções mais que incertas e sistemáticas, a verdade podia ser desviada;

mas hoje que observações rigorosas e estudos experimentais esclareceram a natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como o seu modo de ação e papel no Universo – hoje, dizemos, a questão se resolve por fatos. Sabemos, agora, que essas inteligências ocultas são as almas dos que viveram na Terra. Sabemos também que as diversas categorias de bons e maus Espíritos não são seres de espécies diferentes, porém que apenas representam *graus diversos de adiantamento*. Segundo a posição que ocupam em virtude do desenvolvimento intelectual e moral, os seres que se manifestam apresentam os mais fundos contrastes, sem que por isso possamos supor não tenham saído todos da grande família humana, do mesmo modo que o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado.

3. Sobre este ponto, como sobre muitos outros, a Igreja mantém as velhas crenças a respeito dos demônios. Diz ela: “Há princípios que não variam há dezoito séculos, porque são imutáveis.” O seu erro é precisamente esse de não levar em conta o progresso das ideias; é supor Deus insuficientemente sábio para não proporcionar a revelação ao desenvolvimento das inteligências; é, em suma, falar aos contemporâneos a mesma linguagem do passado. Ora, progredindo a Humanidade enquanto a Igreja se abroquela em velhos erros sistematicamente, tanto em matéria espiritual como na científica, cedo virá a

incredulidade, avassalando a própria Igreja.

4. Eis como esta explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações espíritas (¹¹⁹):

“Nas suas intervenções exteriores os demônios procuram dissimular a sua presença, a fim de afastar suspeitas. Sempre astutos e pérfidos, seduzem o homem com ciladas antes de algemá-lo na opressão e no servilismo.

“Aqui lhe aguçam a curiosidade com fenômenos e partidas pueris; além, despertam-lhe a admiração e subjugam-no pelo encanto do maravilhoso.

“Se o sobrenatural aparece e os desmascara, então, acalmam-se, extinguem quaisquer apreensões, solicitam confiança e provocam familiaridade.

“Ora se apresentam como divindades e bons gênios, ora assimilam nomes e mesmo traços de memorados mortos. Com o auxílio de tais fraudes dignas da antiga serpente, falam e são ouvidos; dogmatizam e são acreditados; misturam com suas mentiras algumas verdades e inculcam o erro debaixo de todas as formas. Eis o que significam as pretensas revelações de além-túmulo. E é para tal resultado que a madeira e a pedra, as florestas e as fontes, o santuário dos ídolos e os pés das mesas e as mãos das crianças se tornam oráculos: é por isso que a pitonisa profetiza em delírio; que o ignorante

se torna cientista num sono misterioso. Enganar e perverter, tal é, em toda parte e de todos os tempos, o supremo objetivo dessas manifestações.

“Os resultados surpreendentes dessas práticas ou atos ordinariamente fantásticos e ridículos, não podendo provir da sua virtude intrínseca, nem da *ordem estabelecida por Deus*, só podem ser atribuídos ao concurso das potências ocultas. Tais são, notadamente, os fenômenos extraordinários obtidos em nossos dias pelos processos aparentemente inofensivos do magnetismo, como os das mesas falantes. Por meio das operações da moderna magia, vemos reproduzirem-se no presente as evocações, as consultas, as *curas* e sortilégios que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas. Como outrora, interroga-se a madeira e esta responde; manda-se e ela obedece; isto em todas as línguas e sobre todos os assuntos; acha-se a gente em presença de seres invisíveis a usurparem nomes de mortos, e cujas pretensas revelações têm o cunho da contradição e da mentira; formas inconsistentes e leves aparecem rápidas e repentinas, patenteando-se dotadas de força sobre-humana.

“Quais são os agentes secretos desses fenômenos, os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos, esses não aceitariam tais papéis indignos, como também não se prestariam a todos os

caprichos da curiosidade.

“As almas dos mortos, que Deus proíbe evocar, essas demoram no lugar que lhes designa a sua justiça, e não podem, sem sua permissão, colocar-se às ordens dos vivos. Assim, os seres misteriosos que acodem ao primeiro apelo do *herege*, do *ímpio* ou do *crente* – o que importa dizer da inocência ou do crime – não são nem enviados de Deus, nem apóstolos da verdade e da salvação, porém fatores do erro e agentes do inferno. Apesar do cuidado com que se ocultam sob os mais veneráveis nomes, eles traem-se pela nulidade das suas doutrinas, pela baixaza dos atos e incoerência das palavras.

“Procuram apagar do símbolo religioso os dogmas do pecado original, da ressurreição do corpo, da *eternidade das penas*, como de toda a revelação divina, para subtrair às leis a sua verdadeira sanção e abrir ao vício todas as barreiras. Se as suas sugestões pudessem prevalecer, acabariam por formar uma religião cômoda para uso do socialismo e de todos a quem importuna a noção do dever e da consciência.

“A incredulidade do nosso século facilitou-lhes o caminho. Assim possam as sociedades cristãs, por uma sincera dedicação à fé católica, escapar ao perigo desta nova e terrível invasão!”

5. Toda esta teoria deriva do princípio de que os anjos e os demônios são seres

distintos das almas humanas, sendo estas antes o produto de uma criação especial, aliás inferiores aos demônios em inteligência, em conhecimento e em toda espécie de faculdade. E é assim que opina pela exclusiva intervenção dos maus anjos, nas antigas como nas modernas manifestações dos Espíritos.

A possibilidade da comunicação dos mortos é uma questão de fato, é o resultado de observações e experiências que não vêm ao caso discutir aqui. Admitamos, porém, como hipótese, a doutrina acima citada, e vejamos se ela não se destrói por si mesma com os seus próprios argumentos.

6. Das três categorias de anjos segundo a Igreja, a primeira ocupa-se exclusivamente do céu; a segunda do governo do Universo, e a terceira, da Terra. É nesta última que se encontram os anjos de guarda encarregados da proteção de cada indivíduo. Somente uma parte dos anjos, desta última categoria, é que compartilhou da revolta e foi transformada em demônios. Ora, desde que Deus lhes permitira com tanta liberdade, já por sugestões ocultas, já por ostensivas manifestações, induzir os homens em erro, e porque esse Deus é soberanamente justo e bom, devia ao menos, para atenuar os males de tão odiosa concessão, permitir também a manifestação dos bons anjos. Ao menos, assim, os homens teriam a liberdade e o

recurso da escolha. Dar, porém, aos anjos maus o monopólio da tentação, com poderes amplos de simular o bem para melhor seduzir; e vedando ao mesmo tempo toda e qualquer intervenção dos bons, é atribuir a Deus o intuito inconcebível de agravar a fraqueza, a inexperiência e a boa-fé dos homens.

É mais ainda: é supor da parte de Deus um abuso de confiança, pela fé que nos merece. A razão recusa admitir tanta parcialidade em proveito do mal. Vejamos os fatos.

7. Aos demônios concedem-se faculdades transcendentais: nada perderam da natureza angélica; possuem o saber, a perspicácia, a previdência e a penetração dos anjos, tendo ainda, a mais, astúcia, ardid e artifício, tudo em grau mais elevado. O objetivo que os move é desviar os homens do bem, afastá-los de Deus e arrastá-los ao inferno, do qual são provedores e recrutadores. Assim, compreende-se que se dirijam de preferência aos que estão no bom caminho e nele persistem; compreende-se o emprego das seduções e simulacros do bem para atraí-los e perdê-los; **mas o que se não compreende é que se dirijam aos que já lhes pertencem de corpo e alma, procurando reconduzi-los a Deus e ao bem.**

Quem mais estará nas garras do demônio do que aquele que de Deus blasfema, atido ao vício e à desordem das paixões? Esse

não estará no caminho do inferno? Mas então como compreender que a uma tal presa esse demônio exorte a rogar a Deus, a submeter-se à sua vontade, a renunciar ao mal?

Como se compreende que exalte aos seus olhos a vida deliciosa dos bons Espíritos e lhe pinte a horrorosa posição dos maus? Jamais se viu negociante realçar aos seus fregueses a mercadoria do vizinho em detrimento da sua, aconselhando-os a ir à casa dele. Nunca se viu um arrebanhador de soldados depreciar a vida militar, decantando o repouso da vida doméstica! Poderá ele dizer aos recrutas que terão vida de trabalhos e privações com dez probabilidades contra uma de morrerem ou, pelo menos, de ficarem sem braços nem pernas? É este, no entanto, o papel estúpido do demônio, pois é notório – e é um fato – que as instruções emanadas do mundo invisível têm regenerado incrédulos e ateus, insuflando-lhes n'alma fervor e crenças nunca havidos.

Ainda por influência dessas manifestações têm-se visto – e veem-se diariamente – regenerarem-se viciosos contumazes, procurando melhorarem-se a si mesmos. Ora, **atribuir ao demônio tão benéfica propaganda e salutar resultado, é conferir-lhe diploma de tolo.**

E como não se trata de simples suposição, mas de fato experimental contra o qual não há argumento, **havemos de concluir, ou**

que o demônio é um desazado de primeira ordem, ou que não é tão astuto e mau como se pretende, e, conseguintemente, tão temível quanto dizem; ou, então, que todas as manifestações não partem dele.

8. “Eles inculcam o erro sob todas as formas, e é para obter esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, os santuários dos ídolos, os pés das mesas e as *mãos dos meninos* se tornam oráculos.”

Mas, se assim é, qual o sentido e valor destas palavras do Evangelho: – “Eu repartirei meu Espírito por toda a carne: – vossos filhos e filhas profetizarão; os jovens terão visões e os velhos terão sonhos. Nesses dias repartirei meu Espírito por todos os meus servidores e servidoras, e eles profetizarão.” (Atos dos Apóstolos, 2:17 e 18.)

Não estará nessas palavras a predição tácita da mediunidade dos nossos dias a todos concedida, mesmo às crianças? **E essa faculdade foi anatematizada pelos apóstolos? Não; eles a apregoam como graça divina e não como obra do demônio.**

Terão os teólogos de hoje mais autoridade que os apóstolos? Por que não ver antes o dedo de Deus na realização daquelas palavras?

9. “Por meio das operações da moderna magia vemos reproduzirem-se no presente as evocações, as consultas, as curas e os sortilégios que ilustraram os templos dos

ídolos e os antros das sibilas.”

Nós perguntamos: **que há de comum entre as operações da magia e as evocações espíritas?**

Houve tempo em que tais operações faziam fé e acreditava-se na sua eficácia, mas hoje são simplesmente ridículas. Ninguém as toma a sério, e **o Espiritismo condena-as**. Na época em que florescera a magia, era imperfeita a noção sobre a natureza dos Espíritos, geralmente havidos por seres dotados de poder sobre-humano.

[...].

11. Ampliamos estas citações para mostrar que os princípios do Espiritismo não têm relação alguma com os da magia. Assim, nem Espíritos às ordens dos homens; nem meios de os constranger; nem sinais ou fórmulas cabalísticas; nem descobertas de tesouros; nem processos para enriquecer, e tampouco milagres ou prodígios, adivinhações e aparições fantásticas: nada, enfim, do que constitui o fim e os elementos essenciais da magia. **O Espiritismo não só reprova tais coisas como demonstra a impossibilidade e ineficácia delas.** Não há, afirmamo-lo ainda uma vez, analogia alguma entre os processos e fins da magia e os do Espiritismo; só a ignorância e a má-fé poderão confundi-los. Dessa forma, tal erro não pode prevalecer, uma vez que os princípios espíritas não se furtam ao exame,

e aí estão formulados inequívoca e claramente para todos.

[...].

14. “As almas dos mortos, que Deus proíbe evocar, essas demoram no lugar que lhes designa a sua justiça, e não podem, sem sua permissão, colocar-se à disposição dos vivos.”

O Espiritismo vai além, é mais rigoroso: não admite manifestação de quaisquer Espíritos, bons ou maus, sem a permissão de Deus, ao passo que a Igreja de tal não cogita relativamente aos demônios, os quais, segundo a sua teoria, se dispensam de tal permissão.

O Espiritismo diz mais que, mediante tal permissão e correspondendo ao apelo dos vivos, os Espíritos *não se põem à disposição destes.*

O Espírito evocado vem voluntariamente, ou é constringido a manifestar-se?

Obedecendo à vontade de Deus, isto é, à lei que rege o Universo, ele julga da utilidade ou inutilidade da sua manifestação, o que constitui uma prerrogativa do seu livre-arbítrio.

O Espírito superior não deixa de vir sempre que é evocado para um fim útil, só se recusando a responder quando em reunião de pessoas pouco sérias que levem a coisa em ar de gracejo. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª

Parte, cap. XXV.)

– Pode o Espírito evocado recusar-se a vir pela evocação que lhe fazem? Perfeitamente, visto como tem o seu livre-arbítrio. Podeis acaso acreditar que todos os seres do Universo estejam à vossa disposição? E vós mesmos vos julgais obrigados a responder a todos quantos pronunciam o vosso nome? Mas quando digo que o Espírito pode recusar-se, subordino essa negativa *ao pedido do evocador*, por isso que um Espírito inferior pode ser constringido por um superior a manifestar-se. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXV.)

Tanto os espíritas estão convencidos de que nada podem sobre os Espíritos diretamente, sem a permissão de Deus, que dizem, quando evocam: **“Rogamos a Deus todo-poderoso permitir que um bom Espírito se comunique conosco, bem como aos nossos anjos de guarda assistir-nos e afastarem os maus Espíritos.”** E em se tratando de evocação de um Espírito determinado: – “Rogamos a Deus todo-poderoso permitir que tal Espírito se comunique conosco”, etc. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XVII, nº 203.)

15. As acusações formuladas pela Igreja, contra as evocações, não atingem, portanto, o Espiritismo, porém as práticas da magia, com a qual este nada tem de comum. O Espiritismo condena tanto quanto a Igreja as referidas práticas, ao mesmo

tempo que não confere aos Espíritos superiores um papel indigno deles, nem algo pergunta ou pretende obter sem a permissão de Deus.

Certo, pode haver quem abuse das evocações, quem delas faça um jogo, quem lhes desnature o caráter providencial em proveito de interesses pessoais, ou ainda quem por ignorância, leviandade, orgulho ou ambição se afaste dos verdadeiros princípios da Doutrina; **o verdadeiro Espiritismo, o Espiritismo sério os condena** porém, tanto quanto a verdadeira religião condena os crentes hipócritas e os fanáticos. Portanto, não é lógico nem razoável imputar ao Espiritismo abusos que ele é o primeiro a condenar, e os erros daqueles que o não compreendem. Antes de formular qualquer acusação, convém saber se é justa. Assim, diremos: A censura da Igreja recai nos charlatães, nos especuladores, nos praticantes de magia e sortilégio, e com razão. Quando a crítica religiosa ou céptica, dissecando abusos, profliga o charlatanismo, não faz mais que realçar a pureza da sua doutrina, auxiliando-a no expurgo de maus elementos e facilitando-nos a tarefa. O erro da crítica está no confundir o bom e o mau, o que muitas vezes sucede pela má-fé de alguns e pela ignorância do maior número. Mas a distinção que uma tal crítica não faz, outros a fazem. Finalmente, a censura aplicada ao mal e à qual todo espírita sincero e reto se associa, essa nem prejudica nem

afeta a Doutrina. (120)

Tivessem estudado Allan Kardec, teriam informações suficientes para evitar que ficassem falando bobagens sobre o Espiritismo, atribuindo-lhe coisas que não são suas práticas.

Em **No Invisível**, Léon Denis também não deixou de falar sobre esse falacioso argumento:

As manifestações espíritas, dizem cotidianamente certas revistas católicas, quando não provêm consciente ou inconscientemente do médium ou dos assistentes, são obra do demônio.

Encontramos aí o argumento habitual da Igreja, o principal instrumento de sua dominação, que lhe permite resistir a todas as inovações, mantendo sob o terror o rebanho dos fiéis e assegurando o seu império através dos séculos.

Mesmo quando os Espíritos nos falam de Deus, de prece, de virtude e sacrifício, cumpre ver nisso a intervenção do demônio – dizem os teólogos –, porque Satanás, o pai da mentira, sabe revestir todas as formas, empregar todas as linguagens, fornecer todas as provas; e quando acreditamos estar em presença das almas de nossos parentes e amigos, de uma

esposa ou de um filho falecidos, é ainda o grande impostor que se disfarça para nos enganar.

Tem-se visto – afirmam eles – o Espírito do mal revestir as mais dolorosas aparências, mesmo a da Virgem e dos santos, para melhor lograr os crentes. É o que assevera o Cônego Brettes na “Revue du Monde Invisible”, de 15 de fevereiro de 1902, após um estudo de Monsenhor Méric acerca das materializações de fantasmas:

“Os resultados – diz ele – me parece concluírem a favor da opinião que sustenta ser tudo diabólico nas aparições de Tilly. Se são verdadeiras estas deduções, é o diabo que ali se apresenta sob a forma aparente da santa Virgem, e recebe as homenagens dirigidas à mãe de Deus”.

Objetam outros críticos que em suas relações com o mundo invisível o homem não comunica somente com as almas dos mortos, mas também com ilusórias aparências. ⁽¹²¹⁾

Continua, um pouco mais à frente, Denis:

Voltemos à teoria do demônio e consideremos uma coisa. Se o Espírito maligno, como pretendem os teólogos, tem a facilidade de reproduzir todas as formas, todas as figuras, revelar as coisas ocultas, proferir as mais sublimes alocações: se nos ensina o bem, a caridade, o amor, **pode-se**

igualmente atribuir-lhe as aparições mencionadas nos livros santos, acreditar que foi ele quem falou a Moisés, aos outros profetas e ao próprio Cristo, e que toda ação espiritual oculta é obra sua.

O diabo, tudo sabendo e podendo, até mesmo fazer sábio e virtuoso o Espírito, pode muito bem ter assumido o papel de guia religioso e, sob o pálio da Igreja, nos conduzir à perdição. A História, com efeito, nos demonstra com irrefragável lógica que nem sempre a Igreja foi inspirada por Deus. Em muitas circunstâncias, os seus atos têm estado em absoluta contradição com os atributos de que nos apraz revestir a divindade. A Igreja é uma árvore colossal, cujos frutos nem sempre foram os melhores, e **o diabo – pois que é tão hábil – pode muito bem ter-se abrigado à sua sombra.**

Se devemos admitir, com os teólogos, que em todos os tempos e lugares tenha Deus permitido as mais odiosas fraudes, o mundo se nos apresentará como imensa impostura, e nenhuma segurança teremos de não ser enganados: assim pela Igreja como pelo Espiritismo. A Igreja – ela própria o reconhece – apenas possui, relativamente ao que denomina “sobrenatural diabólico ou divino”, um critério de certeza puramente moral ⁽¹²²⁾. E daí, com tão restritas bases de apreciação, dado o talento de imitação que atribui ao inimigo do gênero humano, que crédito a ela própria podemos conceder em

todas as matérias? E assim que o argumento do demônio, como arma de dois gumes, se pode voltar contra aqueles que o forjaram.

Cabe, entretanto, perguntar se de fato haveria tamanha habilidade da parte do diabo em proceder como os nossos contraditores o pretendem. Nas sessões espíritas, vê-lo-íamos convencer da sobrevivência da alma e da responsabilidade dos atos a indivíduos materialistas; libertar da dúvida os cépticos, e da negação e de todas as suas consequências, dizer às vezes duras verdades a pessoas desregradas e obrigá-las a cair em si e orientar-se no sentido do bem. Onde estaria, pois, em tudo isso a vantagem para Satanás? Não deveria, ao contrário, o papel do Espírito das trevas consistir em acoçoar em suas tendências os materialistas, os ateus, os cépticos e os indivíduos sensuais?

É verdadeiramente pueril atribuir ao demônio o ensino moral que nos prodigalizam os Espíritos elevados. Acreditar que Satanás se esforce por desviar os homens do mal, ao passo que, deixando-os resvalar pelo declive das paixões, tornar-se-iam fatalmente presa sua; crer que pode ensiná-los a amar, a orar, a servir a Deus, ao ponto de lhes ditar preces, é atribuir-lhe um procedimento ridículo extremamente inepto.

Se o diabo é hábil, podem imputar-lhe as respostas ingênuas, grosseiras, ininteligentes, obtidas nos círculos onde se

experimenta sem critério? E as manifestações obscenas! Não são antes próprias a nos afastar do Espiritismo do que a nos atrair para ele? Ao passo que, admitindo a intervenção de Espíritos de todas as ordens, desde a mais baixa à mais elevada, tudo se explica racionalmente. Os Espíritos malfazejos não são de natureza diabólica, mas de natureza simplesmente humana.

Não há na Terra, encarnadas entre nós, almas perversas, que se poderiam considerar demônios? Voltando ao Espaço, essas almas continuam a proceder do mesmo modo, até que venham a ser regeneradas pelas provas, submetidas aos sofrimentos. Aos investigadores prudentes compete pôr-se em guarda contra esses entes funestos e reagir contra sua influência.

Na maior parte dos círculos de experimentação, em lugar de proceder com cautela e respeito, desprezam-se os conselhos dos que nos precederam no caminho das investigações. Com intempestivas exigências e modos inconvenientes, repelem-se as influências harmônicas e atraem-se individualidades perversas e Espíritos atrasados. Daí tantas decepções, incoerências, obsessões, que têm feito acreditar na existência dos demônios e lançado sobre certo espiritismo de baixa classe o ridículo e o descrédito.

*

A teoria do demônio, em resumo, nem é positiva nem científica. É um argumento cômodo, que se presta às explorações, permite rejeitar todas as provas, todos os casos de identidade e fazer tábua rasa dos mais autorizados testemunhos; pouco concludente, porém, e absolutamente em contradição com a natureza dos fatos.

A crença no demônio e no inferno tem sido combatida com argumentos de tal modo peremptórios que causa admiração ver inteligências esclarecidas ainda hoje a adotarem. Como se não compreende que opondo incessantemente Satanás a Deus, atribuindo-se-lhe sobre o mundo e sobre as almas um poder que, dia a dia, aumenta, diminui-se paralelamente o império de Deus, amesquinha-se o seu poder, aniquila-se a sua autoridade, põe-se em dúvida a sabedoria, a bondade, a providência do Criador?

Deus, sendo justo e bom, como o declara o ensino católico, não pode ter criado um ser dotado de toda a ciência do mal, de toda sorte de sedução, e lhe haver concedido poder absoluto sobre o homem inerme e fraco.

Ou Satanás é eterno, ou não o é. Se o é, Deus não é único; há dois deuses – o do bem e o do mal. Ou então Satanás é uma criatura de Deus, e logo a Deus cabe a responsabilidade de todo o mal por ele praticado; porque, ao criá-lo, conheceu, viu

todas as consequências de sua obra. E o inferno povoado da imensa maioria das almas, votadas por sua fraqueza original ao pecado e à condenação, é a obra de Deus, produto de sua vontade e por ele prevista!

Tais são as consequências da teoria de Satanás e do inferno. É de admirar que tenha produzido tantos materialistas e ateus? E é em nome do Cristo, de seus ensinamentos de amor, de caridade e de perdão que se preconizam tais doutrinas!

Mais conforme ao verdadeiro espírito das Escrituras não será essa revelação espírita, que nos apresenta, após o resgate e a reparação de suas culpas, em existências de provas, as almas a prosseguirem sua ascensão às regiões da luz? Assim o disse o apóstolo: “Deus não quer que homem algum pereça, mas que todos se convertam à penitência.” (II Pedro, 3:9.)

O que se chama demônios, como vimos, são simplesmente Espíritos inferiores, ainda propensos ao mal, submetidos, porém, como todas as almas à lei do progresso. Não há diversas categorias de almas, destinadas umas à felicidade e outras à desgraça eterna. Todas se elevam pelo trabalho, pelo estudo e pelo sofrimento. A unidade perfeita e a harmonia reinam no Universo.

Cessemos, pois, de profanar a ideia de Deus com essas concepções indignas da

grandeza e da bondade infinitas; saibamos despojá-la das desgraçadas paixões humanas que se lhe atribuem. Com isso a Religião ganhará prestígio. Pondo-a em harmonia com os progressos do espírito humano, dar-se-lhe-á maior vitalidade.

Acenar com o espectro de Satanás e toda a fantasmagoria do inferno, numa época em que a Humanidade já não crê nos mitos com que a embalaram na infância, é perpetrar um anacronismo, é expor-se a provocar o riso. Satanás não assusta mais ninguém. **E os que mais dele falam, são talvez os que nele menos creem** ⁽¹²³⁾. Pode-se explorar o esvaecimento de uma quimera rendosa, de que por muito tempo se abusou, e soltar aos quatro ventos os ecos de sua queixa. Diante, porém, de tais recriminações, próprias de uma outra idade, o pensador desinteressado sorri e passa adiante.

Já não acreditamos num Deus colérico e Vingativo, mas em um Deus de justiça e de infinita misericórdia. O Jeová sanguinário e terrível fez sua época. O inferno implacável fechou-se para sempre. Do Céu à Terra desce agora, com a nova revelação, o lenitivo para todas as dores, o perdão para todas as fraquezas, o resgate para todos os crimes, mediante o arrependimento e a expiação.
⁽¹²⁴⁾

As acusações de que são os demônios que

operam no meio Espírita, através das manifestações de Espíritos, caem por terra pela força dos argumentos lógicos; entretanto, não nos iludamos que os dogmáticos assim pensarão, uma vez que eles nunca mudam de opinião.

Aliás, não seria de todo impróprio saber quem, na realidade, são os demônios; embora oportunamente pretendamos fazer um estudo mais aprofundado do assunto, não podemos deixar de falar aqui alguma coisa sobre isso.

Quem são os demônios citados na Bíblia?

O que sempre nos chamou a atenção, especialmente, em se tratando de Bíblias católicas, é que o termo demônio pouco aparece no Antigo Testamento, ficando, quase que restrito ao Novo Testamento.

Os protestantes como veem demônio em tudo, têm mais citações dele em suas Bíblias; isso, a nosso ver, se explica porque são os seus líderes que mais utilizam do “terrorismo religioso”, visando amedrontar os seus fiéis, para tê-los sob controle, em vez de moralizá-los, no sentido pleno do termo, como se era de esperar.

Geralmente, nos explicam que o demônio é um anjo decaído, citando, para justificarem-se, uma passagem bíblica de Isaías (14,11-15). Ótimo; porém, perguntamos: o que é anjo? Como resposta invariavelmente obtemos: um ser perfeito. Continuamos: poderia nos informar, como um ser perfeito pode decair?! Sem resposta; apenas um

sorriso amarelo.

Assim, a lógica nos diz que não há como um ser perfeito não decair; se decaiu, então não era perfeito, essa é a primeira contradição. A segunda, fica por conta do texto citado em apoio, que não se refere a anjo decaído, coisa alguma; mas ao rei da Babilônia, ao qual Isaías foi instruído de lhe fazer uma sátira (Isaías 14,3-23), que é exatamente a passagem que tomam de apoio para se justificarem.

Russell Norman Champlin, teólogo protestante, em ***O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo, Vol. 3***, explica-nos:

A palavra *demônio* não tinha mau sentido nos textos do grego clássico, segundo veio assumir mais tarde, quando surgiu o grego “koiné”, do qual o nosso N. T, é um dos grandes exemplos. **Um demônio, no grego clássico, era simplesmente uma divindade inferior**, secundária, embora não necessariamente emersa no reino das trevas.

(¹²⁵)

Assim, não devemos tomar essa palavra como se existisse um ser, ou melhor, uma potência do mal em luta constante com Deus, a potência do bem.

Em **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol. 1**, Champlin informa que demônios e Espíritos são a mesma coisa; é, ao menos em parte, o que ele admite, quando de seus comentários sobre Marcos 5:2, referindo-se à palavra “demônio”; diz ele:

[...] Esse termo também tem sido usado para referir-se às almas dos homens que, por ocasião da morte, são elevados a determinados privilégios, e, posteriormente, **passou a indicar os espíritos humanos em geral, partidos deste mundo**. Gradualmente esse vocábulo foi-se limitando aos espíritos malignos em geral, exclusivamente, sem qualquer definição sobre a origem ou natureza desses espíritos.

[...].

*Nada de realmente certo se encontra sobre a origem dos demônios, nas páginas da Bíblia, ainda que muitos creiam que sejam os anjos caídos que seguiram a Satanás (Ver Apo 12:7-9 com Apo 12:3,4). **Mas outros estudiosos acreditam (conforme criam muitos dos antigos) que são espíritos dos mortos** que ainda não entraram em qualquer estado bem determinado de transição. Outros ainda, sustentam que os demônios pertencem a ambas essas ordens de seres. Muitos psicólogos modernos duvidam que*

exista realmente a possessão por meio de espíritos, mas a experiência universal com tais espíritos desaprova essas dúvidas. Alguns daqueles que se ocupam de pesquisas psíquicas, nestes últimos anos, estão convencidos da realidade do mundo dos espíritos, tanto bons como maus. **É uma completa tolice pensar que simplesmente porque não podemos ver os espíritos eles não existem** – todavia, alguns sensíveis (pessoas psiquicamente dotadas) asseveram que podem ver ocasionalmente aos espíritos, e alguns deles veem-nos regularmente. É fato sobejamente conhecido que os sentidos humanos são extremamente limitados, não percebendo muitas coisas que sabemos que realmente existem, como por exemplo, a força chamada lei da gravidade; e assim, a maior parte deste mundo totalmente físico continua imperceptível para os nossos sentidos (e quanto menos o mundo espiritual)! Assim, pois, afirmar alguém que algo não existe simplesmente porque os seus sentidos não são aptos a captá-lo, mostra que esse alguém se deixa levar por preconceitos. Mas uma coisa que sabemos bem é que não sabemos praticamente coisa alguma acerca do universo em que vivemos. Não obstante, existem muitas evidências inequívocas, perceptíveis até mesmo para os sentidos humanos, que confirmam a existência de um mundo dos espíritos ao nosso redor.

Era ponto *teológico comum*, entre os

judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), **que os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de mortos partidos deste mundo**, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da igreja também aceitaram essa ideia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.

Tertuliano (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa ideia, e deu origem à crença de que os demônios fazem exclusivamente parte de uma ordem de anjos decaídos. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a ideia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. Essa ideia também prevalece na teologia moderna, apesar de ainda existirem alguns que se apegam à ideia mais antiga, como Lange (do *Comentário* de Lange), o qual acredita que aquilo que conhecemos pelo título de *demônio* pertence tanto à ordem de espíritos humanos que daqui partiram e que se tornaram parte de um nível mais baixo dos espíritos como à ordem de seres angelicais caídos. Lange, portanto, aceita ambos os pontos de vista. **As próprias Escrituras nada nos informam acerca da**

origem dos demônios, pelo menos em termos bem definidos; por isso mesmo, a sua identificação com os anjos caídos pode representar ou não a verdade. Se isso representa a verdade, mesmo assim pode *não* representar a *verdade inteira* sobre a questão. **Muitos casos de possessão demoníaca parecem demonstrar que alguns demônios, pelo menos, são de fato entidades que antes eram seres humanos comuns.** Pois é possível que por enquanto, pelo menos parcialmente, estejamos dentro de um intervalo de tempo, antes do julgamento, e que os espíritos não foram ainda para o seu *destino final*; embora seja possível que exista alguma forma de comunicação entre certas dimensões espirituais (que podem até mesmo ser chamadas de *hades*) e os homens. Diversos exemplos bíblicos mostram que a comunicação com os mortos é algo que ocorre ocasionalmente. Nas Escrituras somos advertidos contra essa prática, mas não nos é dito ali que tal comunicação seja impossível. Existem evidências que parecem indicar que a posição assumida por Lange, de que os demônios pertencem a ambas as ordens: tanto espíritos humanos de mortos como seres pertencentes à ordem de anjos caídos – é a mais correta, embora nos faltem provas inequívocas quanto a isso. ⁽¹²⁶⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Ainda nessa mesma obra, Champlin,

mencionando os cristãos primitivos ao explicar Atos 12,15, observa:

Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da alma. Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, sobre como Pedro poderia estar no portão, era que ele teria sido morto e que o seu “anjo” ou “espírito” havia retornado. Portanto, aprendemos que aquilo que é ordinariamente classificado como doutrina “espírita” era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; **porém, aceitaram a possibilidade da comunicação dos espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência.**

O famoso escritor evangélico C. S. Lewis apareceu a J. B. Philips, tradutor de bem conhecida tradução do Novo Testamento para o inglês, por duas vezes, após a sua morte, e se assentou naturalmente em sua sala de estar, tendo conversado com ele como se nada tivesse acontecido que pudesse ser classificado como falecimento. Porém, por toda a parte abundam histórias de fantasmas, e muitos

céticos negam tudo. **Todavia, há muitos desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos.** Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos. **Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os “demônios” são espíritos humanos maus, desencarnados.**

Essa ideia era forte na igreja cristã, até o século V d.C., tendo sido apresentada por pais da igreja como Clemente de Alexandria, Justino Mártir e Orígenes, os quais também acreditavam na possibilidade do retorno e até mesmo da reencarnação de alguns espíritos, com o propósito de realizarem ou continuarem suas missões. (ver esta doutrina em Mat. 16:14). Os essênios, dos quais João Batista parece ter sido membro, também mantinham crenças idênticas. É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma rústia de luz. **Sabemos pouquíssimo sobre o mundo intermediário dos espíritos e** supomos que o estado “eterno” já existe, o que todas as evidências mostram não ser

ainda assim.

[...].

Naturalmente, sem importar o que os judeus criam a respeito dessas coisas, isso não prova nada neste caso. Porém, **a experiência humana parece ser capaz de ilustrar amplamente que, algumas vezes, os espíritos dos mortos voltam a este mundo e entram em contato (pela permissão divina) com os homens.** E com base nisso ficamos sabendo, pelo menos, que tais espíritos podem vir a fim de realizar determinadas missões, como também depreendemos que nossos conhecimentos sobre o mundo intermediário dos espíritos é extremamente limitado, porquanto muito nos resta ainda a apreender acerca do mundo dos espíritos, bem como sobre as capacidades e atividades dos espíritos. ⁽¹²⁷⁾
(grifo do original)

Portanto, temos aí que os demônios são Espíritos humanos desencarnados que se comprazem no mal, e neste sentido, eles, sim, se manifestam nas casas espíritas.

Entretanto, não se deve agir com parcialidade dizendo que são só eles, pois, os bons também o fazem; sobejamente disso temos provas. Além disso, temos condições de separar uns dos outros.

Poderiam ser anjos decaídos, como, muitas vezes, se afirma? Vejamos, em ***O Mundo Invisível - Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Moderno Espiritismo***, o seguinte argumento do Cardeal Lépiciér:

Com **os anjos**, porém, não sucede assim. **Tendo sido criados num estado de plena perfeição da sua natureza**, a mente angélica nem se desenvolve por um crescimento sucessivo, **nem está sujeita a qualquer enfraquecimento. Está sempre na posse completa de sua própria luz** e do seu próprio conhecimento, sem que tal conhecimento tenha que passar por evoluções sucessivas, desde a neblina da manhã até ao esplendor de um meio-dia deslumbrante, e sem que essa luz desapareça com as trevas da noite ou esteja mesmo sujeita ao esmorecimento do crepúsculo. ⁽¹²⁸⁾

Então, a teoria dos anjos decaídos, simplesmente, sem trocadilho, cai por terra, pois quem foi criado em plena perfeição e não está sujeito a qualquer enfraquecimento, não pode ter paixões humanas, para querer ser igual a Deus, como se diz deles.

Champlin e Bentes, em *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. 4, questionam: “os mortos, as vezes, voltam?” Seus argumentos:

A médium de En-Dor realmente fez subir o espírito de Samuel? (Ver I Samuel 28). Vamos expressar a questão com maior precisão. Samuel realmente apareceu (inteiramente à parte do alegado poder da médium), ou aquilo foi apenas uma representação demoníaca? Quando examinamos os comentários, vemos que alguns autores respondem na afirmativa, e que outros o fazem na negativa. Por igual modo, se falarmos com pregadores e eruditos, veremos que alguns respondem com um “sim”, e que outros respondem com um “não”, John Gill é daqueles que negam um aparecimento real; mas Adam Clarke afirma: “Que Samuel apareceu nessa ocasião é evidentíssimo através do texto, e isso não pode ser negado mediante qualquer modo legítimo de interpretação”. No entanto, ele passa a dizer que o poder da médium de En-Dor nada teve a ver com o aparecimento de Samuel. Ela ficou mais assustada e surpresa do que qualquer outra pessoa, quando Samuel subitamente apareceu.

Porém, mesmo que alguém queira negar que Samuel voltou a este mundo naquela ocasião, ainda assim terá de explicar o caso de Moisés e de Elias, que

apareceram ao lado de Jesus, no monte da Transfiguração. Adam Clarke foi o principal comentador metodista, altamente recomendado por Spurgeon e amigo pessoal dos irmãos Wesley. Comentando sobre o trecho de Mateus 14:26, ele afirma vigorosamente:

“Que os espíritos dos mortos podiam e realmente apareciam – tem sido uma doutrina defendida pelos maiores e mais santos homens que já existiram, e é uma doutrina que os caviladores, os livres pensadores e os bitolados de diferentes épocas nunca conseguiram mostrar como falsa”.

A doutrina comum sobre os demônios, no judaísmo e no antigo cristianismo, era que espíritos humanos desencarnados, sendo manipulados enganadoramente por Satanás, tornam-se demônios. **Somente nos dias de Crisóstomo foi que, na Igreja cristã, ganhou ascendência a ideia de que somente os anjos caídos são demônios.** Lange oferece uma longa discussão sobre a questão, chegando à conclusão de que há vários níveis de espíritos demoníacos. A moderna pesquisa psíquica lhe dá apoio quanto a esse particular. Parece, portanto, que o mundo intermediário do hades não está completamente incapacitado de entrar em contacto com a terra, podendo acontecer algumas coisas bem interessantes. Devemos reconhecer, entretanto, que essa

possibilidade não pode servir de base a práticas religiosas – conforme o faz, por exemplo, o espiritismo. **Rejeito o espiritismo decididamente como uma religião, embora não me atreva a afirmar categoricamente que um autêntico espírito humano nunca entra em contato com os médiuns espíritas.**

Eu poderia citar o nome de um dos mais poderosos líderes do movimento fundamentalista que, segundo ele mesmo afirmou, cinco dias depois do falecimento de sua esposa, ela lhe apareceu e lhe entregou uma mensagem. Um dos professores da primeira escola teológica que frequentei, de acordo com a sua esposa (que era amiga chegada de minha mãe), visitou-a não somente por uma vez, mas por nada menos de três vezes. Não sei dizer quão frequentemente essas manifestações podem ocorrer, e nem com que frequência elas são genuínas. Por igual maneira, sob nenhuma circunstância eu transformaria isso em uma religião, ou buscaria tais coisas como parte de minha inquirição espiritual. **Porém, tanto as evidências bíblicas quanto a experiência humana parecem ensinar-nos que há alguns casos de aparecimentos autênticos de espíritos humanos desencarnados.** Essa questão é crida por muitos evangélicos, e não considero que seja uma doutrina não ortodoxa. O trecho de Atos 12:15 quase certamente mostra que os crentes de Jerusalém pensaram que o

espírito de Pedro havia aparecido, quando, na realidade, ele estava fisicamente em pé, diante da entrada da casa onde aqueles crentes estavam reunidos, a orar. ⁽¹²⁹⁾

Ressaltar a sua conclusão final é o que nos basta fazer: *“Porém, tanto as evidências bíblicas quanto a experiência humana parecem ensinar-nos que há alguns autênticos casos de aparecimento de Espíritos humanos desencarnados”*. Negar esse fato é querer tapar o sol com a peneira, para não ter que mudar de opinião e admitir o que, muitas vezes, disse que isso não ocorria.

Num outro ponto de sua obra ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, vol. 6***, explicamos Champlin e Bentes:

E acerca da feiticeira de En-Dor? Sobre o que objetam os críticos? É que alguns declaram que, em face de certas proibições bíblicas, o contato de vivos com os mortos não pode ter acontecido. Teria sido tudo apenas um fenômeno psicológico, talvez fruto da condição perturbada de Saul. Um ponto de vista mais conservador admite que Deus permitiu que Saul visse uma forma semelhante a Samuel, embora tudo não passasse de uma visão, e não do corpo ou

do espírito real daquele profeta. **Entretanto, a explicação mais certa e óbvia é aquela que reconhece que Samuel realmente apareceu a Saul em forma visível, e que o profeta já morto realmente comunicou-se com Saul.** O relato aparece no capítulo vinte e oito de I Samuel. A médium de En-Dor, diante da pergunta de Saul: “Não temas; que vêes?”, replicou: “Vejo um deus que sobe da terra”. (vs. 13). **Sabemos que os médiuns espíritas e outros realmente se comunicam com espíritos dos lugares tenebrosos.** Isso é ensinado desde o livro de Gênesis, no caso dos magos do Egito. Porém, esses médiuns não têm, normalmente, contato com espíritos remidos. **Portanto, Deus deve ter feito intervenção, permitindo o aparecimento de Samuel à vidente de En-Dor.** Isso surpreendeu à mulher, que gritou.

Que os mortos podem aparecer aos vivos vê-se no caso de Moisés e Elias, os quais apareceram juntamente com o Senhor Jesus, quando de sua transfiguração, diante de três de seus discípulos Pedro, Tiago e João. Ver Mat. 17:1-8; Mar. 9:14-29 e Luc. 9:37-43. Esse episódio, juntamente com o do aparecimento de Samuel, após a sua morte, por intermediação da médium de En-Dor, incidentalmente prova a existência consciente dos espíritos humanos que daqui partiram, por força da morte biológica, além de ser um fortíssimo apoio à doutrina da

imortalidade da alma! **Por conseguinte, toda essa objeção à aparição de Samuel à feiticeira de En-Dor, e ao recado que ele deu a Saul, baseia-se sobre aquela razão que foi dada pelo Senhor Jesus aos saduceus: – Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. (Mat. 22:29).** ⁽¹³⁰⁾

Também aqui basta a afirmação: *“Por conseguinte, toda essa objeção à aparição de Samuel à feiticeira de En-Dor, e ao recado que ele deu a Saul, baseia-se sobre aquela razão que foi dada pelo Senhor Jesus aos saduceus: – Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. (Mat. 22:29)”*. Eles enxergaram o óbvio que se pode ver nas Escrituras, que o fanatismo, infelizmente, não permite que muitos o vejam.

Resta-nos agora colocar a visão espírita sobre os demônios, tomando-se o que consta no livro **○ Céu e o Inferno**, Cap. IX, intitulado “Os demônios”:

OS DEMÔNIOS SEGUNDO O ESPIRITISMO

20. Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres

inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, **esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços.** Deus criou-os *perfectíveis* e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progredem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Atingido o apogeu, tornam-se *puros espíritos* ou *anjos* segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente até ao anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso.

Do exposto resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso.

Em todos os graus existe, portanto, ignorância e saber, bondade e maldade. **Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se com o mal. A estes pode-se denominar *demônios*, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos. O Espiritismo não lhes dá tal nome por se prender ele à ideia de uma**

criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem.

21. Segundo a doutrina da Igreja os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. **Segundo o Espiritismo os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, não de nela graduar-se.** Os que por apatia, negligência, obstinação ou má vontade persistem em ficar, por mais tempo, nas classes inferiores, sofrem as conseqüências dessa atitude, e o hábito do mal dificulta-lhes a regeneração. Chega-lhes, porém, um dia a fadiga dessa vida penosa e das suas respectivas conseqüências; eles comparam a sua situação à dos bons Espíritos e compreendem que o seu interesse está no bem, procurando então melhorarem-se, mas por ato de espontânea vontade, sem que haja nisso o mínimo constrangimento. “Submetidos à lei geral do progresso, em virtude da sua aptidão para o mesmo, não progredem, ainda assim, contra a vontade.” Deus fornece-lhes constantemente os meios, porém, com a faculdade de aceitá-los ou recusá-los. Se o progresso fosse obrigatório não haveria mérito, e Deus quer que todos tenhamos o mérito de nossas obras.

Ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégio; mas o primeiro lugar a todos é franqueado à custa do esforço próprio.

Os anjos mais elevados conquistaram a sua graduação, passando, como os demais, pela rota comum.

22. Chegados a certo grau de pureza, os Espíritos têm missões adequadas ao seu progresso; preenchem assim todas as funções atribuídas aos anjos de diferentes categorias.

E como Deus criou de toda a eternidade, segue-se que de toda a eternidade houve número suficiente para satisfazer às necessidades do governo universal. Deste modo uma só espécie de seres inteligentes, submetida à lei de progresso, satisfaz todos os fins da Criação.

Por fim, a unidade da Criação, aliada à ideia de uma origem comum, tendo o mesmo ponto de partida e trajetória, elevando-se pelo próprio mérito, corresponde melhor à justiça de Deus do que a criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas de dotes naturais, que seriam outros tantos privilégios.

23. A doutrina vulgar sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas, não admitindo a lei do progresso, mas vendo todavia seres de diversos graus, concluiu que seriam produto de outras tantas criações especiais. E assim foi que chegou a fazer de

Deus um pai parcial, tudo concedendo a alguns de seus filhos, e a outros impondo o mais rude trabalho. Não admira que por muito tempo os homens achassem justificação para tais preferências, quando eles próprios delas usavam em relação aos filhos, estabelecendo direitos de primogenitura e outros privilégios de nascimento. Podiam tais homens acreditar que andavam mais errados que Deus?

Hoje, porém, alargou-se o círculo das ideias: o homem vê mais claro e tem noções mais precisas de justiça; desejando-a para si e nem sempre encontrando-a na Terra, ele quer pelo menos encontrá-la mais perfeita no Céu.

E aqui está por que lhe repugna à razão toda e qualquer doutrina, na qual não resplenda a Justiça Divina na plenitude integral da sua pureza. ⁽¹³¹⁾

Então, para o Espiritismo, os demônios nada mais são que Espíritos humanos desencarnados, que ainda persistem no mal; porém, com o passar dos tempos, haverão de progredir, até chegarem ao topo da evolução possível ao ser humano; portanto, não são seres decaídos e muito menos uma absurda potência do mal a lutar contra Deus, a potência do bem.

Conclusão

Enquanto se quiser e insistir em andar na contramão da história, pode-se alegar que Samuel não manifestou, que foi um demônio ou um pseudo-Samuel; qualquer desculpa valerá para os que não querem admiti-la.

Porém, nós que, neste ponto, não negamos o fato bíblico (tão claramente relatado), que foi confirmado por um historiador hebreu e, especialmente, por que não difere dos que atualmente acontecem pelo mundo afora, conforme relatos em várias obras, muitas delas nenhuma ligação tendo com o Espiritismo.

Inclusive, alguns desses fatos foram registrados por vários pesquisadores. Diremos, portanto, que Samuel se manifestou exatamente porque Deus o permitiu.

É certo que, se não houvesse permissão divina, não teria se apresentado a Saul, profetizando o seu fim. Essa permissão pode ser corroborada pelo

fenômeno da transfiguração, em que o próprio Espírito de quem proibiu esse tipo de manifestação (Moisés), em que ele e Elias apareceram a Jesus.

Ora, se fosse mesmo proibida por Deus ele não ousaria aparecer ao Mestre; e o próprio Mestre, certamente, não infringiria uma lei divina, participando desse fenômeno da materialização de Moisés e Elias, inconcebível ao enviado de Deus, que disse ter vindo para cumprir a vontade do Pai

Aliás, a bem da verdade, nós nos comunicamos é com “vivos”, pois é essa a condição do Espírito após o seu desencarne. E como é sabido que Deus *“não é Deus dos mortos, mas de vivos”* (Mateus 22,32), então, certamente, todos aqueles que deixaram o corpo físico, para voltarem à pátria espiritual, continuam vivos, enquanto que o que está realmente morto, ou seja, o corpo físico, só servirá mesmo para repasto aos vermes.

Por outro lado, não vemos nenhum bom motivo para que Deus não permita que nos comuniquemos com os que já partiram para a dimensão espiritual, a não ser que, depois que a alma se desenlaçar do corpo físico, acabe o sentimento de amor que nutria

para com os parentes e amigos. Se é assim, perguntamos: neste caso, não seria preferível vivermos iguais aos animais que nenhuma ligação afetiva mantêm com sua prole, quando esta pode viver por si mesma? Para que passar uma vida inteira amando os de sua família e os amigos para depois da “morte” ser como algo que nunca tivesse existido?

Existindo uma “porta” pela qual, nós do plano físico, entramos em contato ou sofremos influência dos seres invisíveis, que habitam a dimensão espiritual, então, a pergunta é: por qual critério de justiça e lógica Deus interdita essa porta aos Espíritos que nos são caros e a deixa aberta aos demônios? A não ser que se admita o absurdo deles terem mais poder que Deus e que, por isso, fazem o que querem, mesmo aquilo que Deus não permite a outros seres espirituais.

Eis a conclusão que chegamos de tudo isso. Não nos iludimos, voltamos a repetir, de que isso possa convencer aos dogmáticos; mas como se diz: o que é que se pode fazer...

Referências bibliográficas

Bíblias:

- A Bíblia Anotada***. s/ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica - TEB***, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém***, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino***. 1ª ed. (?) São Paulo: Palus, 2002.
- Bíblia Sagrada - Paulinas***, 9a. ed. São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada - Paulinas***, 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada - Edição Popular***, 3a. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada - Santuário***, 5ª ed. Aparecida (SP): Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada - Vozes***, 8ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada - Barsa***. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada - Edição Pastoral***. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada - SBB***. Sociedade Bíblica do Brasil, s/ed. Brasília, 1969.

- Bíblia Sagrada - SBTB**, Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, s/ed. São Paulo: 1994.
- Bíblia Sagrada - Ave-Maria**, 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Shedd**, 2ª ed. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das**. s/ed. Cesário Lange (SP): STVBT, 1986.
- AQUINO, F. **Falsas Doutrinas - Seitas e Religiões**. Lorena (SP): Cleófas, 2004.
- BRUNE, F. e CHAUVIN, R. **Linha Direta do Além**. Sobradinho (DF): Edicel, 1994.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 4**. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 6**. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1**. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo - Vol. 3**. São Paulo: Hagnus, 2005.
- DENIS, L. **Cristianismo e Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. **No Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DUMAS, F. R. **Arquivos Secretos da Feitiçaria e da Magia Negra**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1971.

- ESPINOSA, B. **Tratado Teológico-político**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FIGUEIREDO, P. H. **Os mistérios do Egito segundo o Espiritismo**. *Universo Espírita*, nº 39, março 2007, São Paulo: Universo Espírita, p. 32-33.
- GUÉNON, R. **O Erro Espírita**. São Paulo: Instituto René Guénon, 2010.
- JOSEFO, F. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **Iniciação Espírita**. São Paulo: Edicel, 1986.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KRELL, W. **Irradiações da Vida Espiritual: Ciência e Moral da Filosofia Espírita**. São Paulo: Editora Camille Flammarion, 2003.
- LÉPICIER, A. H. M. **O Mundo Invisível - Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Moderno Espiritismo**. Porto, Portugal: Tavares Martins, 1960.

MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida (SP): Santuário, 1997.

ORÍGENES. **Contra Celso**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA NETO SOBRINHO, P. **Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica**. Divinópolis (MG): GEEC, 2012.

XAVIER, F. C. **À Luz da Oração**. Matão (SP): O Clarim, 2010.

Periódico:

Universo Espírita, nº 39. São Paulo: Universo Espírita, março/2007.

Internet:

BÍBLIA (site) *Urim e Turim*, disponível em:

<https://biblia.com.br/dicionario-biblico/u/urim-e-tumim/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CHRISTIAN CLASSICS ETHEREAL LIBRARY (Site),

Antiquities of the Jews – Book VI, disponível em:

<https://www.ccel.org/ccel/josephus/works/files/ant-6.htm>. Acesso em: 14 abr. 2020.

LEVANDO A PALAVRA (site) *Saul e a Feiticeira* (L. M. Ortiz), disponível em:

<http://www.levandoapalavra.com/123/?p=935>. Acesso em: 14 abr. 2020.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustain, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires Diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 155.
- 2 *Dicionário Prático Barsa*, p. 41.
- 3 *Dicionário Prático Barsa*, p. 104.
- 4 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 556.
- 5 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 1531.
- 6 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 81.
- 7 CHAMPLIN, e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. 4, p. 472.
- 8 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 103-104.
- 9 KARDEC, *A Gênese*, p. 32.
- 10 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 70-71.
- 11 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 168.
- 12 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 85.
- 13 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 390.
- 14 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 489.
- 15 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 478.
- 16 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 47-48.
- 17 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 41-42.
- 18 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 50.
- 19 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 52.
- 20 Nota da Transcrição (N.T.): Este pretense satanismo do dom da leitura do pensamento e da vidência impressionou vivamente os e as videntes, que, ainda hoje, expõem nos seus gabinetes de consultas o crucifixo, imagens da Virgem, de Jesus e outros objectos de piedade, para esconjurarem qualquer acusação de satanismo.
- 21 N.T.: V. Nota 20.
- 22 N.T.: V. Nota 20.

- 23 N.T.: Esta regra possibilitava que incomodassem um Descartes, que se exilou na Holanda, e um Galileu, vergonhosamente condenado, e que suspeitassem de qualquer escritor.
- 24 N.T.: A levitação dos santos, antes de ser reconhecida como miraculosa e concedida por Deus – exemplos: a de S. João da Cruz, a de Santa Tereza de Ávila –, emanava forçosamente do Diabo. Loiola, surpreendido assim, em estado de suspensão no ar, foi acusado de diabolismo e incomodado pela Inquisição que o encarcerou.
- 25 DUMAS, *Arquivos Secretos da Feitiçaria e da Magia Negra*, p. 27-30.
- 26 AQUINO, *Falsas Doutrinas – Seitas e Religiões*, p. 18-19.
- 27 ESPINOSA, *Tratado Teológico-político*, p. 9.
- 28 ESPINOSA, *Tratado Teológico-político*, p. 10.
- 29 ESPINOSA, *Tratado Teológico-político*, p. 12-13.
- 30 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 366.
- 31 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 196.
- 32 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 465.
- 33 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 465-466.
- 34 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 77.
- 35 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 26 e KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 167.
- 36 *Dicionário Prático Barsa*, p. 8.
- 37 *Bíblia Sagrada Santuário*, p. 242.
- 38 *Bíblia de Jerusalém*, p. 263.
- 39 *Bíblia do Peregrino*, p. 301.
- 40 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 139-141.
- 41 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 166-177.
- 42 ORÍGENES, *Contra Celso*, p. 65.
- 43 *Bíblia Shedd*, p. 169.

- 44 *Bíblia Shedd*, p. 169.
- 45 *Bíblia Shedd*, p. 278.
- 46 *Bíblia Shedd*, p. 430.
- 47 FIGUEIREDO, *Os mistérios do Egito segundo o Espiritismo*, in *Universo Espírita*, nº 39, p. 32-33.
- 48 *Bíblia Sagrada Ave-Maria*, p. 35.
- 49 *Bíblia Sagrada Santuário*, p. 973.
- 50 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1141-1143.
- 51 Eclesiástico 46,23, em algumas Bíblias.
- 52 *Bíblia Sagrada Barsa*, p. 571.
- 53 *Bíblia de Jerusalém*, p. 428.
- 54 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 169-172.
- 55 *Bíblia Sagrada Pastoral*.
- 56 *Bíblia Shedd*, p. 410.
- 57 CHRISTIAN CLASSICS ETHEREAL LIBRARY (Site), *Antiquities of the Jews - Book VI*, disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/josephus/works/files/ant-6.htm>.
- 58 A tradução para o português foi, gentilmente, feita por Lúcia da Silveira Sardinha Pinto Souza.
- 59 KARDEC, *Iniciação Espírita*, p. 196-197.
- 60 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 211.
- 61 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 317.
- 62 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 322.
- 63 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 305.
- 64 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 813-814.
- 65 BÍBLIA (site) *Urim e Turim*, disponível em: <https://biblia.com.br/dicionario-biblico/u/urim-e-tumim/>
- 66 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 704.

- 67 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 110.
- 68 *Bíblia de Jerusalém*, p. 142.
- 69 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 111.
- 70 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 111.
- 71 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 879.
- 72 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 264.
- 73 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 454.
- 74 *Bíblia Sagrada Ave-Maria*, p. 950.
- 75 CHRISTIAN CLASSICS ETHEREAL LIBRARY (Site), *Antiquities of the Jews - Book VI*, disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/josephus/works/files/ant-6.htm>
- 76 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 138-139.
- 77 *Bíblia de Jerusalém*, p. 428.
- 78 *Bíblia Sagrada Barsa*, p. 222.
- 79 *Bíblia Sagrada Santuário*, p. 392.
- 80 *A Bíblia Anotada*, p. 400.
- 81 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 381.
- 82 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 169-172.
- 83 *Bíblia Sagrada Barsa*, p. 222.
- 84 *Bíblia de Jerusalém*, p. 428.
- 85 *Dicionário Prático Barsa*, p. 87.
- 86 *Bíblia Sagrada Santuário*, p. 392.
- 87 *Trad. Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, p. 382.
- 88 *A Bíblia Anotada*, p. 400.
- 89 *Trad. Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, p. 1507.
- 90 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 224
- 91 *Bíblia de Jerusalém*, em relação aos vv. 12 e 19 de 1Sm 28, p. 428-429.

- 92 *Traduções Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, p. 1514.
- 93 *A Bíblia Anotada*, p. 60.
- 94 *Bíblia Sagrada - Santuário*, p. 203.
- 95 *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, p. 660.
- 96 LEVANDO A PALAVRA (site) *Saul e a Feiticeira (L. M. Ortiz)*, disponível em:
<http://www.levandoapalavra.com/123/?p=935>.
- 97 *Bíblia Sagrada Paulinas 1980*, p. 303.
- 98 *Bíblia Sagrada Barsa*, p. 223.
- 99 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 330.
- 100 LÉPICIER, *O Mundo Invisível - Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Moderno Espiritismo*, p. 253-255.
- 101 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 329.
- 102 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 330.
- 103 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 331.
- 104 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 332
- 105 *A Bíblia Anotada*, p. 401.
- 106 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 320
- 107 *A Bíblia Anotada*, nota relativa a 1 Samuel 31,2, p. 403.
- 108 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 170.
- 109 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 172.
- 110 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 373-374.
- 111 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 61.
- 112 BRUNE e CHAUVIN, *Linha Direta do Além*, p. 50.
- 113 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 257-258.
- 114 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 362.
- 115 XAVIER, *À Luz da Oração*, p. 116.

- 116 KRELL, *Irradiações da Vida Espiritual: Ciência e Moral da Filosofia Espírita*, p. 167.
- 117 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 327.
- 118 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 64-68.
- 119 N.T.: As citações deste capítulo são extraídas da mesma pastoral indicada no precedente, e da qual são corolários. É a mesma fonte e, por conseguinte, a mesma autoridade.
- 120 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 145-161.
- 121 DENIS, *No Invisível*, p. 360.
- 122 N.T.: Ver os manuais de Teologia. por exemplo: Bonal. “Institut. Theol.” tomo I. pág. 94; “Tract. de Revelatione”. em que são expostos os principais caracteres do sobrenatural diabólico.
- 123 N.T.: No próprio seio das Igrejas o Espiritismo tem seus adeptos. O P. Lacordaire, o P. Lebrun, do Oratório, os abades Poussin, Lecanu, Marouzeau, o venerando abade Grimaud, o P. Marchal, e com eles grande número de pastores (ver “*Cristianismo e Espiritismo*”, cap. VII, enxergaram nas manifestações dos Espíritos um ato da vontade divina, exercendo-se por uma nova forma, para elevar o pensamento humano acima das regiões materiais.
- 124 DENIS, *No Invisível*, p. 363-367.
- 125 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo, Vol. 3*, p. 338.
- 126 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol. 1*, p. 694-695.
- 127 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol. 1*, p. 250.
- 128 LÉPICIER, *O Mundo Invisível - Uma Exposição da Teologia Católica Perante o Moderno Espiritismo*, p. 34.
- 129 CHAMPLIN, e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, vol. 4*, p. 371-372.

130 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, vol. 6, p. 97.

131 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 141-144.